



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0534/05	DATA: 5/5/2005
INÍCIO: 10h41min	TÉRMINO: 15h26min	DURAÇÃO: 04h45min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 04h45min	PÁGINAS: 183	QUARTOS: 56

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

Marcos Antônio da Silva Tavares – Cidadão detido sob a acusação de tráfico de armas.
Wilson Vasconcellos - Cidadão detido sob a acusação de tráfico de armas.
Oswaldo Ferreira de Oliveira - Cidadão detido sob a acusação de tráfico de armas.
Ricardo Dantas Valente - Cidadão detido sob a acusação de tráfico de armas.

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos e apreciação de requerimentos.

OBSERVAÇÕES

Transcrição *ipsis verbis*. Há oradores intervenientes não identificados. Há intervenções e expressões inaudíveis/ininteligíveis. Houve falhas de gravação. Após a oitiva dos depoentes a audiência pública foi transformada em reunião reservada.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Havendo número regimental, declaro aberta a 16ª reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar as organizações criminosas do tráfico de armas. Temos hoje na pauta da CPI acusados de grande importância. Segundo informações chegadas da imprensa, Marquinho Niterói — Marcos Antônio da Silva Tavares — compra uma tonelada de cocaína pura por mês para ser distribuída no Rio de Janeiro. E só numa gravação telefônica que foi feita ele estava encomendando 400 fuzis AR-15. Não era pouca coisa, não, 400 fuzis AR-15, pelo que está aqui. O primeiro lote seria de 100 fuzis ao preço de 115 mil dólares e que viriam do Suriname Inclusive, ele vai poder nos explicar essas coisas. Eu peço, então, que entre o Sr. Marcos Antônio da Silva Tavares. Senta ali. Peço à segurança da Casa que mantenha toda a estratégia de segurança atenta. *(Pausa.)* Informo aos Deputados que está sendo votado o Conselho da Magistratura e também do Ministério Público. O Deputado que porventura não tenha votado se dirija ao plenário para votar e depois retornar à audiência. Enquanto aguardamos, eu gostaria de dizer à população que a CPI já está evoluindo bastante nos seus trabalhos. Já conhecemos novas técnicas, novas rotas utilizadas pelo tráfico de drogas. Só para ter uma idéia do tamanho do problema, na declaração de um delegado que faz pesquisa no Rio de Janeiro, ele disse que existem 500 vendedores de armas no Rio de Janeiro, 500 traficantes de armas no Rio de Janeiro. Nós ouvimos até agora talvez menos de duas dezenas de pessoas. Isso mostra o trabalho que a CPI terá ainda pela frente, porque não adianta fazer um trabalho resumido a um ou outro traficante. Nós temos que fazer um trabalho que permita uma visão global às instituições. É lógico que nós não esperamos uma solução só com a CPI. Essa solução vai demorar alguns anos na união institucional que formos fazer no combate ao tráfico de armas. E a CPI está muito mais interessada naqueles cabeças do tráfico de armas do que naqueles que fazem o comércio varejista do tráfico de armas. Conseqüentemente, nós pedimos auxílio à população. Quando souber de qualquer coisa referente ao tráfico de armas, que ligue para o 0800 619 619. Pode ligar inclusive anonimamente para esse telefone, 0800 619 619, nos dando algumas informações. Muitas vezes uma informação simples pode ser vital para fechar um quebra-cabeça. Então, qualquer informação que venha nesse sentido é importante para nós. Na semana que vem, teremos audiência pública com o Delegado Arthur Cabral. Teremos a presença de



repórteres do jornal *Zero Hora*, que fizeram toda uma pesquisa na fronteira com o Uruguai sobre tráfico de arma; e teremos audiência com o Coronel de Infantaria Diógenes Dantas Filho, que justamente fez um trabalho de tráfico de armas no Brasil inteiro, um trabalho apresentado na Escola Superior de Guerra, acho, alguma coisa assim. Seria bem interessante esse trabalho ser corroborado aqui pela CPI. E teremos também, acredito, a presença de autoridades do Rio de Janeiro, que virão prestar depoimento especificamente sobre a questão do Rio. *(Pausa.)* O Sr. Marcos Antônio da Silva Tavares já está sentado conosco à mesa. O senhor terá o tempo de 20 minutos para expor o seu lado da questão, expor o problema do tráfico de armas hoje no País, o que o senhor vê sobre isso. Cada Deputado inscrito poderá fazer suas indagações, dispondo o depoente, também, de tempo necessário para a resposta. Poderá ser feita réplica e tréplica. Por ser tratar da oitiva de testemunha, solicito ao Sr. Marcos Antônio da Silva que preste o juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal. O senhor tem liberdade para prestar ou não prestar, se o senhor quiser. O senhor teria que falar isso em voz alta, se concordar em dizer isso.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Concordo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, pode ler em voz alta.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Faço, sob palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto ao depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal, art. 342: *"Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral."* O senhor tem a palavra por 20 minutos, se assim desejar.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei nem por que estou aqui. Vou falar o quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, o senhor prefere que os Deputados comecem a perguntar?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei nem o que estou fazendo aqui. Vou falar o quê? Se eu não sei nem do que se trata?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tá bom. A lista de inscrição prevê o Deputado Luiz Couto em primeiro lugar. É Colbert Martins. Então, tem a palavra o Deputado Colbert Martins.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu gostaria que você informasse sobre armas vindas do Suriname. Você já fez algum tipo de compra de armas do Suriname?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Em primeiro lugar, eu não mexo com armamento, não gosto. Segundo, não tem uma pessoa que rodou e dissesse que algum armamento era meu, não existe, porque eu não gosto de mexer com arma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Você conhece algum tipo de informação de compra ou venda de armas que vêm do Suriname?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, porque eu não mexo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essas compras de armas não são... Não existem armas no trabalho que você faz, essas armas não circulam, armas tipo fuzil?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não mexo com arma, eu nem sei do que está se tratando isso, porque eu não mexo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Tem uma degravação feita pela Polícia Federal, na qual a informação atribuída a você é de que compraria 400 fuzis AK-47 no Suriname.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Desconheço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Desconhece?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Desconheço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E você está respondendo por quê? Qual é a razão pela qual você está respondendo nesse momento?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu estou respondendo numa associação. Pegaram eu e minha família toda, lá no Espírito Santo, onde meu pai deixou uns negócios lá para a gente... Pegaram eu e minha família toda e trouxe para a cadeia. Prendeu todo mundo, porque eu tenho uma rixa com o Secretário, que hoje é o marido da Governadora. Nós não se bate porque somos da mesma terra, de Campos. Então, eu fiz uma festa lá em Campos para cidade, para orfanato,



esse negócio, porque meu pai é de lá e coisa... Aí eu fiz uma festa, e o Garotinho veio para poder fazer... falar um discurso lá na festa e eu não autorizei. Não autorizei. Aí, ele falou que ele ia arrumar um problema comigo, que ia me botar na cadeia. Eu sem nada, sem ter nada, me trouxe eu e minha família toda para a cadeia.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Há envolvimento com tóxicos, com venda de tóxicos ou entorpecentes também?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não existe materialidade. Eu nunca... Eles falar? Fala. Mas cadê a materialidade que nunca existiu?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Você estava no Espírito Santo, então?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Estava no Espírito Santo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E essas acusações que aqui são colocadas, você não tem nenhum tipo de vinculação?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu desconheço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Toda sua família tá...?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Já saíram. Estão todos trabalhando. Só eu que fiquei preso. Ainda me deram mais 10 anos e 6 meses, em um 12, sem ter o 12.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não entendi.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu ganhei 5 anos e 6 meses na associação. Aí o Promotor recorreu, me deu mais 10 anos e 6 meses, num 12, sem ter o 12, a materialidade.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Estou entendendo.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Entendeu? Ainda por perseguição em Bangu I, ainda chegaram lá e me deram um forjado de mais um 12, dentro de Bangu I.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nessa gravação que temos conhecimento aqui, está publicada nos jornais, fala na compra de aeronave para trazer armas. É isso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Como que eu posso... se eu estou preso.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Esse tipo de... Você não tem nenhum conhecimento sobre gravação?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não tenho.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nem nunca trabalhou, nem nunca transacionou com nenhum tipo de arma? Já foi ao Suriname alguma vez?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Nem conheço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não sabe nem onde é. Ok., Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra o Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Marcos Antônio da Silva Tavares, o senhor é também conhecido por que nome? Por apelido?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Meu nome era Marcos, Marcos Antônio da Silva Tavares, porque eu sou empreiteiro. Meu pai era um grande construtor no Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas você é conhecido também... Tem um apelido também?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. O apelido quem botou foi a mídia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A mídia? Marquinho...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A mídia botou Marquinho Niterói. Foi a mídia que botou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, há uma acusação, inclusive do Ministério Público, que o senhor, juntamente com Fernandinho Beira-Mar, vocês controlam o tráfico no Rio e também a venda ilegal de armas. Venda ilegal de armas e drogas *in natura* seriam feitas pelo senhor e pelo Fernandinho Beira-Mar. Qual a vinculação que o senhor tem com Fernandinho Beira-Mar?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Nenhuma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nenhuma? E essa acusação, porque é acusação que o Ministério Público faz a partir de conversas que foram gravadas, de conversas de vocês em Bangu I. O que o senhor diz disso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu desconheço.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Desconhece? Mas aqui diz o seguinte: que pessoas presas em Bangu I mostram que Marquinho compra uma tonelada de cocaína pura por mês. O senhor...?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Desconheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Desconhece. E que houve uma operação, um mês depois, no presídio, e que foram apreendidos celulares de vocês. Você teve algum celular que foi...?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, no meu cubículo. Acharam, sim, mas em outras coisas, não no meu cubículo. Não na minha cela, falar assim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na sua cela. Mas veja, Marcos, você diz que não tem qualquer conexão com Bangu e com o Suriname.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você nunca entrou em contato com...?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Com o Suriname, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E como é que aqui há uma...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Tinha de ter o número. Tá falando aí tinha que ter o número do Suriname né. Se telefonou tinha de ter o nome aí, né?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, tem. O senhor tem. O senhor conhece uma figura, uma pessoa que é o contato de nome César?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Desconheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Desconhece. Olha aqui: "Grampeado pela Polícia Federal, o traficante Marquinho Niterói negocia a compra de fuzis AK-47, de fabricação russa. Diz ainda que pretende comprar uma aeronave para trazer o contrabando de armas do Suriname para o tráfico de droga do Rio de Janeiro. Essa é uma acusação que foi a partir da gravação de conversas..."

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É, mas aí tem de provar se isso daí é meu, porque não tem só eu lá. Não tem só um Marcos lá dentro de Bangu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas Marquinho Niterói só tem um.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Marcos, Marcos, A Polícia Federal é quem indaga os vulgos...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu acredito que a própria voz seja uma digital também. Então, não tem muito problema nisso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, quer dizer, a partir do momento em que o Ministério Público faz uma denúncia, a partir de investigações da Polícia Federal, ou seja, ela faz todo um levantamento para identificar a sua voz

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É, mas já que tem a denúncia, já que estava na escuta, por que não esperou e pegou para consumir, já que tinha realidade que eu estava mexendo com alguma coisa, fazendo algum contato?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o senhor nega que não fez qualquer...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não mexo com arma. Eu não gosto. Eu não gosto, porque arma traz, entendeu, perigo. Eu não mexo. Eu não mexo. Não adianta que eu não mexo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse César o senhor diz que não conhece?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Diz que o senhor... O senhor diz que não teve nenhuma relação com Beiramar.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Só na cadeia, quando ele teve lá junto comigo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas dizem que o senhor é o discípulo de Beiramar. O senhor, inclusive, tentou tomar área que era de droga do Sr. Fernando Beiramar.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, porque, primeiramente, eu não tenho boca-de-fumo nem favela, porque eu não gosto. E eu não tenho soldado. Eu não tenho... Quem vai tomar que boca? Eu vou botar quem? Meus 5 filhos de 5 anos e 4 anos para tomar boca-de-fumo? Para que eu quero boca-de-fumo. Minha família já me deixou numa situação boa. Meu pai já me deixou na situação boa, que meu pai trabalhava com Nilo Batista Brizola, na época que ele estava na coisa. Então, eu sou de família de classe média. Eu não tenho necessidade de entrar, de pegar favela. Eu nem vou em favela.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na fala diz o seguinte, o senhor falando: *“Tô querendo comprar uma aeronave para trazer ferramentas, ferramentas. Lá é o canal. Estou querendo comprar uns bicos”*.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Mas para quê? Eu não mexo com... Não adianta que eu não mexo. Nunca nem a Polícia Federal, nem ninguém...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o senhor não mexe nem com arma nem com droga.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, eu não mexo com nada, porque até hoje eles não encontraram nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, porque o senhor está preso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Porque eles fizeram forjar de mim. Me botaram na cadeia sem flagrante.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem forjou isso aí?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Isso aí foi a Federal, que foi na escuta. Pegou os policiais que estavam querendo me extorquir um dinheiro e aí me trouxe tudo preso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem que queria extorquir o senhor?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A Polícia Civil.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor identifica o nome das pessoas que queriam fazer extorsão?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Estão tudo preso aí, oh. Vieram tudo preso agora. Vieram a ser condenados depois de 6 anos de cadeia, porque eu estou tirando 6 anos. Agora que veio a condenação deles.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor sabe o nome dessas pessoas que tentaram extorquir o senhor ou que extorquiram o senhor?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. A Polícia Federal é que falou que eles iam me extorquir.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor sofreu alguma extorsão, durante o tempo em que o senhor se encontra preso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Não. Não estava preso, não. Estava na rua.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o seguinte: a matéria, que é a partir de grampeamento autorizado, aqui diz que o senhor tem uma rota do Suriname para o Rio de Janeiro, que essa rota funciona.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Já que tem o contato, né, se liga para o Suriname, tinha de ter o telefone aí da bina para poder confirmar isso aí, porque eu nunca liguei nem sei quem é, nem conheço o Suriname.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E nem ninguém, no Suriname, o senhor tem contato?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não tenho contato.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na fala, dizem que o senhor disse qual o preço do bico lá, e César responde um mil e quinhentos dólares, mas tem até de um mil.

O senhor continua dizendo que nunca...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Desconheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... encomendou armas, fuzis AK-47?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu desconheço. Eu não mexo...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca utilizou?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, eu não mexo. Eu não ando nem armado na rua. *(Risos.)* Não preciso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A matéria diz que também o senhor teria alguma ligação com Elias Maluco.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Ele está lá na galeria comigo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está na galeria.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Junto comigo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas em termos de atividade criminosa o senhor teria alguma relação?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Não, porque ele estava na rua e eu estava preso. Lá em Bangu I tem bloqueador.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, por enquanto...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Marquinho, esse telefone... Por que tu falas qual é o número que...?



O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É porque estão falando aí que eu liguei pro Suriname, pra ligar pro Suriname, pra polícia que está rastreando pegar a pessoa que eu deveria estar falando lá, se realmente eu estivesse fazendo algum contato lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, esse é um rastreamento oficial. Só não vai pegar o número se for aquele telefone direto por satélite. Aquilo só alguns equipamentos especiais é que pegam. E os traficantes do Rio já sabem que aquele equipamento já está sendo utilizado por eles. Por isso é importante nós termos essa possibilidade do rastreamento via satélite. E a maioria sabe que ainda, tecnicamente, não tem essa possibilidade de rastreamento via satélite de celulares que são diretamente ligados ao satélite. Então, essa é a razão muitas vezes de tu estás falando mas não tem o número, não sei o que... Quer dizer, sabe que essa conversa aqui... Independente de número ou não número, tu tivestes uma conversa com o César. *Estou querendo comprar uma aeronave pra trazer ferramentas. Lá é o canal. Estou querendo comprar uns bicos.* Depois tu explicas o que é bico. *Fala com o amigo lá. O Suriname é o apoio para o tráfico internacional.* O César diz com todas as letras: *O Suriname é o apoio pro tráfico. Qual o preço do bico?* Aí o César diz: *1.500, mas tem de até 1.000.* Marquinho: *Estou com um cara que botou o Fernandinho lá no Suriname. Pô, um AK — AK é o AK-47, aquele fuzil metralhadora — custa 1.150 cada peça, cada 100 peças que pegar. Tenho que comprar um avião pra isso.* Quer dizer, de cada 100 peças de AK-47, o preço iria pra 1.150. Aí, o que tu dizes: *Quando eu sair na rua vou fechar a parada dos fuzis do Suriname. Se cada um botar 115 mil dólares, nós vamos pegar 400 fuzis.* Quer dizer, tu e mais 3 possivelmente iam comprar esses fuzis. *Quando eu sair, vou direto para o Complexo — Complexo do Alemão — e vou falar com o Doido — Elias Maluco — pra dividir as tarefas com ele.* Quer dizer, isso tudo, está comprovada a tua voz nesse negócio, compreendeu? E aí o que tu tens pra falar disso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu tenho pra falar simplesmente que eu não sei de nada disso, desconheço isso aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bem, eu vou passar a palavra à próxima inscrita, Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Marquinho, você já está condenado? Está em Bangu condenado?



O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Já.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quantos anos?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Dezesseis anos, vinte e dois anos ao todo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vinte e dois anos.

Você está condenado por tráfico de drogas, não é isso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Hã?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por tráfico de drogas?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vinte e dois anos de cadeia...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Vou tirar quinze.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você vai tirar quinze.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quantos anos você tem?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Quarenta e um.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quarenta e um.

Você sai de lá...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, eu já estou tirando onze.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já está tirando onze? Então só tem mais quatro.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É, faltam quatro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, você vai sair da lá jovem ainda, com quarenta e cinco, não é?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu espero que você queira sair de lá não para continuar negociando droga ou utilizando armas — não é isso o que você quer? Eu também acho que é. Quando nós éramos vários Deputados daqui, principalmente o Deputado Moroni Torgan, da CPI do Narcotráfico, seu nome apareceu muitas vezes ao lado do Fernandinho Beira-Mar...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Mas porque ele estava na galeria comigo.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não era só por isso que apareceu, né...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não é isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu não vou discutir droga com você, porque não é tema da CPI. Mas é óbvio que na organização, ou nas organizações do nosso País, especialmente do nosso Estado, vocês não podem trabalhar sem arma — concorda? Dá para trabalhar sem arma?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não (*ininteligível*) desse ano. Qual o problema de eu andar sem?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não estou dizendo para você andar sem arma; mas trabalhar no tráfico sem arma não dá.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Mas que tráfico? Eu vou trabalhar com tráfico onde?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não é agora, não. Lá na sua organização.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, é o que eu estou falando: eu vou trabalhar com o tráfico onde se eu não tenho boca-de-fumo, eu não tenho favela, eu vou trabalhar onde, eu vou comprar bico, eu vou comprar, conforme vocês estão falando, vou botar onde?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O quê que é bico?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, sei. Eles estão falando aí bico, bico... Para mim é o bico, acho que é meu bico, ou alguma coisa... eu não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O quê que é? Boca?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É, pode ser boca.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você compra boca?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Hem?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Dá para comprar boca?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Dá pra mim falar com a boca.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas comprar boca dá?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, dá para mim falar com a boca.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas a frase que você usou foi: “*Estou querendo comprar uns bico.*” Se dá para comprar boca, você diz onde é o mercado, porque o povo que não consegue beijar vai comprar, né?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Quem sabe? De repente eu posso mandar fazer uma plástica para botar um biquinho a mais...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É isso, só se for isso.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É mais fácil.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo.

(Intervenção inaudível.)

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É um professor; é um craque. Vamos lá!

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Sou analfabeto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas não quer dizer que seja burro!

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Só sei escrever meu nome.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. Mas vamos lá. Você já foi ao Suriname alguma vez?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca saiu do Brasil?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Nunca saí do Brasil.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nem seu pessoal?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Que pessoal? Eu não tenho pessoal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, sinceramente, eu não vou perder meu tempo. Ele não vai falar absolutamente nada, é cobra criada.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Mas não tem nada pra falar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele não tem mais o que perder. Faltam 4 anos para ele cumprir, como ele disse. É óbvio que não se faz tráfico de droga sem arma. Está gravado, constatada a voz, constatado que foi ele que falou, ele já está preso. O que a gente tem que tentar é seguir a rota que ele comenta e chegar...



O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sra. Deputada, um aparte.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Com o aparte V.Exa.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Tanto a senhora quanto o Deputado Moroni Torgan falaram da gravação. Vocês ouviram essa gravação.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, ela está degravada aqui.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Vocês não ouviram?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, claro que não, mas ela consta como degravação. Ela está degravada oficialmente.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu só perguntei porque vocês falaram com tanta certeza que eu achei que vocês tinham ouvido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, ele está lendo a degravação. Deputado, o senhor é de São Paulo, como eu do Rio, nós sabemos quais são as conseqüências. A conexão deles lá em São Paulo é o Leozinho da Vila Ipiranga. Eu não conheço bem os de São Paulo, mas os do Rio eu conheço. Então... Ele não vai, ele não pode, nem que ele quisesse... Ele não vai dizer nada. Ele não quer falar mesmo, mas, se ele quisesse, ele não ia falar.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - A senhora que é do Rio, identifique qual é esse jornal, o segundo jornal da conexão Bangu-Suriname. O primeiro é o *Globo*, o segundo jornal...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Qual? Aí eu não sei...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - O primeiro jornal é *O Globo*; o segundo jornal...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só a assessoria. Não sei. Eu recebo tanto quanto o senhor o documento. Mas a gente tem aqui o relatório do Tribunal. Eu só acho que... O relator é o André, que é um Procurador... Sinceramente...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Essa citação que a senhora fez aí, esse Leozinho da Vila Ipiranga é do Rio de Janeiro, ele só está preso em São Paulo, viu?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vila Ipiranga é em São Paulo.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vila Ipiranga não é no Rio de Janeiro.



O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Leozinho da Vila Ipiranga, que está preso em São Paulo — ele não é de São Paulo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vila Ipiranga é em São Paulo, meu querido.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Lá é bairro do Ipiranga, não é Vila Ipiranga, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas Vila Ipiranga não tem no Rio.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Então, deve ser na Baixada, em qualquer outro lugar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pode ser. Não sei. De onde é que ele é, você sabe?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca ouviu falar nele. Fernandinho é só porque estava na mesma galeria?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Estava na minha galeria.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E Elias Maluco está na mesma galeria?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Está na mesma galeria.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, estava.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não o Fernando. O Elias está. O Fernando que não está. O Elias está.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, o Fernando está preso em São Paulo. Esteve.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, mas o Elias está.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, eu não consigo imaginar o que perguntar, porque ele vai responder tudo “não”. Vamos perder tempo aqui. Ele vai dizer sempre que não tem tráfico de droga, que ele é um injustiçado, que não tem tráfico de arma e que não precisa de arma no bando.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu tenho, será, alguma quadrilha, alguma coisa que vocês já prenderam alguém da minha quadrilha, para dizer que eu tenho um bando? Eu não tenho quadrilha, eu não tenho nada. Como é que vocês estão dizendo que eu tenho um bando?



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não estou dizendo que o senhor tem bando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa eu fazer um esclarecimento, o quê que o Ministério Público fala de ti, aqui, que é interessante. *O Ministério Público acredita que o Estado do Rio foi loteado por dois traficantes de drogas, Luiz Fernando da Costa, Fernandinho Beira-Mar, e Marcos Antônio da Silva Tavares, o Marquinho Niterói. Novos trechos de conversas de bandidos presos em Bangu I mostram que Marquinho compra uma tonelada de cocaína pura por mês. As gravações foram divulgadas ontem, um mês depois da operação no presídio que apreendeu celulares dos criminosos. Isso para ter uma idéia. Beira-Mar e Marquinho Niterói são dois grande importadores e distribuidores de droga in natura e armas no Estado, afirmou — não foi qualquer um que afirmou, não — o Procurador-Geral de Justiça. Foi quem afirmou. Marquinho Niterói, também conhecido como Marquinho Paraíba, distribuiria entorpecentes em Niterói, Grande Rio e interior do Estado. Ele compra cloridato de cocaína, cocaína pura, para depois misturá-la e vendê-la. Durante conversa entre Marquinho e um cliente, ele comentava que tem 53 pontos de vendas de drogas. Cinquenta e três pontos de vendas de drogas.*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um aparte, Sr. Presidente. Só para V.Exa. saber e V.Exa. se lembrar, no relatório da CPI, portanto, há 2 anos, quase 3 anos, não é? O relatório da CPI do Narcotráfico termina, pelo menos o relatório do Rio termina dizendo o seguinte: *“Com a saída do Fernandinho Beira-Mar do esquema de tráfico do Rio de Janeiro, surge um novo personagem, que, de alguma maneira toma o controle das ações que eram do Fernandinho.”* É assim que termina o relatório. E eu estou falando de 3 anos atrás. Eu não tenho nenhuma dúvida... Quatro anos.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Há 4 anos ele já estava preso, não estava?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Ele falou agora aí.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Estou há 6 anos presos. Que isso?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor acha que preso ou não preso no Rio de Janeiro não se controla tudo? Eles conseguem seqüestrar de



dentro da cadeia, imagina controlar a droga. De dentro da cadeia, hoje em dia — pelo menos é o que a gente tem acompanhado da cidade do Rio de Janeiro e do Estado de São Paulo — estão seqüestrando, seqüestro de mentira, aquele seqüestro, e não sei nem o nome que dão, que é um suposto seqüestro, que a pessoa está trabalhando...

(Não identificado) - Falso seqüestro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... de dentro da cadeia. Imagina controlar a droga no Rio de Janeiro. É mole. Todo mundo tem celular. Eu fui visitar, com a Comissão de Segurança — V.Exa. foi conosco...

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - É que eu não conheço de droga, por isso estou estranhando.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não conhece de droga?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Não conheço de tráfico de droga. Estou estranhando.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É, mas eu não estranho não, porque a gente... E não dá para fazer tráfico de arma sem tráfico de droga. Oh, tráfico de droga sem arma. Como é que faz? Como é que passa?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Olha só. Deixa eu fazer uma pergunta. Vocês estão há 4 anos me investigando.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu não estou lhe investigando não.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Nesses 4 anos, não. Não, 6 anos me investigando (*intervenção inaudível*). Entendeu? Seis anos me investigando, prenderam o pessoal do Fernando. E o meu? Prenderam ninguém? Não existe o meu pessoal?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aqui, na verdade... Não, tu já estas preso. Não precisa ser preso de novo. Entendeu?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Prendeu o pessoal do Fernando. Prendeu o pessoal que trabalha para o Fernando. E para mim, há 6 anos, nunca rodou ninguém?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Marquinho, quando você surgiu no mercado, apareceu forte no mercado do Rio de Janeiro, a CPI acabou. Então, a gente não investigou você.



O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Eu estava na CPI, que você estava na CPI lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Diferente de ter investigado o Fernandinho Beira-Mar.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Você estava na CPI lá, quando eu fui preso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Eu sei, mas você não foi investigado pela CPI. Quando a CPI acaba é que você surge como fenômeno no Rio Novo. A gente foi até o Fernando e você não deu. Então, é impossível dizer. Mas provavelmente, aliás, não tenho dúvida de que o Ministério Público do Rio de Janeiro deve ter investigado você.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Investigou e até hoje não encontrou nada e nem me prejudicou em nada.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Esse cidadão não faz perguntas aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É verdade.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele só deve falar quando for perguntado ou investigado. Afinal de contas ele está aqui para ser investigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas não tem problema nenhum. Ele tem liberdade de falar, desde que não haja um tipo de agressão a qualquer membro da CPI. Claro que perguntas quem vai fazer é a CPI.

Mas é interessante a evolução desse questionamento, é muito interessante. Eu sinto mais falta dos Deputados do Rio aqui, porque só está a Deputada Laura aqui. Sinto falta dos demais. Gostaria de passar a palavra, então, à Deputada Perpétua Almeida.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Marco Antônio — é esse o seu nome, não é? Você foi preso por que mesmo? Por que você está na cadeia hoje?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Porque eles estavam investigando uns policiais e, pelos policiais, chegaram a mim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas chegaram a você por quê?



O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Porque eles estavam escutando uma gravação dos policiais, falando que iam lá me extorquir e iam me matar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Mas aí como é que você entrou? Se iam te matar, você era a vítima, nessa história toda, não é verdade? Então, eu não entendi ainda como é que se prende uma vítima. Por que você está preso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu estou preso, porque eles prenderam os policiais que iam me extorquir.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não. Então, tinham que prender só os policiais, você não.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Prendeu eu, meu advogado, meus três irmãos, minha mãe, entendeu? Os policiais...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas qual é a justificativa da sua prisão?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Da minha prisão?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eles me falaram a associação ao tráfico.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, me diga como é que foi isso. Como é que eles chegaram no seu nome, sem ser apenas com essa... Ninguém prende ninguém só porque ouviu uma gravação que vão matar fulano. Portanto, o fulano era a vítima.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eles simplesmente extorquiram a mulher do Fernandinho Beira-Mar lá em Ponta Porã.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E ela disse o quê de você?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Hã?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ela disse, então, o que de você?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, ela não. Entenda: eles, os policiais, extorquiram a mulher do Fernando em Ponta Porã. Então, a Polícia Federal estava investigando a eles.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo, mas a sua prisão, por que que foi?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Aí, o que aconteceu? Eles estão conversando sobre outros, falando que vão me extorquir o dinheiro e vão me matar. A Federal interceptou essa ligação, esperou-os ir, entendeu? Eles não foram e a Federal soube onde eu estava, que eles iam lá me pegar. A Federal foi lá primeiro, me pegou e prendeu eles, com todo mundo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, você está preso hoje para ser protegido? Para não o matarem? Por isso que você está preso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Eles me botaram na associação, porque a Polícia Federal queria que eu falasse que eles me extorquiram dinheiro. Eles não me extorquiram dinheiro nenhum.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que diz lá na documentação acerca da sua prisão?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Aí...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você não leu? Nem o seu advogado? Portanto, você nem sabe por que está preso.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não me lembro, porque estou há 6 anos trancado dentro de Bangu I, e dentro de Bangu I dá muita amnésia na gente, entendeu? A gente esquece muito das coisas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Diga-me uma coisa. Eu não tenho como ouvir a sua voz, mas essa degravação da fita diz o seguinte. Marquinho é você, não é isso?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Marcos Antônio sou eu.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aqui diz: "*Você conhece alguém no Suriname?*" Você perguntou isso para quem?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei. Eu não perguntei para ninguém.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, vou continuar. Aí, um César responde: "*Conheço, sim*". Aí, o suposto Marquinho, que dizem aqui que é você — pode ser que não seja mesmo —, diz o seguinte: "*Estou querendo comprar uma aeronave para trazer ferramentas, armas. Lá é o canal. Estou querendo comprar uns bicos, uns fuzis*". Você disse isso para quem?



O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não disse isso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Por que você acha que estão dizendo que a voz na fita é sua?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É a mesma coisa...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem você acha que fez isso com você, imitou sua voz, gravou a fita?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu tive até problema com a minha família lá dentro do presídio, porque apareceu uma gravação: "*O Marquinho botou tantas mulheres lá dentro do presídio*". Não era eu, não tinha nada a ver comigo, acabei segurando a (*ininteligível*).

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Será que não foi num dos momentos de amnésia que você gravou essa fita? Porque a polícia diz que a voz é sua.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A polícia dizer é uma coisa e provar é outra.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A polícia está errada?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Ué...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Diga "sim" ou "não".

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A senhora acha que a polícia está sempre certa?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Eu acho que ela está certa neste caso.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A senhora acha que está certo nesse aí? Prender uma família toda sem flagrante, sem nada?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não. Estou perguntando sobre você. Você está dizendo que a voz não é a sua. Então, vamos fazer o inverso: quem você acha que tramou isso contra você, gravou? Quem você acha que queria ver o seu fim lá dentro?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não acho ninguém, eu não acho ninguém.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Presidente, daqui a pouco retomo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado. Deputado Neucimar Fraga quer fazer alguma pergunta? Então, Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Marco, você disse que é analfabeto. Você falou: "*Eu sou analfabeto*". Falou isso, não foi? Mas, como é que você é analfabeto, dizendo que só sabia escrever o nome, mas você leu muito bem aí o compromisso de dizer a verdade.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Eu pedi... Eu li, não entendi a letra e pedi o polícia para ler para mim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí? Na hora aí, quem leu foi o policial? Não, aí, você, no momento em que o Deputado Moroni Torgan pedia para que você lesse o compromisso de dizer a verdade, você leu o compromisso.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Mas muito mal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pelo contrário. Eu acho que ...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Só estudei até a 3ª série.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse analfabeto, eu acho que você sabe muito. Talvez seja a amnésia também que teve, não sei.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não é amnésia, não. É porque eu sou ruim de escrever.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você já morou na Paraíba?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Trabalhou na Paraíba?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não esteve lá? E esse nome Marquinho Paraíba vem de onde?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Isso aí tudo foram os policiais que botaram esses vulgos meus.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vulgo quer dizer: a polícia inventa nome para os...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vulgo é apelido.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você, na cela em que você está em Bangu I, além de Elias Maluco, quem mais se encontra na cela onde você está?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - O Isaías, o Marquinho, o Márcio Cândido, o Sombra, o Aldair.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na informação que tem, diz o seguinte: que você, além de Marquinho Niterói, Aldair Marlon Duarte, o Aldair da Mangueira — é isso mesmo, o Aldair da Mangueira, conhecido?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É o Aldair.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ricardo Chaves da Costa, o Ricardo Fu; o Playboy, Márcio Silva Macedo, o Gigante e, na gravação, fala dessa relação entre o gigante e o gerente do tráfico de Jacarezinho. Você tem alguma vinculação com o tráfico na Favela de Jacarezinho?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não tenho vínculo nenhum com favela nenhuma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você, antes de ser preso, morava aonde?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu morava lá no Espírito Santo, em Campos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em Campos. E antes de morar no Espírito Santo?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Campos é Rio de Janeiro, Sr. Presidente.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É porque é divisa: Estado do Rio com o Espírito Santo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Vou defender o Espírito Santo aí, porque...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É porque é divisa: Estado do Rio com o Espírito Santo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas antes de morar em Campos, você morou em algum outro local?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu moro na Rua 15 de Novembro, 260.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas morou em algum outro local?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Centro de Niterói.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Niterói. No Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Centro de Niterói.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Na cidade de Niterói, que é uma cidade colada ao Rio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas, na cidade do Rio de Janeiro, você morou alguma vez em alguma região do Rio?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Só Niterói.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só Niterói. Você diz que não tem qualquer vinculação com Fernandinho Beira-Mar. Só que o Ministério Público e a Polícia Federal afirmam que você já fez parte do bando de Fernandinho Beira-Mar, com quem aprendeu a trabalhar como fornecedor de drogas na mesma facção criminosa. O que o senhor diz dessa acusação?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Acusação falsa, porque eu e o Fernando, a gente quase nem conversa, nem se fala direito. Se você olhar num processo que tem lá em Bangu, vai ver que tem coisa de eu conversando, pedindo até para não ficar mais na galeria, porque o Fernando estava arrumando um processo para mim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Até um plano para que o senhor saísse de Bangu I e fosse para o Complexo do Alemão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu queria só um aparte ao que ele falou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por que você acha que o Fernandinho Beira-Mar de alguma maneira quis te tirar da galeria, ou era contra você?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não quis me tirar, não. Foi porque começou a polícia a fazer busca e apreensão lá, vir só na minha direção, e eu já não gostei. Simplesmente só foi isso. Aí parei de falar com ele, nós paramos de nos falar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha só, Marquinhos, o objetivo desta CPI não é drogas. Eu acho até que o teu forte é drogas, mas...não é que a gente não gostaria de investigar, não é a nossa função.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, mas a questão...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nossa função é arma. Deixe só falar a você uma coisa. Então, nosso objetivo é saber, ou que você nos ajude, na



medida em que você disse que faltam 4 anos de cadeia, que você quer viver numa boa, tentando acreditar nisso, e a presunção é que a gente acredite nas pessoas.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, eu vou dizer. Eu estou há 10 anos no crime.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espere aí, deixe só eu terminar.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Estou há 10 anos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu sei que você está há 10 anos, mas, se Deus quiser, vai sair um dia. O que a gente quer de você... Ninguém aqui quer que você diga rota de tráfico de drogas; nosso problema, nosso trabalho hoje na CPI é a questão do tráfico de armas. Por isso é que você está aqui. Quando vem a informação de que você teria uma rota com o Suriname, a gente não está... Se nessa rota você faz drogas, a polícia está investigando, não somos nós. Nosso objetivo é saber qual é a rota de armas que acontece no País. É isso. A gente quer saber de armas.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Então, eu simplesmente vou deixar vocês sem continuar sabendo, porque nem eu sei, porque eu não mexo com armas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas... Não estou dizendo que você mexa, mas eventualmente vocês comprem armas.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, porque eu não compro, eu não mexo. Eu não mexo com armas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, Marco, por que essa briga de Fernando contra você, querendo até tirar você de lá?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Porque ele depois... Não, foi uma briga só assim, mas ele não me tirou, não. Nós ficamos na mesma galeria, mas só não se falava...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas por que é que ele queria?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Porque ele, depois que chegou lá, começou a polícia começar a perturbar, a entrar no meu cubículo, que é onde eu fico, para fazer revista, com busca e apreensão a toda hora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Foi a promotora no meu cubículo...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E aí o Fernandinho Beira-Mar tomou as suas dores e disse: *“Olha, tem que tirar você de lá; você tem que sair de lá”*.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Eu que cheguei para o Fernando: *“Aí, Fernando, você já chegou e já está começando a arrumar problema aqui. Ó, a polícia arrumando problema. Estou com 5 anos de cadeia, você vai acabar arrumando cadeia para mim.”* Acabou que aconteceu, me deram mais 10 anos e 6 meses.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas aí, é o seguinte, esse relacionamento seu com o Fernandinho Beira-Mar se deu na cadeia, ou o senhor tinha antes de o senhor ser preso?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu conheci ele na cadeia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na cadeia.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Lá na galeria.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na galeria.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - *(Início inaudível.)* O que a gente apurou lá atrás, na CPI, posso estar errando, mas que eu me lembre, não é que eles eram do mesmo grupo, não. Ele teria sumido não porque era do grupo... Até porque o grupo do Fernandinho, de alguma maneira, acabou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, pelas gravações que têm aqui, que foram repassadas pela Polícia Federal ao Ministério Público, diz que o senhor, aproveitando da prisão de Fernandinho Beira-Mar, o senhor conseguiu, quis substituir o Fernandinho Beira-Mar na região. E que Fernandinho Beira-Mar, sabendo que o senhor estaria querendo tomar o lugar dele, teria tomado medidas contra o senhor, que estava solto. E que, em razão disso, era preciso também colocá-lo também em Bangu I. O que o senhor diria dessa informação?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Isso é informação errada. Nós só tivemos assim um bate-boca, só, mas depois nós...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Bate-boca por causa de quê?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Por causa disso que eu falei, que ele chegou lá e logo depois já começou a polícia a invadir lá a galeria, querendo me arrumar processo, que me forjou até no... Entendeu? Mas isso aí... Depois, nós se fala, mas é só *“oi”*, *“oi”* e *no* coisa. Ele é meu amigo, eu sou amigo dele, mas...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor tem alguma relação com o Leozinho, da Vila Ipiranga, que está preso em São Paulo?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu nem conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Leomar?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - O Leomar já escutei na televisão passar, mas não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não já...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Já vi na televisão, mas...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não falou nunca com o Leomar?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não tem... Como vou falar com ele, não conheço ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não teve nenhum contato com o Leomar?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não conheço ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E com os outros que estão na sua cela, antes de o senhor ter sido preso, o senhor teve algum contato anteriormente?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Com o pessoal da minha galeria?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu falo com eles todo dia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, mas antes de o senhor ser preso, na galeria. Fora, quando o senhor estava solto, o senhor teve algum contato com algum deles?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não conhecia ninguém, não. Vim conhecer o pessoal todo depois que vim preso. Não conhecia ninguém, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra o Deputado Bosco Costa.

O SR. DEPUTADO BOSCO COSTA - Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, não precisa ser inteligente, ou muito inteligente, para perceber que o Marquinhos, o Marco, ele não fala nada. Há um ditado lá no Nordeste que diz: não se tira leite em bois; tira-se leite em vacas. Na verdade, isso me preocupa muito, porque tanto eu quanto o Deputado Luiz Couto, que estivemos no ano passado à frente de uma Comissão Parlamentar de Inquérito que investigava as milícias



privadas no Nordeste, percebemos muito bem como cresce o clima organizado no Brasil: o tráfico de armas, o tráfico de drogas, o roubo de cargas, de caminhões. Infelizmente, Sras. e Srs. Deputados, o Estado brasileiro ainda não se conscientizou do tamanho desse crime organizado. Entendo perfeitamente que, se não houver um investimento em segurança pública, se os Governos, a partir dos Municípios, dos Estados e da própria União, se não conseguirem recursos financeiros, materiais, humanos, a coisa no Brasil vai a cada dia se agravar mais; enquanto houver penitenciárias em regiões metropolitanas, onde os presos têm telefone celular e, de dentro dos próprios presídios, comandam o crime organizado. Enquanto as polícias não têm equipamento, não têm armamentos sofisticados, o crime organizado os tem. Então, temos, sim, de nos conscientizar de que temos de investir em segurança pública. Lamentavelmente, Marco, parece-me, pelo que ouvi aqui, que você foi preso, está preso, condenado, e é uma pessoa totalmente inocente, pelo seu depoimento. É lamentável, é lamentável que isso aconteça. E você — desculpe-me —, semi-analfabeto, com essa inteligência! Imagine se você fosse uma pessoa que tivesse um nível, um grau de instrução elevado! Acho que você seria uma pessoa muito eficiente em qualquer setor, em qualquer segmento da sociedade. Mas, infelizmente, Sr. Presidente, acho que é tirar leite em bois fazer qualquer pergunta ao Marco. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixe-me dizer, a importância desses depoimentos é a seguinte: nós temos que sentir das pessoas se há um grau de arrependimento ou não. Nós temos que mostrar à população qual é o interesse da pessoa de se recuperar, de ajudar, e coisa parecida.

É claro que aqueles que vêm aqui e pensam que estão enrolando a CPI ou coisa parecida, na verdade eles estão dando subsídios para que a CPI possa entrar com ações posteriormente para mantê-los fora do convívio com a sociedade, é essa que é a verdade. Se a pessoa vem aqui, mostra boa vontade, quer colaborar e tudo o mais, nós vemos que a pessoa realmente está arrependida. Se a pessoa vem aqui, faz piadinha, faz joguete, nós vemos que não tem a mínima condição de arrependimento. Essa é a avaliação. Por isso, muitas vezes, o povo fica meio intrigado: *“Por que trazem um homem desses aqui, se ele, na verdade, não quer falar coisa nenhuma?”* Para dar oportunidade a ele de falar.



O SR. DEPUTADO BOSCO COSTA - Pedindo um aparte a V.Exa., digo que acredito, Sr. Presidente, ser de suma importância, até porque, se a gente não ouvir essas pessoas, a gente mantém um pensamento totalmente diferente do que acontece. Então, é importante mesmo para a CPI que venham pessoas iguais ao Marco. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E a gente fica sabendo aqui, Marco, se a pessoa está de boa fé ou está de má-fé. Aqui nós temos não um juiz; são dezenas de juízes, que vão analisar tudo isso que você está falando e tudo o mais. Cada Deputado está no papel de juiz na investigação. A CPI tem um poder de Justiça na investigação. Portanto, temos essa possibilidade, e essa é a grande chance que você tem de colaborar nesse sentido. Agora, também é a chance de você mostrar o seu perfil, o seu caráter aqui. Seja para bem ou para mal, você vai estar mostrando-o para todo o povo brasileiro. O que não podemos é nos omitir de dar essa chance para todos que possam colaborar conosco. Pela ordem, Deputada Perpétua Almeida.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, quando o senhor encerrar. Eu só quero fazer algumas perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, é melhor depois pedir para o Deputado João Campos, que é o próximo inscrito a fazer pergunta. V.Exa. daria um aparte à Deputada Perpétua Almeida?

O SR. DEPUTADO JOÃO CAMPOS - Perfeitamente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Posso iniciar, então? (*Pausa.*) Sr. Presidente, eu queria mais algumas informações do Marco Antônio. Faltam 4 anos para você sair da cadeia, não é isso? (*Pausa.*) Você já pensou o que você vai fazer depois?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, eu vou é viver do que o meu pai deixou.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que o seu pai deixou?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Deixou a empreiteira Grande Rio.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. E a sua família, hoje, lá, vive de quê?



O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Vive do que o meu pai deixou.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Qual é o patrimônio de vocês hoje?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Meu pai deixou o prédio, deixou fazenda, deixou várias coisas, vários imóveis.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E, antes de você ir para a cadeia, você fazia o quê?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Trabalhava lá, era empreiteiro. Reformava prédio, construção civil.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você trabalhava diariamente na construção civil?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Todo dia. A firma está no meu nome. O meu pai, antes de morrer, passou para mim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você coordenava ou você trabalhava diretamente?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, eu administrava, botava o pessoal pra trabalhar, comprava material.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Administrava a empresa?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - É.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Serviços de banco, quem fazia lá? Tratar com banco... Que tipo de serviço na administração você fazia?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu? Eu chegava cedo nas obras; via o material que estava faltando; ia nas lojas apanhar, botar para o pessoal começar, para quando chegar, trabalhar sem faltar o material; verificar se tem alguém parado; e fazer o pagamento; e dar vale. E correr atrás de obra também.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. E era você que fazia o contato?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu que fazia os contatos, com os condomínios, com tudo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. E você já levava em mão, já, preço, tabela de preço...



O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não, não. Eu ia lá, verificava a obra, via tudo, ia para casa, fazia o orçamento, tudo direitinho, e entregava.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você que fazia o orçamento?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - É, eu que fazia. Eu ditava, a secretária escrevia e depois batia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você ditava. E, depois, quem fazia as correções, olhava: *“Está tudo bem, é isso mesmo?”*

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não, eu mesmo, porque eu sou o dono da firma, eu mesmo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas você disse ainda agora que é analfabeto. Você consegue fazer isso, mesmo com o seu grau de analfabetismo, como você disse?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - O meu pai... O meu pai é que nem a mim: só sabe escrever o nome dele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas você acabou desenvolvendo aí ações que analfabeto nenhum faz.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Será?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - *(Risos.)*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você diz que ditava o texto, a moça digitava, depois você corrigia. Você ia lá, fazia o orçamento...

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Porque ela lia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - ...quando chegava em casa, fazia um orçamento. Um analfabeto não faz isso, Marco.

O SR. MARCOANTONIO DA SILVA TAVARES - Por que que não faz? Eu vivia assim, meus irmãos vivem até hoje assim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, o que que é um analfabeto para você?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ah?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que é analfabeto para você?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Analfabeto, para mim, é uma pessoa que não sabe fazer um cálculo, não sabe pegar *(ininteligível)* diretos.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, mas você disse que sabe fazer cálculo.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Você não está entendendo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você disse.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ler um orçamento, fazer um orçamento para uma obra é fácil fazer, entendeu? Modificação...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Qualquer analfabeto faz?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ué, a pessoa inteligente, é fácil de fazer. Eu faço o orçamento, eu olho um prédio todo, eu olho tudo. Eu não escrevo, não. Não precisa ninguém estar do lado para escrever, não. Eu olho tudo; chega em casa, eu sento aqui, a secretária ali. "*Faz isso, isso...*" Vou falando, ela vai ditando e vai botando.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aí, depois, você olha o número, confirma, confere?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Só olho assim, olho, vejo tudo direitinho do jeito que eu falei, ponho a proposta e entrego.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Rapaz, você é um analfabeto daqueles que têm que dar aula, inclusive.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Deus quis assim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Marquinho, parece que a Deputada derrubou esse seu negócio do simplório, viu.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, não derrubou, não, porque é a sinceridade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu acho que, depois dessa, você entrou feio nesse negócio do simplório, porque fazer o orçamento de construção de prédio, fazer o orçamento, fazer fechamento de caixa e tudo o mais, não tem analfabeto que faça, não.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem, não. Mas vamos dar a palavra ao Deputado João Campos. A Deputada fez cair por água abaixo essas suas alegações.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não caiu, não, porque eu só estou falando a realidade aqui.



O SR. DEPUTADO JOÃO CAMPOS - Presidente, eu agradeço, agradeço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Marco, vamos fazer uma coisa. Você disse que cumpre mais 4 anos. Por quê?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, falta mais 4 anos para mim ir embora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas não são 22?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Vinte e dois, de dois terços, é 14 e 8.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas não é inafiançável? Narcotráfico não é crime hediondo, inafiançável?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Mas é dois terços.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Inafiançável, sem progressão de regime, sem coisa nenhuma. Como é que é isso?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É lei, é condicional, é lei, não é direito, é lei.

(Intervenção inaudível.)

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Condicional é lei, dois terços da pena é lei. Tem que... Obrigado.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Onde você viu isso?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Isso é o Código Penal.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas você leu o Código Penal? Sabe...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, eu tenho advogado *(Riso.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, agora me diz uma coisa: o advogado não orientou que ter bom comportamento é fundamental?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - O advogado não me orienta isso, não, o advogado só orienta processo, o que está acontecendo. Ele vai lá pra me falar sobre isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele não te orienta que ter bom comportamento é fundamental?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não me dá esses tipos de orientação, não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Hem?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não tenho esse tipos de orientação nem deixo ele falar, não. Ele vai lá falar sobre o meu processo, o que é que está acontecendo ou deixa de acontecer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele não deixa nem... Tu não admities que ele fale pra te orientar nesses outros negócios, não?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não tem nem como orientar, porque eu só tenho 20 minutos. O advogado é 3 vezes por mês, de 10 em 10 dias, 20 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, mas aí ele não te orienta da importância...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não tem como orientar, porque é muito pouco pra falar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, você não fica preocupado com essa história do bom comportamento?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não. Pra que bom comportamento?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pra quê? Também acho bobagem, só que a lei não acha assim. Qualquer progressão de regime está condicionada a bom comportamento. Se esse advogado não te disse isso...

O SR. DEPUTADO JOÃO CAMPOS - Sr. Presidente, mas o Marquinho não deve estar se referindo à progressão de regime, deve estar se referindo a livramento condicional.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - De condicional.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que também está...

O SR. DEPUTADO JOÃO CAMPOS - Entretanto, o livramento condicional também tem diversos requisitos que só vai ser possível aferir quando ele completar o tempo.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Dois terços.

O SR. DEPUTADO JOÃO CAMPOS - O tempo não é único requisito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é a obrigatoriedade. Então, é sinal de que você pode ficar mais tempo. E eu acho que o seu comportamento dentro da cadeia com esses telefonemas todos não indica nenhuma



possibilidade de livramento condicional. Acredito que não indica nenhuma possibilidade, pois você, de dentro da cadeia, está encomendando armas, controla 53 bocas, segundo o Ministério Público. Quer dizer, como é que pode ter um benefício legal pra alguém assim? Vai ser um disparate do Judiciário se der uma benefício legal pra quem de dentro da cadeia está encomendando 400 fuzis AR-15, não, AK-47. Era AK-47 ou era AR-15?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei, o senhor que está falando aí. Eu não sei. (*Riso.*)

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Deputada.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Eu queria saber... Marco Antônio, você está com 6 anos na cadeia, não é isso?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Estou há 6 anos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que é que você fez esses 6 anos? Como é que você aproveitou seu tempo? Porque às vezes isso serve pra gente fazer um exame de consciência, não é verdade? Até o Hildebrando Pascoal, que você deve ter ouvido falar nele, aquele Deputado que foi cassado...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu sei, eu sei.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você conhece ele? Não?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, eu vejo pela televisão.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Até ele se diz hoje lá meio arrependido, injustiçado e tem procurado preencher o tempo, o dia-a-dia dele. Como é que você tem feito nesses 6 anos dentro da cadeia?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Vou te dizer a verdade. Lá não tem trabalho porque lá não tem como você... porque lá não tem trabalho pra você... (*Ininteligível.*) de pena... O negócio lá é andar, ficar andando na galeria e deitado, dormindo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Deitado, dormindo. Você não consegue fazer nada pra preencher seu tempo?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não tem porque eles...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não usa o terço? Não usa a Bíblia? Não procura fazer alguma coisa?



O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eles não deixam entrar livro, eles não deixam entrar revista, eles não deixam entrar jornal, não deixam entrar...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas nem uma Bíblia, se quiser levar lá pra você?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A Bíblia, eu tenho a minha Bíblia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E você faz o que com ela?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - De vez em quando eu dou uma lida nela.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você lê a Bíblia?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - De vez em quando.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então você sabe ler?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - De vez em quando.

(Riso.)

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ah, então você só sabe de vez em quando?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - De vez em quando eu leio mas da minha mesma forma.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Satisfeita, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom, Deputada. Mais um pouquinho nós vamos saber que ele tem um grau de instrução maior do que ele pensa. *(Riso.)*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Marco, você disse que seu pai colocou o a firma em seu nome...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Em meu nome.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em seu nome?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Em meu nome.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tem outros irmãos também. Por que não uma sociedade? Por que em seu nome?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Porque meu pai botou em meu nome e do meu irmão porque empreiteira é limitada, é 50% meu e 50% do outro meu irmão.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. E você, ao ser preso, você constituiu um advogado, um advogado. Quem é seu advogado?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - O Dr. Silva Neto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E quem é que paga o Sr. Silva Neto? Quem é que paga pelos serviços que ele presta?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A minha família.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele é também advogado da firma também?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. Você já esteve em algum outro país? Você já esteve na Argentina? Nem um país você...

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Só Brasil mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E Estados, além do Rio de Janeiro? Que outros Estados?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Espírito Santo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tem mais algum Estado que você freqüentou?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, eu só ando mais para o Espírito Santo e Bahia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Espírito Santo e...?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Bahia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Bahia também. Bahia. Pelas investigações da Polícia Federal diz que você tinha uma vinculação muito forte com o Fernandinho Beira-Mar, inclusive tendo antes de ele começar a trabalhar para o tráfico de drogas e você era uma pessoa de muita vinculação, que o conhecimento seu com Fernandinho Beira-Mar não é da cadeia, que é anterior à cadeia. O que você diz disso?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Desconheço, que eu conheci o Fernando foi quando ele esteve lá na minha galeria.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na galeria?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Neucimar Fraga tem a palavra.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares. Marco, você disse que nasceu no Espírito Santo.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, nasci no Rio.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Nasceu no Rio, mas morou muito tempo no Espírito Santo. Em qual cidade?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Barra de Itabapoana.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Barra de Itabapoana, então, você morava na divisa de Bom Jesus do Norte com Bom Jesus de Itabapoana. E você está há quanto tempo em Niterói?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, desde quando meu pai veio de lá para cá que nós trabalhávamos na construtora e aí depois ele comprou um cais lá, comprou uns barquinhos. Aí eu fui para lá cuidar dos barcos.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E você vai muito a Vila Velha, Vitória, ali conhece?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Vou muito a Vitória.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Tem muita amizade ali? Conhecido?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Tenho.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Pode citar o nome de alguns amigos seus lá em Vila Velha, Vitória?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Em Vitória os meus parentes mesmo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Tem parente?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Tenho parentes.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Qual o Município lá? Qual o bairro?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Em Vitória mesmo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Em Vitória mesmo?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - É, Vitória, mesmo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Diz que anda por Vitória, Espírito Santo, Bahia. Tem parente também na Bahia?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Em São Mateus.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - São Mateus, Espírito Santo?



O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, São Mateus já é divisa.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - São Mateus não é no Espírito Santo, é porque São Mateus praticamente já fica no norte do Estado, quase que na divisa realmente com o Espírito Santo. Também tem negócio pelo Espírito Santo?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, só passeio mesmo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Nem na Bahia?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, só para passear mesmo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Nesse envolvimento seu, você disse que com armas você...

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu não gosto de mexer com arma, não, que arma eu acho que é um troço...sei lá, chama muito assim... bota muita maldade na cabeça das pessoas. Que vocês podem ver até no meu processo esse tempo todo, estou há 11 anos, nunca tiveram uma arma, nem pegaram comigo nenhuma arma.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você tem filhos?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Tenho.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Quantos filhos?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Cinco filhos e mais uma aí que eu peguei para criar, 6 filhos.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Seis filhos? O mais velho tem quantos anos?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - A minha mais velha tem 11 anos.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Onze anos. E durante esse período que você está na prisão, eles te visitam normalmente? Ou você não gosta de receber visita deles?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, eu não gosto que eles vão muito lá. Não gosto, não. Eu gosto mais que eles vão para a escola.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você disse que sua mãe foi presa também?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Minha mãe foi presa.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sua esposa também?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, minha esposa, não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não, sua esposa, não. Sua mãe e seus irmãos?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Só minha mãe, meus irmãos, minha irmã.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Por que eles prenderam sua mãe?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eles prenderam minha mãe porque meu pai passou a empreiteira para a gente, então...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Empreiteira de quê?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Empreiteira Grande Rio.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Empreiteira Grande Rio. De obras?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - De obras. Reforma de condomínio.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Trabalhou em alguma Prefeitura do Rio? Alguma coisa assim?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Nós já trabalhamos com o INNS.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - INSS?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Trabalhamos com eles, reformava presídio.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Vocês reformavam presídio?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Presídio, cadeia. Reformamos 78, 76.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você sabe em quantos presídios vocês chegaram a trabalhar em reforma no Rio?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Meu pai reformou a 76, reformou a ...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Setenta e seis é o nome de um presídio?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, de cadeia, delegacia. Setenta e seis, 78, Instituto Médico Legal. Na época, meu trabalhava com o Moacir Belô.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E você imaginava que um dia você fosse morar em uma cadeia dessa que você ajudou a reformar?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu falo isso para os caras. Geralmente, *"Está vendo, tanto que eu reformei que hoje eu estou dentro de uma"*. (Risos.)

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Pois é. E você, desse conhecimento que você tem hoje da reforma de presídios... Seu pai continua trabalhando ainda?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Meu pai morreu.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas a empresa existe?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Meu irmão ainda continua trabalhando, meus tios....

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Eles continuam construindo presídio?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Presídio, não. É reforma.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Reforma de presídio, delegacias.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - É presídio, delegacia, condomínios, porque o meu forte mesmo é condomínio.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - De reforma, manutenção.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - De reforma. Troca de pastilha, mármore, reboco, pintura interna e externa, área de ventilação, caixa de água.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A empresa de vocês tem muito patrimônio? Veículos? Caminhões? Alguma coisa assim, não?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você disse que foi preso numa escuta telefônica, onde o objetivo da escuta eram os policiais. Qual o seu relacionamento com a polícia? Você tem alguns amigos que são policiais? Porque nem todos policiais que também estão na corporação, como você disse, tem policial que realmente tem uma conduta que não é uma conduta ilibada, mas têm bons policiais. Agora, têm aqueles que são bandidos, que pega todo o peso dele e joga nas costas dos presos, nunca assume algo que ele fez de errado. Às vezes, uma parada que a polícia está comandando, quando pinta sujeira, eles sempre tentam



jogar nas costas de uma pessoa que já tem um certo conhecimento na área do crime e que sabe que vai pegar fácil contra ele. Você já passou por momentos assim de ter de assumir crime forçadamente que não era seu? Alguma acusação?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Nunca passou por situação como essa?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, nunca.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E nessa questão da escuta telefônica, onde, segundo o que foi divulgado, numa conversa você fazia menção sobre aquisição dos fuzis. Você acha que isso poderia ser até transação comercial da própria polícia e eles tentarem jogar para cima de você?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não acho nada, que eu desconheço isso aí.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas você responde um processo por causa disso?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Por causa de arma? Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você responde por causa de quê?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Associação ao tráfico.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Então, tráfico você faz mesmo e não nega?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, eu não faço tráfico. Eles botaram.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas você nunca teve envolvimento com drogas?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você não é o chefe que eles falam no Rio? Essa fama toda você conquistou...

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Porque a Rosinha e o Garotinho fez a fama em mim, porque eles querem roubar aí, para tapar roubo deles, eles botam a gente na mídia.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas você já foi usuário de drogas?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Sou viciado.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Nada impediria também que você como usuário pudesse ser usado como avião e depois tivesse que vender para pagar o seu próprio vício, porque normalmente a história de um usuário de droga é a mesma, só muda o personagem. Tenho certeza de que você não começou a usar... não sei nem se foi porque você quis, se foi por curiosidade. Muitos começam por curiosidade, alguns para se abster de alguns problemas, se esconder, outros, por influência de amigos. Eu não sei qual foi a sua razão nem o motivo pelo qual você iniciou no mundo das drogas, mas pelo que nós conhecemos, a história de um usuário de drogas é a mesma, só muda o personagem. Muitas vezes, usa o primeiro baseado para experimentar, depois acaba viciando-se e, para sustentar seu vício, às vezes tem de fazer encomenda, entregar encomenda, começa a ser parceiro do traficante. Como foi o seu início nas drogas? Foi assim também?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, eu trabalhava. No dia de sexta-feira, fazia o pagamento do pessoal, tirava um trocadinho, ia lá na favela e comprava.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você começou usando socialmente, então, só no final de semana?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Uso no final de semana, aí depois fui me viciando...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não, porque têm muitas pessoas, têm muito, inclusive, artistas, personalidades, inclusive, no nosso Brasil que eles tentam defender que o uso de drogas no final de semana não tem problema, porque ele não é um dependente, é apenas um usuário. Inclusive defende uma legislação até mais amena para o usuário que usa no final de semana. Então, sua história é igual a história de muitos artistas, inclusive, personalidades que freqüentam a alta sociedade e, com certeza, as colunas sociais do Brasil. Eu estou falando isso porque isso pode servir de exemplo para muitos que estão acompanhando esse trabalho e que defendem a liberação das drogas no Brasil, como se aquele usuário que fizesse uso de um baseado no final de semana não causasse para a sociedade o mesmo mal daquele que usa no dia a dia. Porque um baseado de maconha para chegar na boca de um usuário que usa no final de semana, o policial tem de ser corrompido na fronteira, muitas vezes o motorista é assassinado e seu caminhão é roubado para ser trocada por droga lá no exterior, crianças são vítimas nas favelas até de balas



perdidas. Quer dizer, o baseado chegou no final de semana na boca do cidadão, ele fez uso do baseado socialmente, até com o amparo e a defesa de muitas autoridades que deveriam lutar contra isso, mas para que aquele simples baseado chegasse na sua boca, muitos crimes podem ter ocorrido durante esse percurso das drogas lá dos outros países, da Bolívia, da Colômbia, até chegar ao Brasil. Então, você disse que fumava só durante o final de semana. Por isso...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Foi no começo. Depois fui me viciando...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Deputado.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Depois, começou a usar direto?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Depois, fiquei usando direto, fiquei viciado (*ininteligível.*). Fumo desde os 13 anos de idade.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Desde os 13 anos você é usuário de droga?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Se você tivesse oportunidade de parar, você gostaria de parar? Que conselho você daria pros seus filhos hoje?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, gostaria de parar, não. Inclusive, eu estão fazendo um tratamento em Bangu I. Eu fui ao psicólogo e pedi pra ver se ele me dava um remédio, alguma coisa, para eu parar com as drogas.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você incentivaria seus filhos a serem usuários de drogas?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não deixo nem meus filhos virem quase na cadeia, quanto mais usarem droga.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Agora, você diz que está preso há quantos anos?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu estou há 6 anos nessa, mas já tirei 4 anos e 8 meses da outra.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E você diz que foi procurar um psicólogo para que ele te ajudasse até a parar de usar?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É. E estou bebendo remédio.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E você, então, nesse período de 6 anos, você continua usando drogas dentro do presídio de Bangu?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Estou fazendo tratamento agora, de um ano e pouco para cá.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sei, mas então nesse período você continuou usando normalmente dentro do presídio?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Facilidade. Vai lá na mão.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Entra fácil? Vai na mão?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Tranquilidade. Não tem polícia muito certinha. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas é comum nos presídios, não só do Rio, em outros...

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Se no presídio não tiver maconha...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A casa cai?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - ... o presídio *(ininteligível)*, morre muita gente. A maconha dentro do presídio é um tranquilizante. A pessoa fica calma e tranqüila.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você acha que, com isso, até alguns diretores de presídios facilitem a entrada das drogas e das armas no presídio, para tranquilizar a turma?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu vou te fazer uma pergunta. Você acha que um fuzil pra entrar pra dentro da cadeia, quem é que bota? Somos nós que vamos lá fora buscar?

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Eu suponho que tenha facilidade, sim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mande ele responder essa pergunta. Você não está na cadeia. Ele é que está. Pede pra ele responder como é que é lá.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - A gente vai continuar, Deputada Perpétua Almeida. Então, Marco, eu entendo a sua luta. Você tem dito pra nós que gostaria até de parar. Você acha que, se você não tivesse usado seu primeiro baseado um dia, hoje você estaria preso?



O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não. Você disse que o fuzil não entraria no presídio se não tivesse facilidade, correto? Você já teve acesso, algum dia, ouviu falar que entrou fuzil lá por exemplo em Bangu I?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Poxa, não precisa falar não. Vocês não viram na televisão, lá no Bangu III, quantos fuzis tinha lá dentro guerreando com os polícias lá fora? *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Um fuzil... um revólver, a gente até entende.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não é um fuzil, não. Não é 1, não são 2 fuzis, não. Vocês viram, porque vocês viram a rebelião aí e quantos fuzis tinha lá. É para você ver a facilidade que é na cadeia.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você tem noção de quantos fuzis, por exemplo, nós temos hoje dentro dos presídios no Rio de Janeiro?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas você acha que é mais de 10? É menos de 10?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não sei, não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não sabe. No seu, lá no presídio onde você está. Você acha que tem mais de 1 ou tem mais de 2?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei não. Mas, um dia, deram geral lá e acharam um negócio lá. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas tentaram colocar a culpa em você, não?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Em mim, não. Não foi no meu... no meu...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - ... pavilhão?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, no pavilhão, não, aonde eu...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Galeria, corredor?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Galeria, não, no meu cubículo.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Seu cubículo. Não, é que você disse aí que, depois que o Fernandinho chegou lá no presídio onde você está, a polícia começou a fazer algumas investidas e só ia em cima de você.

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Em mim e nele, nos dois.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Nos dois. Então, você acha que ele chamou a atenção da polícia lá pro presídio?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Pro presídio. Tanto que botaram bloqueador. Hoje, bloqueador lá, não funciona mais nada.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Bloqueador não tem efeito nenhum?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Estou falando que hoje em dia tem um bloqueador lá e não existe mais telefone, não existe mais nada. Já tem um ano, mais ou menos, um ano e pouco.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas como é que você fez? Você, mesmo com a amizade antiga com o Beira-Mar, você se desentendeu com ele? Pediu ele para ser transferido? Achou que estava pesado demais o tempo entre vocês dois?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, simplesmente eu me desentendi com ele: *"Aí, está vendo? Você veio pra cá. Olha aí o que que está acontecendo agora. Promotora vindo aí no meu cubículo, dando geral e coisa e tal. Por quê? Você entra aqui dentro do meu cubículo..."* Porque o Bangu I lá é cheio de câmara. Então, eles nos monitoram o tempo todo. Aí, ele toda hora entrando no meu cubículo, aí a promotora e os policiais foram fazer busca e apreensão. Aí foram no meu cubículo. Mas não encontraram nada.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas o Beira-Mar também só mexe com droga. Ou ele mexe com arma também?

O SR. MARCO ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não sei, porque eu não... Nós não nos falamos muito, não. Nós somos amigo e tudo...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas, antes de ser preso, vocês tinham de vez em quando algum contato, não é?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, antes de ser preso, eu não conhecia ele, não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não conhecia?



O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não conhecia ele. Ele que falando pra mim que teve lá pertinho de mim lá, mas nunca...

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Deputada Perpétua.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Deputado Neucimar, durante as suas perguntas, o Marco Antonio fez um comentário acerca da Governadora do Rio e do Antonio Garotinho. Peça pra ele repetir. Como é que foi mesmo esse lance que ele citou aí? Ele foi preso por quê? Como é que foi o envolvimento da Governadora? Por que essa afirmação?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, o Garotinho, ele que era Governador na época, em 94.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você foi preso?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Que eu fui preso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E por que você acha que ele fez o que mesmo?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ele fez a mídia tudo em cima de mim para se levantar. Fez o meu nome, fez tudo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas você fez outro comentário. Lembre aí o que que você falou ainda agora.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Da festa. Que eu fiz a festa lá em Campos, e ele foi lá pra fazer um discurso, e eu não deixei, só deixei a Secretária de Educação fazer o discurso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você não teria afirmado ainda agora que pra encobrir o roubo deles, eles fizeram a pessoa...

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Pra eles, quando eles estão, como parece aí, fulano lá roubando e não sei o quê, eles pra cobrir isso, eles vão e jogam a gente na mídia, que, aí, apaga o deles.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você está fazendo uma acusação ao Sr. Garotinho.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, mas é isso mesmo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quer dizer que para encobrir o roubo deles, eles...

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eles vêm na minha direção.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você acha que a mídia gosta tanto do Garotinho assim pra eles encobrir... Porque a gente percebe aí na mídia, que a mídia bate muito no Garotinho. É o contrário do que você fala. Bate muito, não fala bem, sempre tenta pegá-lo na falsidade, no erro. A gente não vê nenhuma complacência da mídia com o Garotinho. Pelo contrário, eles sempre procuram sacudir, bater no Garotinho. Você está dizendo agora que a mídia, pra ajudar o Garotinho, eles perseguem vocês. Entendeu?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - É isso.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Mas vamos mudar essa conversa aqui. Nós queremos falar sobre a questão... Você já esteve alguma vez no Suriname?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Não?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você foi preso quantas vezes até hoje?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Duas vezes.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Duas vezes? Primeiro, você foi preso por qual motivo?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - No 12.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Doze também. Ficou preso quanto tempo?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Quatro anos e 7 meses.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você cumpriu integralmente a sua pena?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, era 6 anos, fui embora no semi-aberto.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Você saiu de semi-aberto?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Semi-aberta, não, condicional.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E agora você já falou que parece que tem mais de 15 anos de cadeia pra tirar aí.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Agora tenho.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - O.k.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Marco, eu estou interessado no seguinte: o seu pai começou quando nesse ramo de construção?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ah, muito novo. Só a empreiteira tem mais de 30 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que ele tem empreiteira?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Mais de 30 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mais de 30 anos. Como foi a evolução da empreiteira? Como foi a evolução dela?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, ele começou com a empreiteira Guanabara; da Guanabara, passou pra Tavares Lopes; da Tavares Lopes, chegou à Grande Rio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, ele era dono das outras também?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Dono da empreiteira. Então, ele pegava obras de condomínio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele era dono Guanabara?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, ele era dono, aí, depois, passou pra Tavares Lopes. Tavares Lopes...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tavares Lopes, ele foi dono também?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - É, dono. Aí, depois, veio pra Grande Rio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso foi quando, a Tavares Lopes?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Nesse período de quase 30 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nesse período de quase 30 anos?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Trinta anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E agora essa empreiteira está toda no seu nome?



O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - No meu nome e no nome do meu irmão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E no nome do seu irmão. A evolução dessa empreiteira, o senhor não tem?

(Intervenção inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, como é que ela foi crescendo?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Mas é porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual foi o auge da empreiteira, onde ela tinha mais obras?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Niterói.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas em que ano foi isso?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - É porque, tipo assim, em um ano, às vezes, são várias concorrências. Então, a gente bota vários orçamentos em vários condomínios. Às vezes, desses condomínios, aquele que vai pra reunião, aí, às vezes, a gente ganha duas obras, três obras. Aí, tem época que a gente fica com 5 obras, 6 obras, 7 obras...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor não sabe dizer o ano que ela estava melhor?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não. O ano que teve melhor foi a época do Brizola. Que o meu pai trabalhou direto com o Brizola e com o Nilo Batista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi ali que foi...

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, ele já era...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... Foi ali que foi o auge.

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, ele já era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa primeira pena que o senhor respondeu foi por quê?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Foi no 12.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Também foi tráfico de drogas?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Tráfico de drogas.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E lhe pegaram com o quê?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Pegaram eu, não; pegaram os meus passageiros com droga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como teu passageiro? Tu era motorista de ônibus?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, eu estava num táxi, eu tinha comprado um táxi pra mim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tinha comprado um táxi?

O SR. MARCO ANTONIO DA SILVA TAVARES - Um táxi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E foi pego com quê? Os passageiros e tudo?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu apanhei os passageiros, fui para Petrópolis e, na vinda, eles passaram para apanhar um negócio lá. Quando eles pararam rodou todo mundo em cana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E qual foi a quantidade de droga que tinha?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Dezesete.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dezesete quilos? Era cocaína ou maconha?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Cocaína.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cocaína. Dezesete quilos de cocaína. Isso foi em que ano mais ou menos?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Noventa e quatro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Noventa e quatro.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente, só para reforçar uma pergunta que V.Exa. fez. Marco Antônio, você ficou quanto tempo trabalhando no táxi?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, eu trabalhei 3 meses.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas por que o táxi?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi porque, na época, eu tinha vendido um terreno meu e o cara deu na transação um táxi.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, por que você não botou alguém para trabalhar no táxi?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, porque na época as obras estavam ruim de pegar, porque você pegava um preço hoje e ia defasando muito, por causa dos juros. Estava ruim de pegar a obra e segurar, porque, na realidade, o nosso preço era fixo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Foi na época do Sarney.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - E no Plano Collor. Foi o Plano Collor que desgraçou tudo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas em 3 meses só?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Eu só trabalhei 3 meses.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aí, depois você arranhou outro trabalho?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, eu vim para a cadeia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aí, em 3 meses... Ah, depois você foi para a cadeia. Está certo! Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Durante a sua vinda para a cadeia, o seu pai faleceu quando?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, meu pai faleceu 3 meses antes de eu vir para a cadeia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah, foi 3 meses antes de vir para a cadeia. Aí, botou toda no seu nome? Tinha posto já antes então?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. A empreiteira passou para o meu nome e do meu irmão, no cartório, tudo direitinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Passou para o nome de vocês. Só que a empreiteira estava meio ruim nesse tempo aí.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Oi?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nesse tempo a empreiteira estava meio ruim, tanto é que o senhor foi trabalhar com táxi.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Com táxi, porque não dava para pegar a obra, porque os preços estavam aumentando muito.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E depois a empreiteira desenvolveu?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, meus irmãos continuam trabalhando, meus tios. Mas hoje eles são de vagar. Meu tio pega um prediozinho ali, reforma. Meus irmãos pegam uma portaria para reformar, uma caixa d'água para isolar, uma área de ventilação para pintar, rebocar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, a empreiteira hoje... Tem negócio da empreiteira com Paraguai ou com algum país de fora?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, porque pode ter isso. Na devassa...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... telefônica. É fácil de ver isso.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É, mas não tem, não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Uma ocorrência internacional talvez.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. Eu acho não tem tamanho para isso. Mas, então, pegando os telefones da empreiteira, não vai ter telefonema para fora, não?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não tem, não. O telefone era fixo mesmo. O telefone era fixo e residencial, da minha casa, onde a minha mãe atendia aos telefones dos síndicos, desse pessoal. E a Polícia achou que, por ela atender ao telefone, falar: *"Ah! meu filho não está, liga mais tarde"*, eles acharam que a minha mãe ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que esse pessoal te procurava? Por que esse pessoal te procurava?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Dos condomínios?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, esses outros que foram presos contigo. Porque tu disseste que foste presos porque houve esse contato telefônico.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, foi minha família, meus irmãos. São meus irmãos!



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Os que foram presos?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - São seus irmãos?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Meus irmãos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você estava transportando eles num táxi?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. É outra coisa que ele está perguntando aqui.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, me permita. Marcos, você tem uma empresa. Você disse que prestou serviço durante muito tempo, que foi uma pessoa que trabalhou — que só usava o seu baseado no final de semana — nas Prefeituras, trabalhou nos presídios. Com certeza, construiu, como se falou, na época do Brizola, no Governo do Estado, e não sei se em outros Governos. É comum as empresas serem procuradas por pessoas, pedir ajuda.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Para fazer obra.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - E até para ajudar também.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Fazer orçamento.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Fazer orçamento, fazer obra. A sua empresa já andou na campanha de algum político lá no Rio de Janeiro?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Porque é comum a doação de campanha. É permitido por lei. Entendeu?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Porque doação de campanha é permitido por lei. A lei permite que qualquer candidato possa ter acesso às empresas, com bônus de doações, e as empresas fazerem doações. É comum. Em algum momento vocês já fizeram doações pela empresa para ajudar alguém? A pessoa com boa proposta, que queria fazer um bom trabalho, representar o Rio de Janeiro. Já aconteceu alguma vez? Você lembra assim?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. A gente, para fazer isso, a gente tinha mais era que pegar uma criança e nós mesmo criar e dar do bom, dar estudo e do melhor, conforme o meu pai pegou e tem uma até hoje.



O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Vocês nunca fizeram doação nenhuma para nenhuma campanha política lá no Rio de Janeiro?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu queria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você fala que no presídio há facilidade para entrada de drogas, de celular, de armas, e que isso teria envolvimento de algum agente público. É isso mesmo?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Ué, uma arma grandão daquele jeito.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Passa?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Por onde passa?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas entra. Tem armas que circula no presídio?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Ah, tem armas que circulam, não. Foi a arma que vocês viram pela televisão que aconteceu lá em Bangu II.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu sei, mas...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Por causa da represália do...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa arma chega a alguém, a alguém que está interessada em alguma arma lá dentro do presídio, através de um agente público?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Você falou também que há tentativa de rebelião. Você participou alguma vez de alguma tentativa de rebelião lá no Presídio Bangu I.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Quando teve foi aquela rebelião que estava lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas você estava no meio?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Não participei, não.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Outra coisa que eu queria saber de você. Você diz que... Seu pai sabia que você era dependente químico?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Meu pai era...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabia.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Se soubesse, você não ia nem passar.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A última vez lá que meu irmão rodou com um baseadinho, que bateu lá na minha porta...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Seu irmão era também?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Era. Bateu lá. Hoje em dia parou. Bateu lá na porta...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando você vinha de Petrópolis, você disse que vinha no táxi, e que foram presos 17 quilos de cocaína. Você sabia que aquele pessoal trazia cocaína?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. É porque a gente reforma condomínio. Então, num prédio, mora 40 moradores, 50 moradores.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Então, a gente fica ali de fora... Na época eu era novo, ficava ali de fora, botava o andaime para ver o pessoal trabalhar ali do lado de fora, e ficava do lado de fora olhando o pessoal subir. Então, ali na portaria desce muita gente, vários moradores.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas você vinha dirigindo o táxi em Petrópolis...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Tem vários moradores. Aí, eu estava parado ali, que eu estava vendo uma obra que não era minha, era do meu tio. Eu estava olhando, aí as meninas chegaram, duas meninas: *“pô, dá para você fazer uma corrida para mim?” “Dá. Para onde?” “Estou querendo ir lá em Petrópolis.”* Falei: *“Demorou”*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí, você foi para Petrópolis.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Aí, eu fui para Petrópolis.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E quando... De lá, a droga...



O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Na volta.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A droga veio de Petrópolis para...

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. No meio da Dutra é que elas: *“Ah, pára ali naquele posto ali, porque tem um amigo nosso que quer falar com nós; eu vou falar com ele”*. Quando chegou lá, que ela falou com ele, ela meteu a mão na droga, e a Polícia Federal apreendeu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas a droga não chegou a ficar dentro do seu táxi?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Estava no colo da menina.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, no colo da menina. Mas dentro do táxi?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Dentro do táxi. É. Mas não dava para ver, porque era um saco tipo aqueles de farinha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei, sei. Uma coisa que você... é o seguinte: você não acha, por exemplo, que Garotinho e a esposa dele dão tanta atenção, que a mídia para desviar, como você disse, que ele queria... Não acha que não teria tanta importância para você, Marquinho Niterói, quando há outros presos lá que teriam muito mais repercussão do que você?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque essa atenção do Garotinho com relação a você?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - A atenção dele toda é em mim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por quê? Explique melhor isso aqui.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Porque, não sei. Tudo aquilo que..

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É por que você não.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Estouraram aquele negócio do dinheiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Estouraram aquele negócio do dinheiro que...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E foi você que denunciou?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Estouraram o negócio do dinheiro. Eles, para tapar o negócio do dinheiro, já botou o Marquinho no...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas por que Marquinho e não outro? Ou seja, alguém só começa a perseguir outro quando alguém já fez alguma coisa, ou está denunciando, ou está caluniando. Aí ele teria outras formas de impedir que Marquinho, que Marcos Antonio continuasse fazendo isso aqui. Qual é a razão mesmo? É bom você dizer qual a razão para que Garotinho usasse sempre você para despistar as coisas que você disse que eles estavam fazendo.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - E até hoje faz isso. E até hoje faz isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você nunca pegou seu advogado para processar?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Se olhar lá em Bangu, fora de Bangu você vai ver que tem um processo meu e dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO – Ah! tem processo seu contra ele?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Contra ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, seria importante no caso solicitar inclusive cópia desse processo que ele diz que tem. É importante, Sr. Presidente, porque ele nega aqui, que a degravação daquela fita lá do Ministério Público, que a CPI pudesse ter cópia para que a gente pudesse comparar a voz de Marcos Antonio, que está aqui, com a voz daquela fita que foi gravada, porque aí iremos ter esse confronto, e, na realidade, iria demonstrar efetivamente que foi o Sr. Marcos que fez aquela relação com o César, que era o intermediário.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nós estamos pedindo cópia de todos esses inquéritos, inclusive dos laudos periciais. Mas V.Exa. ressalta bem.

O Deputado Colbert Martins pediu uma questão de ordem.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu gostaria de falar, Sr. Presidente, se não houver outros Deputados inscritos. A vinda do Marcos é em razão do tráfico de armas, porque esse é nosso objetivo. O que ele pôde dizer, o que ele não quis dizer já está colocado. Acho que, nesse momento agora, não sei se estamos produzindo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Temos o Deputado Jair Bolsonaro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Se não tiver, porque acho que... Do foco, do objetivo específico desta Comissão, acho que ele já...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem dúvida. Vamos fazer as considerações finais, assim que o Deputado Jair Bolsonaro terminar.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Sr. Presidente, não conheço o Sr. Marcos Antonio e jamais vou acusá-lo ou defendê-lo, porque não tenho conhecimento da vida dele, pregressa, a não ser na mídia. Agora quero dar um testemunho, que acho extremamente importante para esta Comissão. Eu estava sexta-feira, Marco Antonio, dentro do ICCE, Instituto de Criminalística Carlos Éboli, no Rio de Janeiro. E estava terminando, para ir embora, conversando com o segundo escalão, vários peritos, quando chegou então um telefonema dizendo que toda a cúpula do Carlos Éboli estaria se demitindo. Até aquele momento, o que eu havia conversado ali? Acho que tenho imunidade para falar, Sr. Presidente, e para buscar a verdade. Por exemplo, o caso da chacina de Caxias. Não tem mais que 3 daqueles 12 PMs envolvidos naquele episódio. Mas há uma pressão enorme do Governo para que todos sejam condenados, de preferência a 300 anos de cadeia, porque pega mal para o Governo do Estado, perante a mídia, não ter um responsável por aquele ato. E também consegui a perícia... sem querer, consegui a perícia daquele episódio que a *Rede Globo* mostrou, e muitos daqueles PMs que estariam jogando a cabeça no quartel lá de Caxias. A perícia comprovou o seguinte, Sr. Presidente: que aqueles policiais não estavam jogando a cabeça. Estavam saindo do serviço e foram lá ver o episódio e cobriram com lona preta o episódio. A partir do momento em que mídia falou que estava jogando a cabeça, há pressão do Governo do Estado do Rio de Janeiro para que os peritos comprovem que realmente estavam jogando a cabeça lá dentro. Então, é muito fácil. Eu quero que o Sr. Marcos Antonio seja condenado a 10 mil anos de cadeia se ele tiver culpa nisso. Se ele não tiver, que seja absolvido de qualquer coisa. Agora, o Governo do Estado procura sempre eleger, Deputado Campos, o responsável por aquilo que está na mídia, para dar satisfação à sociedade. Nada mais além disso. Então, não sou da Comissão, mas fica aqui — e é grave o que estou falando. E a cúpula toda caiu. A pressão dos peritos para provar... Inclusive os tapetes, aqueles tapetes — só tinha um carro no



episódio — eu via lá. É grave o que estou falando, Sr. Presidente. Então, vários carros apresentaram. O comandante do batalhão foi com alguns soldados ver a chacina. E lógico, soldados com eles pisaram naquelas manchas de sangue, e acabou aparecendo manchas de sangue no tapete do carro daqueles policiais, que foram apenas ver o episódio. E ninguém segura a onda. A imprensa falou que, via DNA, aquela mancha é daqueles policiais militares, e está resolvido o assunto. Trezentos anos e tantos de cadeia.

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É assim mesmo.

O SR. DEPUTADO JAIR BOLSONARO - Para, para... Isso é verdade. Inclusive nos autos que tenho da Polícia, que eu passo a V.Exa., os peritos dão dinheiro do próprio bolso para comprar material para fazer a perícia, para ver se prende ou se mantém preso quem tem razão ou se solta quem não tem razão. É uma questão de consciência deles. E acabou a cúpula toda do ICCE sendo exonerada por causa disso. Sem querer proteger o Marco Antonio. Agora, isso acontece no Rio, botar a culpa em alguém. É mais fácil para o Governo do Estado, ainda mais para quem quer disputar a eleições presidenciais no ano que vem.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente, só para encerrar minha participação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Só queria fazer mais umas poucas perguntas. Marcos Antonio, você disse que ficou um período trabalhando como taxista. Como era a média, dava dinheiro o táxi?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, não, não. Dava não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Assim, por mês, quanto é que você...?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não. Porque eu não trabalha direto não. Eu fazia uma corrida, arrumava um dinheirinho, botava no bolso, estava bom. Porque eu não tinha família, não tinha nada ainda.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Isso foi quanto tempo? Você ficou assim, ia, fazia uma coisa, voltava por quanto tempo?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Não, só durante... Porque eu comprei o táxi, depois vim preso.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, mas isso foi quanto tempo? Que período foi esse?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - Ah, não lembro não. Foi em 94, porque foi em 94 que eu vim preso

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - De 94 a 95, ou 94 todo?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É, 94.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Todinho o ano?

O SR. MARCOS ANTÔNIO DA SILVA TAVARES - É.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você ficou como taxista..

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, o ano todo, não. Fiquei 3 meses. Estou falando, na época, foi no ano 94, mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Você tinha carteira de motorista?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Tenho.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Tem. E essa sua prisão foi a primeira ou foi a segunda?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - A segunda.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Foi a segunda. Como é que tu tiraste a tua carteira de motorista? Como é que foi esse processo?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Como é que eu tirei?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ah, eu fui à auto-escola e fiz normalmente a minha carteira, no DETRAN. *(Risos.)*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, então, conte aí como é que foi. Conte aí, eu quero saber como é que é esse processo. Eu sei como é que fiz a minha, agora, quero saber como é que você fez a sua.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ah, eu fui à auto-escola, fiz umas horas de coisa...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - ... depois, fui lá no DETRAN, fiz os exames.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como é que eram os exames que você fazia?



O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Exame "psicotec", exame de vista que eu fiz lá.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Que mais?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Só.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E os questionários do DETRAN que você tinha de responder depois de ler o Código de Trânsito. Você se saiu bem?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Saí normal.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Saiu normal.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Isso aí eu entendo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nessa época, você sabia ler?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Hein?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nessa época, você lia bem?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Muito mal, muito mal até hoje.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. E você se saiu bem, então, no teste? Saiu bem?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não entendi.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Você se saiu bem no teste, na prova escrita?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ora, eu peguei minha carteira. *(Risos.)* Ué, ué!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Para quem é analfabeto você se saiu bem. Só mais uma. Marco Antonio, ajude a gente aí. Você está há 6 anos na cadeia, então você já conhece uma turma lá dentro. Seis anos dá até para fazer amizade. E me diz uma coisa: quem tu achas que está ali perto do teu pavilhão que é a tropa mais perigosa, assim, na tua opinião?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não sei. Eu não sei, porque me dá amnésia. Nessas horas, assim, eu não me lembro. Eu não acho ninguém perigoso ali, porque está tudo no mesmo barco. *(Risos.)*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está certo. Mas é verdade que tem uma tropa lá dentro que tem até avião, essas coisas?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei, porque a gente não procura indagar a vida das pessoas.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o Fernandinho, tu conhecias mais, não era?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Não conhecia mais, porque eu conheci ele lá na galeria.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas o pouco que tu conhecias e ouviste falar dele, é verdade que ele tinha avião?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei. Não procuro indagar a vida das pessoas, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E essa turma que tem avião lá dentro, porque a gente tem alguns processos e demos uma lida, como é que eles conseguem?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu desconheço, porque não indago a vida das pessoas. Eu sei da minha.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi dito pelo Secretário de Segurança Roberto Aguiar, certa vez, que tu estavas planejando um *blackout* na Zona Sul. O que foi isso?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, não. Eu desconheço isso. Fui até ouvido pela Federal sobre esse negócio de *blackout*. E, antes de acontecer, fui ao Diretor e falei: *“Olha, não sei, não, mas vai acontecer um negócio. Acho melhor vocês dá o direito que tem do preso, que é de direito, para não deixar acontecer, porque eu acho que vai acontecer alguma coisa aí.”* Aí, o Diretor, eu falei com o Diretor: *“Os caras estão com mente meio embolada aí”*. Aí ele falou: *“É, está tudo”*. Eu falei: *“Olha, não me bota nesse sanhaço, não, que eu não tenho nada a ver com isso, não”*. Quando veio, fui o primeiro logo a ser transferido logo para o Batalhão de Choque. Fui o primeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque também tu foste no Diretor dizer: *“Ou faz o que a gente quer ou vai dar um blackout na Zona Sul”*. O que é isso?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, eu deixei ele... deixar ele evitar o que vai acontecer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu és dedo-duro?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Hein?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu és dedo-duro?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Deixar o que está a acontecer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas tu és dedo-duro?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Hein? Acho que aí, acho que aí o senhor já está me ofendendo, porque eu sou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, eu estou perguntando.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - ... eu sou um pai de família.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não estou lhe ofendendo.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Acho que o senhor aí, já está. O senhor falou que não era para ofender.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu estou lhe perguntando. Estou lhe perguntando. Como é que é o nome de quem denuncia...

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não tenho mais nada a declarar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Hein?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não tenho mais nada a declarar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que é o nome?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não tenho mais nada a declarar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que é o nome?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não tenho mais nada a declarar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, está na hora, agora, de começar a falar sério, que eu acho que estamos falando... A brincadeira é muito boa e tudo mais...

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - É isso. É isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que acontece, Marquinho, é o seguinte. A denúncia do Ministério Público é que tu traficas uma tonelada de cocaína por mês, quer dizer, não é um traficantezinho qualquer. Nas escutas telefônicas, tu mesmo admities 53 bocas controladas por ti.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ainda quer comprar um avião, na escuta telefônica aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Compreendeu? Exatamente. Diz que, assim que tu saíres da cadeia, tu vais começar a fazer um armamento do Rio violento. Está, ali, a outra escuta telefônica. Como é que tu esperas sair da cadeia em 4 anos? Me diz. Qual é a expectativa que tu tens de sair da cadeia em 4 anos?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Ah, a minha expectativa que tenho... Minha cadeia é 22, é 22.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu tens a certeza dos 4 anos?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - (*Risos*) É, 22, que 22 na cadeia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu achas que pode sair da cadeia alguém que, da cadeia, está encomendando 400 fuzis AK-47? Para armar quem?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Isso aí eu já desconheço, que não adianta o senhor forçar comigo, porque eu não, eu não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Para armar quem? Alguém que... As escutas telefônicas mostram que, infelizmente, trafica uma tonelada de cocaína por mês, que controla 53 bocas. Tu achas que as instituições podem deixar fora da cadeia alguém assim?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu sei que eu não tenho, eu não tenho boca. A boca única que eu tenho é a minha que eu falo. Eu não tenho boca de fumo. Não existe isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, isso foi pego na... E a CPI vai pedir todas essas degravações, vai pedir autenticidade das degravações...

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Pode ficar à vontade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... e, a partir daí, são novos delitos que vão ser colocados na tua ficha. E, a partir daí, a tua possibilidade de sair em 4 anos foi para o brejo. Não existe mais essa possibilidade porque nós vamos consubstanciar exatamente tudo isso e esses delitos durante tua estada na cadeia. São novos delitos praticados durante tua estada na cadeia. Então, esse é o ponto



que eu acho que tem de raciocinar. Esse é o ponto que nós esperávamos que tu viesses aqui para ajudar a CPI. Dizer: olha, aquilo lá foi uma mancada e tal. Eu quero dizer que entra arma no Rio de Janeiro desse jeito, daquele outro. Eu quero dizer que, e tal. Bom, nos presídios, tu já disseste que entra arma e, com a convivência do pessoal dos presídios, entra até fuzil. Então, isso é um ponto que já é pacífico. Como é o contato de vocês dentro dos presídios com o pessoal de fora? Como é feito esse contato?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Nós não temos contato com o pessoal de fora. Não temos contato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, tu disseste que entra droga, entra arma. Deve ter algum tipo de contato que dê para comprar num presídio também.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, a gente não precisa comprar, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não precisa comprar? Por quê?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não. Não tenho mais nada a declarar, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque vem de graça, é isso?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não tenho mais nada a declarar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que tu não tens mais nada a declarar?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Porque eu não tenho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Hein?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu não quero mais declarar nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque chegaram em pontos que é difícil para tu falares?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, porque em um ponto que o senhor me ofendeu, que eu estava até... coisa, eu não gostei e...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. Veja bem que ninguém lhe ofendeu. Aqui foi feita uma pergunta.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi feita uma pergunta. Ninguém afirmou que era. Foi perguntado para tu poderes explicar. Tu podias dizer muito bem que não. Tu podias dizer, por exemplo, que vocês fizeram uma reunião e chegaram à conclusão de que era melhor avisar do que acontecer. Só isso! Compreendeu?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Acho que o senhor está querendo que eu fale o que eu não sei. Eu vou falar o que eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, eu quero que tu fales tudo o que tu sabes e a verdade. É isso que nós estamos querendo fazer. Compreendeu?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei de nada. Eu não sei de nada. Vocês querem que eu fale o quê, se eu não sei de nada. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Claro que tu sabes de tudo. Se tu já foste preso duas vezes por tráfico de drogas! Se teu esquema... Para tu falares grosso com Fernandinho Beira-mar, dentro da cadeia, ou tu tens um esquema muito forte ou então tu não falarias desse jeito com ele lá dentro. Então, esse é o ponto. Agora, aqui tu tens o tempo, tu tens o tempo aqui para dar tuas últimas declarações.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não tenho nada a declarar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem nada a declarar?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Nada mais a declarar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu sabes o que uma tonelada de cocaína causa na juventude?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não tenho nem noção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não está nem preocupado com isso.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não, preocupado, preocupado com o quê? Que uma tonelada é essa que não existe?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, eu não estou dizendo que é tua. Eu estou perguntando se tu sabes o que uma tonelada de cocaína causa na juventude.

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não sei, não, nem imagino, porque eu não...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Presidente, o que a cocaína causa no organismo da pessoa? Você sabe? Você tem idéia disso?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Eu não sei, não, porque eu não uso, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não usa?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Cocaína não uso, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o que você usa?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Só maconha.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. E o que ela causa?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Nada, tranqüilidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, tu disseste que usas maconha. Tu pegas na mão de quem essa maconha no presídio?

O SR. MARCOS ANTONIO DA SILVA TAVARES - Não tenho mais nada a declarar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer que, quando aperta o negócio, aí, tu vais para o *“não tenho nada a declarar”*? Mas tu já declaraste, tu já declaraste que passas maconha dentro do presídio, e tu mesmo usaste. Quer dizer, lá no Bangu I está passando maconha. Tu já declaraste que entram armas no presídio. Tu já declaraste que fizeram um complô no presídio para fazer uma pane geral na Zona Sul e que se o diretor não assumisse o que vocês quisessem, ia dar pane geral na Zona Sul. Tu já declaraste, entre outras coisas, o teu relacionamento com o Fernandinho. Coincidentemente, o Fernandinho também tinha base no Espírito Santo, ia muito ao Espírito Santo, em Minas Gerais também. Quer dizer, todas essas coisas tu já declaraste para a CPI. E a CPI, agora, a única coisa que vai fazer é confirmar a tua voz nesses telefonemas. Confirmando a tua voz nesses telefonemas, não tem a mínima possibilidade de com dois terços da pena tu teres o benefício da liberdade condicional.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - (*Intervenção inaudível.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Exatamente. Então, não tendo mais nada a declarar, eu quero dispensar a testemunha e chamar o próximo. *(Pausa.)* Enquanto se aguarda, é importante uma coisa: é importante vermos o perfil de quem domina esse tráfico e o tráfico de armas. Vejam a facilidade que ele tinha: em um telefonema, ele ia fazer encomenda de 400 AK-47 do Suriname, Deputado Bolsonaro. Quer dizer, então, tem gente lá que dá essa cobertura.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sr. Presidente, pela ordem, eu estou encaminhando um requerimento à Comissão para que nós façamos uma diligência no Suriname. Nós, o tempo inteiro, falamos nessas questões de tráfico de armas a partir do Paraguai, mas eu vou fazer um requerimento à Comissão para que a Comissão possa deslocar e fazer uma diligência no Suriname, porque pode ser uma outra forma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem problema, Deputado Colbert Martins.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Vou encaminhar a V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado João Campos, poderia vir aqui um pouco, por fazer? *(Pausa.)* Enquanto nós aguardamos, eu vou colocar em votação a ata da 14ª reunião.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Peço a dispensa da leitura da ata, Sr. Presidente, por ter sido distribuída antecipadamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado Colbert. Em discussão a ata da 14ª. Em votação. Aqueles que aprovam permaneçam como se acham. *(Pausa.)* Coloco também em votação a ata da 15ª reunião ordinária. Pergunto se há necessidade da leitura dessa nova ata.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Pela mesma razão, Sr. Presidente, já foi distribuída antecipadamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado Colbert Martins. Em discussão a ata. Não havendo quem queira discutir, em votação. Aqueles que a aprovam permaneçam como se acham. *(Pausa.)* Gostaria de passar a Presidência ao Deputado João Campos, porque eu tenho alguns requerimentos de minha autoria que têm de ser votados. Passo a V.Exa. a Presidência da Comissão.



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - Ao assumir a Presidência dos trabalhos, passamos à apreciação dos requerimentos que constam da pauta. Item 1. Requerimento nº 58/2005, do Deputado Moroni Torgan, que *"solicita que seja convidado o Sr. Carlos Antônio Luiz de Oliveira, Diretor da Delegacia de Repreensão a Armas e Explosivos, do Rio de Janeiro, para prestar depoimento a esta Comissão Parlamentar de Inquérito."* O item 2, se me permitem, até para agilizar, é um requerimento também do Deputado Moroni, que *"solicita que seja convidado o Sr. Luiz Carlos dos Santos, Diretor da Divisão de Controle de Armas e Explosivos, para prestar depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito."* Eu concedo a palavra ao Deputado Moroni, autor dos requerimentos, para, se quiser, agregar algum esclarecimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Acho que eles são auto-explicativos, são os responsáveis justamente pela fiscalização e controle desse armamento no Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - Em discussão. Não havendo quem queira discutir, em votação. Os Deputados que concordam permaneçam como estão. *(Pausa.)* Aprovados.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Eu peço, Sr. Presidente, que passe o item 3. Não, acho que pode votar o item 3.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - Vamos à seqüência. Requerimento de nº 60/2005, item 3 da pauta, de autoria do Deputado Luiz Couto, que *"requer que esta Comissão convide para prestar depoimento, em data a ser designada, o Sr. Fernando, Delegado de Polícia Federal da Superintendência Regional do Paraná, sobre o tráfico de armas."* O Deputado está ausente, mas, aproveitando...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Eu posso dizer que o Delegado Fernando é aquele que faz as investigações do tráfico de armas no Paraná. Então, é coerente o requerimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - Em discussão. Alguém deseja discutir? Não havendo quem queira discutir, em votação. Os Deputados que concordam permaneçam como estão; os contrários, se manifestem. *(Pausa.)* Aprovado. Os requerimentos subseqüentes, se me permitem, a gente faria o encaminhamento em bloco. Os itens 4, 5, 6 e 7 da pauta são todos requerimentos



de autoria do Deputado Moroni. Eu consulto o Plenário se concorda que votemos em bloco.

(Não identificado) - Concordo, Sr. Presidente, com o esclarecimento do que significa, no item 5, o MT.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - Com a palavra o Deputado Moroni.

(Não identificado) - Significa Moroni Torgan, também, Deputado. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É Mato Grosso.

(Não identificado) - Mato Grosso.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Prestar depoimento.

(Não identificado) - É quase junto do Ceará.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - Deputada Perpétua, concorda com votação em bloco?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Concordo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - Portanto, aprovada a sugestão para que votemos em bloco. Concedo a palavra ao Deputado Moroni, caso queira agregar algum esclarecimento.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Trata-se de pessoas justamente vinculadas às áreas onde acontece, no entender desta CPI, um grande movimento no tráfico de armas. Então, conseqüentemente, as autoridades responsáveis por esta fiscalização teriam que vir prestar esclarecimentos aqui na CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - Só para efeito de registro, vou ler cada um dos requerimentos. O primeiro, *“solicita que seja convidado o Sr. Elson Alexandre Sayão, Diretor do Departamento de Identificação e Registros Diversos, São Paulo, para prestar depoimento a esta Comissão Parlamentar de Inquérito”*. Item 5. *“Solicita que seja convidado, o Senhor Vítor Sebastião, Diretor de Atividades Especiais, Mato Grosso, para prestar depoimento a esta Comissão”*. Item 6. *“Solicita que seja convocado...”*

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Esse não é uma autoridade. É uma testemunha que, já, em processos anteriores, denunciou o problema de tráfico de drogas. É uma pessoa que está presa e, conseqüentemente, eu acredito que seria de grande interesse para nós.



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Campos) - *“...na qualidade de testemunha, o Sr. José Márcio Felício para prestar depoimento a esta Comissão, por haver indícios de envolvimento no comércio ilegal de armas”. Último item. Item 7. “Solicita que seja convidado o Sr. Ruy Ferraz Fontes, Delegado de Polícia, para prestar depoimento a esta CPI”.* Em discussão. Não havendo quem queira discutir, em votação. Os Deputados que estejam favoráveis permaneçam como estão; os contrários, se manifestem. Aprovados. Transfiro a Presidência dos Trabalhos ao Deputado Moroni.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado João Campos pelo seu auxílio. Vamos pedir a entrada da próxima testemunha. Se a Segurança concordar, poderiam tirar a algema do Sr. Wilson. Peço que a Secretaria posicione o microfone corretamente para o Seu Wilson. O senhor é Wilson Vasconcellos?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal e com o art. 203 do Código de Processo Penal, eu gostaria que o senhor fizesse o compromisso de dizer a verdade, se assim desejar.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e do que me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não. Seu Wilson, o senhor já sabe, mais ou menos, qual é... *(Pausa para a retirada de algemas.)* O senhor deve saber por que foi chamado aqui na CPI. Se tiver alguma dúvida, eu vou explicar a razão.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu fiquei sabendo no auditório. Quando eu estava no cárcere, eu não sabia. Julguei que fosse algo relacionado ao processo que eu estou respondendo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esta é uma CPI de Tráfico de Armas. Segundo consta, o senhor foi preso em razão de fazer uma intermediação nesse sentido.

O senhor teria, agora, no início, a deferência da CPI para o senhor poder explicar, contar a sua versão e contar para nós o que aconteceu.



O SR. WILSON VASCONCELLOS - Primeiramente, deve ter chegado ao conhecimento de V.Exa. algo errado, porque eu não respondo por tráfico de arma, nem intermediação de arma. Eu respondo pelos arts. 12, 14 e 18 do Código Penal. Sobre arma, eu tenho a dizer a V.Exa. que eu sou totalmente contrário ao uso e o manuseio de arma. Inclusive, sou contra qualquer marginal que atente contra as autoridades em relação ao revide de arma de fogo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor conhece um senhor de nome Oswaldo Ferreira de Oliveira?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Conheço perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual é o seu relacionamento com ele?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Meu relacionamento é de rua, jogo de cartas. Fiquei surpreso quando soube que ele tinha se envolvido com tráfico de armas. Realmente, o que constou no jornal foi tráfico de munição, não de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Inclusive, de granada, não é, seu Wilson?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Como?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Inclusive de granada, não é?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Sim. Munição, acredito. Não sei como é que as autoridades interpretam essa matéria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quais eram as atividades do Sr. Oswaldo?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - O Sr. Oswaldo, que eu sempre soube, ele me dizia que era aposentado, lá, do INSS. Naquele bate-papo corriqueiro, nunca me foi esclarecido que ele era traficante de arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nunca disseram. O senhor foi preso por tráfico de drogas, por quê?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Fui preso por interceptações telefônicas, que me levaram a responder por esse artigo. Nada que eu tivesse consumado. Apenas tentei. Não consumei nenhuma operação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso tinha alguma relação com o Sr. Ricardo Dantas?



O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu conheci o Sr. Ricardo Dantas no cárcere. Já ouvi falar dele, já falei com uma pessoa que está presa na operação, reclamando dele, mas pessoalmente vim conhecê-lo no cárcere. Referi-me a ele, inclusive, está no meu processo; posso falar a palavra que eu usei?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Claro.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - *“Esse veado do Pimenta”*, foi a palavra que eu usei sem conhecê-lo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que o senhor estava bravo com ele assim?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Porque eu fui alijado de uma conexão que havia no aeroporto. Há mais de 2 anos, eu fui, digamos, colocado fora. Então, conversava com uma pessoa que sabia, que fazia parte, Sr. Oedes, e me lamentava não estar mais fazendo parte daquela conexão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tinha celular ou coisa assim?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Tinha, sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o senhor fazia muitos telefonemas para outros países?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No seu celular, o que consta de outros países?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - No meu celular pode ter constado, porque eu falava muito, às vezes, de casa, de celular, ou então na rua. Mas do celular, honestamente, não posso dizer para o senhor que eu ligava, porque era um celular de cartão, quer dizer, então, não tem, assim, quase que serventia para o estrangeiro. Agora, da minha casa, eu falei. Eu falei com um amigo meu, que não tem nada a ver com o tráfico, ele mora na Holanda, Sr. João, está entendendo; devo ter falado também com um português, que eu fui me encontrar com ele, lá, em Lisboa — deve constar aí que eu viajei para lá. Mas de celular acredito que não tenha falado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E do seu telefone fixo, além de Lisboa, Holanda, o que mais?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Do telefone fixo, falei... Para quem?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Além de Lisboa, Holanda, que outros países o senhor falava?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Sinceramente, assim, assim, não me recordo, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Paraguai, Argentina, tinha alguma conversa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não, não, não, não. Nenhum país sul-americano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nenhum país. Seus contatos era com a Europa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Às vezes que eu falei foi para essas duas pessoas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que esse Ricardo Dantas lhe envolveu no negócio, aí?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Excelência (*Risos*), o senhor me perdoe, mas melhor do que ele, ninguém pode explicar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu sei, mas o que ele falou? O senhor deve saber que ele falou alguma coisa lhe envolvendo.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - A mim, me envolvendo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não sei. Sinceramente, não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não sabe?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não sei se ele me envolveu em alguma coisa. Eu não tenho muita noção do que é o meu processo. Eu tenho, assim, uma perda de memória, às vezes, momentânea, está entendendo? Então, melhor seria que V.Exa. requisitasse o meu processo criminal, porque, aí, teria o depoimento de todo mundo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É. Isso nós vamos fazer.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas eu queria saber... Ricardo Dantas Valente é o nome do...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu conheço ele como Ricardo Pimenta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ricardo Pimenta?



O SR. WILSON VASCONCELLOS - É. Conheço ele como Ricardo Pimenta. Tanto é que eu me referia a ele como Pimenta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu sabes que a acusação é de envio de 60 quilos de cocaína por mês.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - (*Risos.*) Excelência, sinceramente, se V.Exa. vir meu cadastro bancário e vir o meu SPC, verá que eu não consto... não poderia, de jeito nenhum, estar envolvido nessas operações, porquanto eu sou devedor de todas essas... não sei como dizer. Devo ao meu banco, devo ao SPC, tenho um empréstimo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles lhe prenderam, por quê? Isso que eu quero entender.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Interceptação telefônica. Jamais eu vou ligar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas é interceptação... O senhor disse o que que levou eles a prendê-lo?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu sempre planejei — não vou mentir, porque eu jurei falar a verdade — tentei várias vezes fazer negócio. É prova que eu não estou mais nesse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Negócio de quê?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Negócio de tóxico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah!

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu não me envolvo com armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tentou?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Tentei. Tanto é que eu estou fora dessa conexão, que o senhor Pimenta faz parte, que eu procurei outro local. Tem uma pessoa que teria me prometido mandar algo para a Europa, com relação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas de onde vinha essa droga que o senhor iria mandar? Vamos dizer que o senhor tentaria, o senhor compraria onde?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não, não seria eu que ia mandar. Eu fui aguardar em Portugal, e seria mandada do Paraná, coisa que não aconteceu. Acho que até a pessoa...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vinha do Paraná. Vinha de Foz?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não sei, Excelência. Aí, o senhor sabe que eles mantêm um segredo de rota...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Alguém lhe recrutou para isso. É isso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Perfeitamente. Eu fui liberar a droga...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor pode dizer quem é que lhe recrutou para isso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu... Como?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que lhe recrutou para isso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Está no meu processo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, é público. Pode dizer.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Dona Tereza, que conheceu um senhor de Foz, aliás, de Curitiba, e que pediu para eu ir lá. Fui lá, falei com ele, ele disse: *"Você pode embarcar para Portugal que eu mando."* Até hoje eu estou a ver navio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah! Bom.

Com a palavra o Deputado Colbert Martins.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Boa tarde, Sr. Wilson.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Tudo bem, doutor?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor é aposentado?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Sou aposentado da rede ferroviária.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Há quanto tempo, Sr. Wilson?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Se não me falha a memória, acho que uns 30 anos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Há 30 anos.

E esse trabalho que o senhor executava no aeroporto do Rio de Janeiro, no Aeroporto Tom Jobim, há quanto tempo o senhor fazia esse trabalho?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Olha, eu fiz uma intermediação, que sempre foi o meu negócio, eu nunca coloquei a mão em droga, está entendendo, e acredito que têm uns 3 anos que estou alijado dessa conexão.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas a pergunta que eu quero fazer para o senhor é: o senhor trabalhava, lá, no aeroporto?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Trabalhava...?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor trabalhava na SATA?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não!

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor nunca trabalhou no aeroporto?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - De jeito nenhum!

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tinha acesso ao aeroporto?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Tinha um colega, que também está preso, que era o que intermediava. Agora, como ele fazia ou deixava de fazer, não sei.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Então, o senhor não trabalhava no aeroporto? Tinha uma pessoa lá no aeroporto que fazia o trabalho?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Estão presos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – E esse trabalho era de intermediação de droga?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – De droga.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – E, junto com droga, não tinha mais nada?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Jamais eu usei essa operação para fazer qualquer coisa de arma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – A sua parte seria exatamente o quê? Qual era a sua participação?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – A minha participação era uma pessoa que queria mandar, e a pessoa que recebia para mandar.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Quem era a pessoa que queria mandar?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Várias pessoas. Agora, no momento...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Tem nomes? Tem nomes aqui?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – No momento, não me ocorre, assim, um nome, porque já estou há 3 anos fora disso — estás entendendo?



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor está preso.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Foi nessa operação do aeroporto.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor está preso há 3 anos?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Como?!

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor está preso há 3 anos?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, não estou preso. Mas no meu processo constam muitas reclamações com essa pessoa do aeroporto, porque eu tinha sido aliado — estás entendendo?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor não se lembra do nome dessa pessoa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – A pessoa?! Está no meu processo, é o Sr. Oroedes.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – E lá fora? Quem era que...

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Lá fora?! (*Risos.*) Eu não sei.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor esteve no exterior, não?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Eu fui ao exterior, sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Quem pagou a passagem do senhor para o exterior?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – A minha passagem fui eu quem pagou.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor mesmo?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Fui eu quem pagou.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor viajou a Portugal?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Viajei a Portugal para receber uma droga que até agora não recebi.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor pretende...

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Foi... Eu fui monitorado pela polícia brasileira e pela polícia portuguesa. Voltei como eu fui: incólume.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Pobre?!

O SR. WILSON VASCONCELLOS – É, sem ter ido... sem ter recebido nada.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – E o senhor faz esse tipo de intermediação há quanto tempo? Desde que recebeu a rede por aí?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Eu fazia, quando havia oportunidade.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Desde que o senhor se aposentou? Mesmo na própria rede o senhor já fazia algum tipo de transação?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, de jeito nenhum. Quando eu trabalhava, eu vivia, graças a Deus, com o meu ordenado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – A partir da aposentadoria...

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Sendo que, agora, eu sou aposentado e não ganho um aumento há 10 anos. Recebo 600 reais por mês — estás entendendo? —, coisa que acho insignificante para um cidadão viver, pelo menos honestamente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – E o senhor faz essas intermediações há quanto tempo, mais ou menos?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Eu...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Desde que o senhor se aposentou para cá?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Eu fiz uma intermediação.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Fez apenas uma vez?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Fiz uma intermediação.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Em nenhuma outra oportunidade o senhor fez...

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Logo depois fui alijado, não sei por que razão — estás entendendo?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Quem alijou o senhor?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Às vezes, o pessoal que recebia. No caso, o Sr. Oroedes, como eu falei para o senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Quem é o Sr. Paulo César dos Santos?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Paulo...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – César dos Santos.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não sei; não o conheço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Tem um apelido: Linho. É isso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Linho...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Linho!

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Qual é o nome?



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Paulo César dos Santos, o Linho.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Excelência, por favor! Não leve a mal, mas eu tenho um problema auditivo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Desculpe, desculpe!

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Eu tenho problema auditivo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Paulo César dos Santos. Linho é o apelido dele.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Ah! Esse aí é uma figura notória no jornal, não é Excelência? Foi ou era.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – O senhor o conhece?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Não?! Não tem conhecimento?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, não tenho.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Em nenhum momento teve tráfico de armas em que o senhor participou?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Em nenhum momento. Não, de jeito nenhum.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Munição?!

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Eu posso lhe explicar por quê?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Pois não.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – É que eu trabalhava na Rede Ferroviária e pertencia à segurança da Rede.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Ah! O senhor era da segurança da Rede?!

O SR. WILSON VASCONCELLOS – É, pertenci. Então, eu vim com aquele espírito de guardião da sociedade — me desculpe a maneira de falar —, e não admito, de jeito nenhum, que as autoridades sejam recebidas embaixo de bala. Quer dizer, esse é um princípio meu, embora, em algum momento, eu tenha cometido um deslize. Mas nada de arma, nada de munição. Sou contra isso.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Em nenhum momento, nem arma nem munição?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, não. Sou contra isso totalmente.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Em nenhum momento aconteceu nada disso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – De jeito nenhum.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Armas ou munições?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Nem armas nem munições. Não consta...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Nem granada, absolutamente?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não consta do meu currículo, Excelência.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS – Ok, Sr. Presidente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Com a palavra a Deputada Perpétua Almeida.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Sr. Wilson...

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Pois não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – ... o senhor está preso há quanto tempo?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Há 7 meses.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Por que o senhor foi preso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Fui preso porque houve uma escuta da Polícia Federal, em que eles ouviram... Nós tramamos um negócio de tóxico, de venda de tóxico, certo?! E fui a Portugal, e voltei. Logo depois, um mês, um mês e meio depois, eu fui preso na minha residência. Eu posso beber um pouquinho de água?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Claro. E o que é que tinha na escuta, que a Polícia Federal alegou?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – A escuta?!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – É.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – O que eu sei é que eles poderiam ter ouvido de mim tramando. Não vou negar nesta Comissão, de jeito nenhum. Tramei, sou réu confesso. Tentei apenas; não consumi. Inclusive, porque a Polícia Federal, com os aparatos que ela tem, ela viu que eu não tinha um grama de substância. Como eu também já falei...



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – O que o senhor queria transportar, mandar?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Quem iria mandar era uma pessoa do Paraná.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Tá. E o que era que vocês iriam mandar?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Era cocaína, como ele disse.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Mais ou menos, qual era a quantidade?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Dois quilos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Doze?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Dois!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Dois quilos?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – É.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Então, era uma pessoa do Paraná que iria mandar. Quem era essa pessoa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Ele está preso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Quem é ele?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – É um nigeriano, o Charles.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Certo.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Também está preso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Ele iria mandar. E como é que o senhor entrou nisso? O senhor ajudava? Como?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Como eu entrei nisso?! Uma senhora que estava presa em Portugal, minha amiga, minha conhecida, me chamou e disse: *“Pô, Wilson! Eu tenho “um conhecimento” que eu conheci lá em Portugal e tal, e queria que você me ajudasse.”* Eu disse: *“Tereza, estou muito velho, estou assim...”* E aí disse: *“Pô! Mas vá lá. Eu quero comprar um apartamento e tal. Já consegui o dinheiro emprestado com uma pessoa.”*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Ela queria comprar apartamento onde?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Ela estava tentando.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Sim, em Portugal?



O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, aqui. E disse: *“Eu quero comprar um apartamento. Já consegui com uma pessoa — e a pessoa não sabe —, que me emprestou 30 mil reais. Eu vou pagar esse negócio. Você chega lá e a gente vai conseguir muito mais”*. *“E quanto é que você vai me dar?”*, perguntei. Veja bem, como eu fui até pelo meu — desculpe a maneira de falar — grande coração. Ela ia me dar mil dólares. Eu acho que uma empreitada dessas por mil dólares não vale a pena. Mas como...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Uma empreitada?! Não era só ajudar a comprar um apartamento?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, Excelência. Ela iria me dar. O dinheiro proveniente da venda seria para ela. Para mim, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Ah! Então entendi: ela não estava propondo ao senhor para o senhor ajudá-la a comprar o apartamento; ela estava propondo...

O SR. WILSON VASCONCELLOS – ...mandar a droga.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Ela estava propondo mandar a droga?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Mandar a droga, para ela ganhar um dinheiro, com o contato que ela fez lá, quando esteve presa lá. E ela iria me dar mil dólares — estás entendendo?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Ela foi presa também?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Ela está presa. Também está presa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Certo. E vocês conseguiram mandar?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não. (*Risos.*) Senão... Eu vim de lá!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – E nas outras vezes?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, não existiu “outras vezes”.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Só essa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Só essa vez. Ela ficou presa... Veio, acho, em fevereiro ou março, e essa operação se deu em junho — estás entendendo? E nós fomos presos em outubro.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Sr. Wilson, qual é o seu patrimônio hoje? O que é que o senhor tem?



O SR. WILSON VASCONCELLOS – Primeiramente, eu tenho a minha família, que é o meu...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Sim, claro.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Agora, a senhora diz em bens imóveis?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Sim, isto.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Eu tenho uma casa na subida do morro — estás entendendo? Eu a comprei ainda no meu tempo de ferroviário, com muito sacrifício. E só.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Só?!

O SR. WILSON VASCONCELLOS – E muitas dívidas para pagar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – E essa casa está avaliada em quanto?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Uns 50 mil, 60 mil.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – E o senhor fez declaração de renda este ano?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Faço.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – O senhor declarou quanto?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Este ano?! Nem sei se fiz. É que eu estou preso desde outubro. Este ano... nem sei. Mas sempre declarei.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Este ano o senhor não sabe ou não fez? Deve fazer uma semana, duas, desde que encerrou o prazo de entrega.

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Não, eu não posso lhe responder, nesse particular, porque estou totalmente isolado, não é?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Mas o senhor não fez?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Acredito que não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – O senhor teria que assinar ou, pelo menos, ler o que iriam mandar?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Acredito que não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – E no ano passado, quando o senhor fez, o senhor declarou quanto?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Fiz. Eu declarei... Eu sei que paguei uma base de... acho que uns 20 ou 30 reais em 3 prestações. Deu, acho, que uns 100 reais, 150 reais. Mas sempre declarando a minha casa. Desde que eu...



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Só a casa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – É, porque é o único bem que eu tenho.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Está certo. O senhor conhece que Estados do Brasil?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Eu conheço o Nordeste...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Vários Estados, lá?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Conheço, sim. Fiz um *tour*, porque a minha mulher é filha de sergipanos. Então, eu fui até Sergipe com ela — estás entendendo? — com o carrinho. Peguei um Passat 82 e fiz um *tour* com ela.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – E quando vocês foram ao Paraná, quem era o seu contato lá?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – No Paraná era o Sr. Charles, que está preso também conosco.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA – Certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Tu conheces — me permita, Deputada — Sônia e White? John White Júnior — conhece este?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Conheço ela. Foi justamente a única intermediação que eu fiz, e, com todo o respeito, levei calote.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – A intermediação fez com esses?

O SR. WILSON VASCONCELLOS – Com ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – O senhor sabia que são mulher e filho de John Michael White, que foi o grande mentor de todo o tráfico, aquele envolvendo os oficiais da FAB?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não. Quando ela me foi apresentada, o nome dela era Cristina. Aí, depois, é que, com o correr do tempo, a gente ficou sabendo que ela usava várias identidades.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E como foi esse contato com ela. Porque, veja, o marido dela foi preso há muito tempo atrás — eu acho que a primeira apreensão de *crack* no Brasil — com 3 mil pedras de *crack*.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - É, mas eu não conheço este cidadão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Depois, o marido dela estava junto, naquela... ele era quem organizava a quadrilha que mandava droga



pelos aviões da FAB. Se não me engano, 30 quilos de cocaína foram numa das malas do avião da FAB, e tinha inclusive oficiais da Força Aérea envolvido.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Foi bem explicado nos jornais, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E agora, parece, a mulher e o filho estavam dentro do negócio. Tanto é que foi uma das... o senhor disse que até deu calote no senhor, é isso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - É. Mas isso, antes dessa Operação Esteira. Há uns 3 anos, vamos ser bem claros, Excelência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - ...uma pessoa, que agora não me ocorre o nome — se não me engano, também está no meu processo —, conhecida como Papa, me apresentou a ela, e falou: *“Olha, quer mandar um negócio, e coisa e tal”*. Aí, fiz aquele contato, apresentei ela à pessoa. E, se ela continuou ou não, eu não sei, porque a mim ela me deu calote. Ela me deu calote. Acredito que ela tenha procurado outros meios, porque ela não paga ninguém. Então, ninguém quer fazer negócio com ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque o que dizem sobre essa Operação Esteira é que todo o mundo que atuava nela — e colocam o senhor, junto com o Dantas, com o Oswaldo, tudo o mais —, ou melhor, que o esquema era o seguinte: mandava droga para a Europa. Com o dinheiro da droga, comprava arma e vendia nos morros do Rio; que esse era o esquema desta organização; era o que ela fazia.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Bom, eu desconheço. Como eu já disse a V.Exa., eu não participo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu quero só... Eu vejo que o senhor está com boa vontade de participar, de informar...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Claro, claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, eu quero que o senhor informe como é. Porque, veja, coincidentemente, um amigo seu foi pego — inclusive filmado tudo — comprando arma.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não. Ele não é meu amigo, é meu conhecido de rua.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim. Seu conhecido. Mas é uma coincidência desgraçada...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Ah! Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... porque seu conhecido de rua foi pego, filmado em Foz do Iguaçu, em Paso de Los Libres — que acho que é do outro lado, lá — fazendo esses contatos de aquisição de armas.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Em cujas filmagens eu não apareci, não é, Excelência? Porque não participo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. Lá tu não estavas.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu não participo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas seria uma organização a seguinte: como Dantas era um dos diretores, ou coisa assim, da SATA...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não sei nada disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...ele facilitaria o embarque de armas... de cocaína para a Europa — essa intermediação ele não faria; tu farias essa intermediação —, bem como facilitaria até o desembarque de arma. Nós tivemos aqui o delegado, na terça-feira, falando que acompanhou um desembarque de armas no próprio aeroporto. Então, ele poderia fazer isso, com toda tranqüilidade do mundo. Já que ele trabalhava na SATA, ele poderia favorecer o embarque de cocaína e favorecer o desembarque das armas. E, com o dinheiro da cocaína, comprariam armas. Ficaria um negócio mais ou menos arrumado. Não fosse este raio desta escuta, o negócio estava, até hoje, andando dessa forma.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu acredito piamente na explanação de V.Exa., mas eu não tenho nada a ver com isso, Excelência. O senhor pode ver que a minha vida, se o senhor requisitar cópia do meu processo, vai ver que eu sou um pobre coitado de um ferroviário, aposentado, e que realmente não tenho vergonha nenhuma de dizer: tentei, tentei, tentei, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa tentativa é por quê? Porque o senhor tinha casa perto da favela e conhecia o pessoal?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não! Não tem nada a ver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De onde surgiu essa idéia?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não, eu não me envolvo com ninguém de favela.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que lhe deu corda para ir para um negócio desses?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Ninguém. Eu não me envolvo com ninguém de favela. Moro ali como uma contingência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, porque não tem problema nenhum.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não, eu sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - As pessoas que moram na favela, a grande maioria é gente de bem.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Mas eu não me envolvo. O que eu quero dizer é com as pessoas que V.Exa. sabe que praticam atos ilícitos. Agora, quanto às pessoas de bem, não tem dúvida.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Deputado Moroni.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não. Deputado Colbert.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu perguntei ao senhor, e o senhor voltou a insistir que é uma pessoa que vive apenas com 600 reais, que é um pobre. Como é que o senhor conseguiu pagar uma passagem para a Europa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - O caso é o seguinte: eu tinha as minhas economias, está entendendo? Porque eu, fora do... há algum tempo já tive uma loja de câmbio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Passo a Presidência, por algum tempo, à Deputada Perpétua Almeida.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Então, uma passagem para a Europa V.Exa. deve saber que são 800 dólares. Agora, esta passagem foi custeada por um rateio entre a pessoa que disse que iria mandar e a pessoa que me pediu para ir lá.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ah! Então a pessoa que rateou, a da Europa... É isso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - É, a pessoa.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E o senhor não conhece esta pessoa na Europa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu já declarei os nomes delas aqui: Dona Tereza e o Sr. Charle.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Estas pessoas ratearam esta passagem?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - É.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E o senhor ficou quanto tempo na Europa?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Inclusive, inclusive...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor não levou droga para a Europa? Nenhuma?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não levei, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De jeito nenhum?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Esperei, e não chegou.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor iria transportar droga?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu iria transportar?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Iria?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Jamais. Eu iria recebê-la.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Iria buscar, lá?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Excelência...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Desculpe, eu não estou entendendo. Me perdoe.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não vá botar palavra na minha boca, não é?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não. De forma nenhuma.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu estou falando com a maior sinceridade, tentando esclarecer.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De forma nenhuma, não quero isso. Eu estou tentando entender.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu viajei. A encomenda iria chegar num endereço que me foi dado por um português de lá...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Na Europa, em Portugal?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Na Europa, perfeito. E, quando chegasse, iriam lá me procurar: o Wilson Vasconcellos — que esta aqui, com o senhor.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E o senhor iria fazer o que com este bagulho por lá?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Entregar ao português que estava subsidiando a minha permanência lá.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Então, o senhor saiu daqui para poder receber uma droga lá na Europa.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Perfeitamente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E para fazer apenas a entrega lá na Europa mesmo.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Lá, na Europa, e receber o dinheiro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não precisava fazer... ninguém, lá mesmo... alguém daqui tinha que fazer isso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não. Iria entregar e receber o dinheiro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Então, a sua função era somente em Portugal?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Perfeitamente. Tanto é que eu iria ser remunerado com mil dólares.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Em Portugal, o senhor receberia a droga...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Com o Sr. Zeca, mais precisamente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O Sr. Zeca lhe entregaria, lá em Portugal? Em que cidade? Em Lisboa, mesmo?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Como?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Em Lisboa, mesmo?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - É, em Lisboa.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor, brasileiro, iria para Lisboa, e ficaria esperando o Sr. Zeca, português, lhe entregar a droga lá?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não!...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Lá em Portugal, mesmo. Não é isso que o senhor falou?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não. O senhor está falando....

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu não estou entendendo. O senhor...



O SR. WILSON VASCONCELLOS - Ao Sr. Zeca é que eu iria entregar a droga.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ah! Lá em Portugal, o senhor entregaria ao Sr. Zeca?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - É. Quando chegasse no meu nome, eu entregaria ao Sr. Zeca. Acho que está bem claro, não tem...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Claro, entendi agora. E, aí, o senhor receberia esse dinheiro e voltaria para o Brasil. O senhor iria somente fazer um passeio lá, em Lisboa...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - E voltava para o Brasil.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - ...para poder, lá, o senhor ser receptor de uma droga...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Nesse ínterim, ele é que estava subsidiando a minha permanência lá. Pagou o *apart* hotel e pagava o meu almoço e janta.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor ficou quanto tempo em Lisboa, aguardando?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Quinze dias.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Quinze dias? Haja vista que eu voltei no dia exato da minha passagem.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Da passagem. Obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Sr. Wilson, o senhor já tinha ido a Lisboa outras vezes?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Já.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - O senhor costumava ir lá, sempre?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu tenho... Eu sou filho de portuguesa, diga-se de passagem. A minha mãe é de Trás-os-Montes, certo? Então, eu tenho facilidade de ir a Portugal, porque tenho parentes aqui no Brasil, e tenho alguém da minha família em situação razoável, e que eu posso me dar o direito de pedir alguma quantia, para ir pagando parceladamente.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Certo. Mas, Sr. Wilson, não sairia mais barato, para quem estava querendo receber esta droga lá em Lisboa, o senhor mandar direto para ele?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - E quem é que iria dizer que ele iria pagar?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Mas o senhor teria que confirmar a sua ida, porque teria que garantir o recebimento...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu tinha que receber, e ele me dar o dinheiro. Porque se ele recebesse, não iria me dar o dinheiro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Certo. Me diga uma coisa, Sr. Wilson: naquele dia, lá, em que o Sr. Osvaldo foi pego com uma mala cheia de dinheiro, vindo de Foz do Iguaçu, como é que foi? Conte aí para a gente como é que foi...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Excelência, não sei. A senhora me perdoe. Não me vincule à arma, porque eu não...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Não! Não é arma. Por enquanto, ele estava com a mala cheia de dinheiro. O senhor iria pegar quanto aí?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu não ia pegar nada, porque eu não soube disso. Bem que, se eu soubesse...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Mas ele nem lhe contou essa história?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - É segredo profissional. A senhora sabe que todo o mundo que está fazendo negócio escuso tem...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Mas ele não lhe contava? Essa daí ele não lhe contou? Porque tinha...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu já disse à senhora que ele não era meu amigo, ele era meu conhecido. Era, não. É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - É seu conhecido?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - E no dia em que ele foi pego... Ele foi pego lá com 50 gramas... 50 granadas argentinas e 20 mil balas de fuzil.



O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu só soube pelo jornal. Todo mundo ficou estarecido.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - E o senhor tinha conhecimento disso?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não, de jeito nenhum!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Vocês se encontravam de vez em quando e ele não abria nada?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - A gente sempre se encontrou num jogo de carta que tem na Praça do Livro, mas ele não me ventilava as aventuras dele, nem eu ventilava a minha.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Quando o senhor foi na casa dele, o senhor nunca achou nada estranho?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu nunca fui na casa dele. A senhora vai querer me embaraçar?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Não, há uns que chegam e passam algumas informações.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu estou falando a verdade, certo?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Certo. Sr. Wilson, vamos ajudar. O senhor disse que não tem nenhum envolvimento com o tráfico de armas.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Perfeito.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Eu estou querendo acreditar, estou achando que o senhor está sendo sincero. Mas como o senhor acabou se envolvendo com essa turma que compra droga e acabou conhecendo... Por exemplo, é conhecido de um cabra perigoso: 50 granadas argentinas, 20 mil balas de fuzil! Não é qualquer um cabra, não é um Zé Mané! Só para o senhor nos ajudar: o que o senhor via, o que o senhor pensa, o que o senhor acha, como é esse esquema dessa compra de munição, essa entrada de armas no Brasil e essa saída? Como o senhor conseguia pescar da turma, como o senhor acha que é esse processo? Tente nos ajudar aqui.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu gostaria de ajudar, mas se alguém, algum dia, mencionasse problema de arma, eu não gostaria. Diria: *"Por favor, estou fora."* Como já disse para a senhora, vim com um princípio da minha mocidade de



que eu não gosto de violência. Então, eu jamais, em tempo algum, eu iria dar continuidade a uma conversa dessas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - O senhor não tem esse mesmo sentimento com relação às drogas?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu não posso dizer à senhora que tenho o mesmo sentimento, porque é uma coisa muito diferente. A senhora há de convir...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Qual a diferença desse esquema do tráfico de drogas para o esquema do tráfico de armas?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu li uma vez no jornal a declaração de um traficante, que disse: *"Eu estou lá no morro. Quem vai lá em cima comprar, eu não posso proibir"*.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Não posso o quê?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - *"Não posso proibir"*. Então, o que acho é o seguinte: a sociedade e todos nós que temos um pouco de juízo não usa droga, não é verdade? Então, se a pessoa está com a droga e a outra vai e quer comprar, se não comprar nele, compra no João, compra no Antônio. Se não comprar no Antônio, compra no Manoel.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - O que o senhor acha que é mais pesado hoje no Brasil, o tráfico de drogas ou o tráfico de armas?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Olha, acho que todos os 2 fazem um grande mal, mas como eu...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Mas o que o senhor acha mais pesado hoje, mais forte no Brasil?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Acho que é o contrabando de armas, não é, que fere mortalmente um chefe de família.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Sim, mas por que o senhor acha que o contrabando de armas hoje é mais forte no Brasil?

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Não, não digo que é o mais forte no Brasil.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - A pergunta que fiz ao senhor foi essa. Eu perguntei ao senhor o seguinte...

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Entendi a senhora dizer que era mais, digamos, fatídico.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Não, perguntei ao senhor o que o senhor achava que era mais forte no Brasil, o tráfico de drogas ou o tráfico de armas. O senhor achou que era o tráfico de armas.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Eu não tenho conhecimento. Então, retifico a minha resposta.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Está certo. Com a palavra o Deputado Moroni Torgan.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Pois não. Sr. Wilson, deixa eu dizer, o senhor fica com tanto receito de falar de tráfico de arma, quando, na verdade, o tráfico de drogas anda junto com o tráfico de armas, infelizmente. Tanto faz andar no tráfico de armas como no tráfico de drogas. Vai ver que os 2 se confundem, compreendeu? Infelizmente, a organização em que o senhor foi pego junto, na escuta telefônica, era uma organização que fazia tudo isso. Segundo consta nas escutas — e isso vamos ver no inquérito que vamos pedir — o senhor faria essa intermediação com o pessoal da Europa, porque os outros não queriam se expor. Então, essa exposição era sua.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Intermediação em que, Excelência? Eu faria a intermediação de quê?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Nesse tráfico de drogas, que era o que fazia. A parte do Osvaldo era ir pegar arma com o dinheiro da organização. O que a organização ganhava com o seu tráfico de drogas, ela usava para comprar arma... para o Osvaldo ir comprar armas, aí então manter os traficantes do Rio armados.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Se V.Exa. está dizendo isso, quem sou eu para contrariá-lo. Se V.Exa. está deduzindo isso...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Sem dúvida, muito obrigado. Eu de minha parte, Sra. Presidenta, não vejo mais razão. Acho que podemos dispensar a testemunha.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Vamos dispensar, então, a testemunha.

O SR. WILSON VASCONCELLOS - Dá licença. Posso sair? Obrigado.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Perpétua Almeida) - Presidente, assumo aqui, por favor, que o senhor conhece a pauta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixem-me dar algumas explicações. Vejam, nesse meio tempo, para ponderarmos, eu gostaria de dizer da importância de ouvir algumas pessoas. Um sabemos que é uma pessoa mais simples, realmente, até pelo modo de ser. Mas vejam as contradições em que caiu o Marquinhos Niterói. A Deputada fez um excelente trabalho, mostrando que ele não é nenhum débil mental. É uma pessoa estudada, até certo ponto, tem conhecimento de tudo. Veja que ele falava de balanço, de caixa, disso e daquilo. A informação de que temos é que, hoje, dentro da cadeia, é um dos maiores traficantes de armas e de drogas do Rio de Janeiro, talvez já superando a atuação do Fernandinho Beira-Mar. E a hipocrisia dele durante o tempo do depoimento, inclusive dizendo: *“Vou botar biquinho, vou não sei o quê”*, mostra realmente que é um sujeito frio, um sujeito que não está muito preocupado com as instituições. E a grande importância de trazê-lo aqui é para que a CPI exija que daqui a 4 anos ele não seja posto em liberdade. Essa é a grande vantagem de ter trazido uma pessoa como Marquinhos Niterói, aqui, para que possamos, ao final dos trabalhos, daqui há um ano mais ou menos, colocar para o Judiciário, para o Ministério Público, a importância de mantê-lo até o fim da pena, e se possível, fazer ele responder por outros delitos que ele cometeu ainda dentro da cadeia, porque é ridículo. Ele fala até com desprezo das instituições e da sociedade, no momento que diz: *“Nada, daqui a 4 anos eu estou na rua, e tal”*. E daqui a 4 anos, segundo a gravação telefônica, que vamos ver sendo corroborada, essa gravação, veja o que ele vai fazer daqui a 4 anos. O primeiro ato dele, quando sair daqui a 4 anos, é comprar 400 fuzis AK-47, para armar os bandidos no Rio de Janeiro. Quatrocentos. Ninguém está falando aqui de 4, 3, 2, 1. São 400 fuzis. Isso é para enfrentar a polícia frente a frente. Isso é para armar um pequeno exército. Isso é que muitas vezes a gente não entende: *“Ah, mas o fulano veio aqui e não falou grande coisa”*. Acho que falou para a sociedade muita coisa. Falou que ainda o crime organizado está debochando das instituições no nosso País, e ainda está querendo se beneficiar de regras que foram feitas para pessoas que realmente se recuperaram do erro que cometeram. Infelizmente, um sujeito como o que acabamos de ouvir antes do Wilson, o Marquinhos, não vi traço nenhum de recuperação. Inclusive, é fato notório — e isso é importante trazer — a



periculosidade de um sujeito desses, que chega a uma CPI fazendo piada, fazendo brinquedo e tudo mais. Quer dizer, não mostrou o mínimo arrependimento por nada, o mínimo arrependimento por nada. Esse negócio de empreiteira, o Fernandinho Beira-Mar também tinha uma empreiteira. Eles usam laranjas como empreiteira e tal para lavar o dinheiro. Então, não tem muita vantagem nesse negócio. Por isso, temos de ser muito claros nesse sentido e vemos a importância desse trabalho. Se não houvesse a CPI, esse sujeito ia estar, daqui a 4 anos, na rua fazendo uma verdadeira carnificina, porque botar 400 fuzis AK-47, aqueles fuzis grandes de alto impacto, seria uma loucura. Pois não, Deputada.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente, acho que V.Exa. tem razão. A Câmara já está fazendo uma grande ação para a sociedade em ter essa CPI. Como mostrou o Marquinhos, parece-me que é comum no comportamento de todos eles tentar passar a idéia de que são pobres coitados, de que não são nada, não são ninguém, são tímidos. Como ele tentou passar a idéia de que não sabia nem ler, nem escrever. É exatamente para tentar enrolar o agente ou a Justiça de que eles são incapazes. Eu acho que é para isso que temos de estar atentos, ao que eles realmente são capazes de fazer, e que conseguem enrolar e esconder da gente. Acho que conseguimos colher muitas informações, e acho que o trabalho da CPI realmente não vai deixar um cabra desses sair daqui a 4 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Exatamente. Acho que a arguição de V.Exas. mostrou naquele momento que ele é capaz de fazer o orçamento de um prédio todinho, botar na ponta do lápis, fechar o caixa da empresa, que ele dizia que não deixava outro fechar, ele que fechava... Então, vejam o poder de administração que tem. Eu não me lembro se foi o Deputado Colbert quem disse, mas que se tudo isso fosse usado para o lado bom talvez pudesse até se desenvolver de maneira benéfica para a sociedade. Infelizmente tudo isso está a serviço de um tráfico de drogas e de armas muito pesado, e que, infelizmente, vítimas desse tráfico de arma e drogas principalmente são jovens e crianças, e isso é o que nós vamos tentar evitar enquanto estivermos atuando. Mas não será fácil, será difícil, por isso que eu acho importante a presença de V.Exas., e eu gostaria de que mais Deputados pudessem estar aqui rotineiramente para saber, porque algum Deputado ou outro muitas vezes entra vendo só uma parte da questão e fica meio admirado, quando na verdade deveriam estar todos os Deputados participando



ativamente desta Comissão. É uma Comissão difícil, e precisamos do apoio não só das autoridades como também da nossa sociedade. Eu aproveito para mais uma vez dizer que nós temos o telefone 0800-619619 para receber denúncias a esta Comissão. Então, quem tiver — pode ser anonimamente, inclusive. Se tiver qualquer problema, vá a um orelhão e ligue; dá para ligar de um orelhão para cá sem problema nenhum. A testemunha está preparada? Pode entrar já. *(Pausa.)* Eu peço também, se for possível e estiver dentro das possibilidades da segurança, que tirem a algema do Sr. Oswaldo. *(Pausa.)* Enquanto estamos aguardando, Sr. Oswaldo, o senhor tem a possibilidade... O seu nome é Oswaldo Ferreira de Oliveira, é isso? *(Pausa.)* Certo... De acordo com o art. 203 do Código Penal, se for da sua vontade, o senhor presta o juramento de dizer a verdade. *(Pausa.)* Então está aí o texto.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Oswaldo, o senhor foi pego numa operação, que inclusive o filmou algumas vezes; depois foi pego lá, acredito, no seu apartamento com várias granadas e munição.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor terá tempo agora para contar toda a sua versão da forma que o senhor bem entender, e depois os Deputados então vão fazer algumas arguições ao senhor.

O senhor tem tempo então para falar a sua versão dos fatos.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - No meu apartamento não foi pego nada, simplesmente foi pego... Eu estava no meu apartamento, quando a Polícia Federal se dirigiu dizendo que eu estava preso, porque havia chegado um carregamento de munição e granada num caminhão vindo do Paraná, mas no meu apartamento não foi pego nada, foi pego é o meu dinheiro, que até hoje eles não devolveram, só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, como o senhor explica então essas viagens, essas filmagens que foram feitas do senhor?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu tinha uma loja de artigos do Paraguai; eu sempre vendi artigos do Paraguai. Então eu tinha que viajar para o Paraguai; eu vendia artigos do Paraguai, eu sempre viajava para o Paraguai.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tinha uma loja que vendia artigos do Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Artigos do Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em razão disso o senhor viajava sempre para o Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Viajava sempre para o Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E Argentina também?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Argentina, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas o senhor ia ali em Foz do Iguaçu, que tinha aquela fronteira...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Em Foz do Iguaçu, isso. Ciudad del Este.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ciudad del Este. Eu gostaria de saber, Sr. Oswaldo... Agora tem uma investigação incrível aqui, inclusive o ligando ao Bravo. O senhor sabe quem é o Bravo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Isso, quando eles me pegaram, disseram que essa mercadoria ia para Bravo, para Linho. E eu simplesmente ignorei porque eu não conheço nenhum Bravo, nenhum Linho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o Nelson? Quem é o Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nelson era um rapaz que foi pego na minha casa junto comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E que que ele fazia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ele vende inseticida para gado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Vou passar, depois nós voltamos a conversar mais um pouco.

Deputada Perpétua Almeida, com a palavra V.Exa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr Oswaldo, o senhor está preso há quanto tempo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Dois anos e 1 mês.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor foi preso por quê?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Devido a esse processo que o doutor agora acabou de falar sobre ele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas me conte aí, como é que foi essa história?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Essa história foi que eu fui pego na minha casa, a Polícia Federal pegou um caminhão...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Pegou o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Pegou um caminhão com granada e munição, e atribuiu a mim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E onde é que estava esse caminhão?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Estava na Dutra, e eu estava na minha casa na hora em que foi pego.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, Sr. Oswaldo, como é isso? Já teve de uma série de prisões aí de caminhões e de outros carros, ninguém chegou lá na minha casa dizendo que aquele carregamento era meu, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem era que estava guiando o caminhão? Não era o Alessandro?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Era o Alessandro. O Alessandro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que é irmão do Nelson, que estava lá na casa dele.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, irmão do Nelson que estava na minha casa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, de quem era o caminhão? Era do Nelson, do Alessandro, do senhor?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, meu não era o caminhão. O caminhão não era meu.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - De quem era?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Era do Nelson e do Alessandro.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E qual era a sua relação com eles?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É... de amigos, pelo menos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Amigos? O senhor sabia dessas...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - ...do que eles faziam?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não sabia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Esse seu amigo não contava essas coisas, freqüentava sua casa?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Simplesmente quando ele foi pego na minha casa ele estava com uma relação de inseticidas que ele vendia para terra, para gados, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu foste receber o Nelson naquele dia no aeroporto, não foi?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Isso, no aeroporto, na minha casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi buscar o Nelson no aeroporto.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Eu vou insistir, Sr. Oswaldo. O senhor foi buscar ele no aeroporto, ele freqüentava a sua casa — aliás, estava na sua casa — seu amigo, e o senhor não sabia dessa história?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sabia; não sabia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não sabia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas no depoimento da Polícia Federal, aliás, no processo da Polícia Federal diz que na sua casa, aliás, com o senhor — o senhor foi preso em casa — foram encontrados 50 granadas argentinas e 20 mil balas de fuzil.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - (*Sinal sonoro repetitivo indicativo de negação.*) Na minha casa, de jeito nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, isso foi preso no caminhão, na Avenida Brasil.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - No caminhão?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - De jeito nenhum. Na minha casa, como é que eu vou botar 50 granadas e 20 mil tiros na minha casa?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E me diga uma coisa: para onde esse caminhão ia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não sei. Ele veio do Paraná...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Veio do Paraná...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Para onde ele ia eu não sei. Ele veio para o Rio.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como é que o senhor sabia que ele vinha do Paraná?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque o Nelson tinha me falado que ele carregava sacolas para o supermercado Carrefour.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ah, então o Nelson lhe falava?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, quem me falou foi o Nelson que o irmão dele estava chegando com sacolas do Carrefour. O Nelson não me falava nada a respeito do que ele fazia ou deixava de fazer.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então o irmão dele lhe falava?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O irmão dele?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não me falava nada.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então como é que o senhor soube que esse caminhão, esse carregamento estava vindo do Paraná?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque o irmão dele, o Nelson me falou que estava vindo com a mercadoria, com as sacolas do Carrefour.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ah, ele não disse o que que vinha?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não disse o que que vinha. Disse que eram só as sacolas do Carrefour.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Me diga uma coisa: o que que o senhor foi fazer lá em Foz do Iguaçu em março de 2003?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu vou muito em Foz do Iguaçu, eu ia muito em Foz do Iguaçu, porque eu pegava mercadoria, eu pegava mercadoria em Foz do Iguaçu.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor e quem?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu sozinho. Eu ia sozinho mesmo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O Nelson estava com o senhor?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Onde?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Lá em Foz do Iguaçu?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas como é que ele apareceu na imagem em que a Polícia Federal filmou vocês? Ele apareceu como se estivesse com o senhor, vocês se hospedaram no mesmo hotel...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Não nos hospedamos no mesmo hotel porque eu tinha uma companheira, eu me hospedava na casa dela. O máximo que eu passava em Foz do Iguaçu era 1 ou 2 dias: comprava mercadoria e voltava de ônibus no outro dia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Olha aqui: *“Ambos os acusados ficaram hospedados no hotel Mabu Resort”*.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. *(Sinal sonoro repetitivo indicativo de negação.)*

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Rapaz, essa Polícia Federal deve estar armando muito, porque...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas armou mesmo, porque eu nunca me hospedei lá!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Impressionante.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - E se eu tivesse me hospedado eles teriam que levantar a minha ficha que eu estaria hospedado lá.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, claro. Eles devem ter inventado essa imagem!

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Inventou. Essa imagem foi inventada.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está certo, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra o Deputado Colbert Martins.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Boa-tarde, Sr. Osvaldo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Boa-tarde, Excelência.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Que tipo de atividade profissional o senhor desenvolvia ou desenvolve?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu, antes de eu me aposentar, era comerciante.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor é aposentado há quanto tempo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Aposentado há uns 10 anos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Dez anos. Teve algum tipo de envolvimento policial nesse período, ou antes dele, Sr. Osvaldo? Respondeu a algum processo, inquérito, teve algum tipo de passagem por delegacia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, eu tive um processo em Juiz de Fora, porque eu fui levar um amigo em Juiz de Fora, que disse que iria na casa da tia dele. Eu fui levá-lo, e fiquei esperando. Ele me mandou esperar, e fiquei esperando ele no centro de Juiz de Fora. Quando ocorreu... a Polícia chegou e o prendeu e me prendeu, dizendo de negócio de cartão. Mas eu nunca me envolvi com negócio de cartão.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Cartão...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Cartão de crédito?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Cartão de crédito.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ou clonagem de cartão?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É. Ele se envolveu... pegaram ele com cartões e atribuíram... tanto é que eu fui solto e ele ficou preso, não é?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem algum envolvimento com tráfico de arma?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Já traficou arma alguma vez?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Conhece quem trafica?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não!

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor atravessou, várias vezes, a fronteira para Ciudad del Leste?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Sim, muitas vezes. Eu morei em Foz do Iguaçu.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor morava em Foz do Iguaçu?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu morei em Foz do Iguaçu. Por 8 anos eu trabalhei no Paraguai. Trabalhei no Paraguai, no Hilton Internacional, durante 9 anos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Trabalhou em quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Hilton Internacional Relógios.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Hilton?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Hilton Internacional. Relógios.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Relógios?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Relógios do Paraguai

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor transportava?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, vendia. Era vendedor da firma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Vendedor da Firma no Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Vendedor da firma no Paraguai.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor não tem conhecimento de nenhum mecanismo de tráfico de arma lá do Paraguai para o Brasil?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nesse período em que o senhor trabalhou por lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor (*Sinal sonoro repetitivo indicativo de negação.*)

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E aqui no Brasil, esses contatos que são colocados, aqui, pela Polícia, com relação a fornecimento de armas, o senhor... o que o senhor diz a respeito deles?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tanto é, doutor, que eles nunca me pegaram com armamento, com granada, com munição. Eu nunca fui pego com nada. Eu nunca trouxe.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor nunca participou disso? Em nenhum momento intermediou, também, nenhum tipo de... colocação desse tipo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Nunca, nunca.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Droga?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nem drogas, nem armas?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Nem drogas, nem armas. Então, eu não fumo, não bebo, não cheiro. Graças a Deus não tenho vícios.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E também, em nenhum momento, participou de nenhum tipo de intermediação de armas ou drogas?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Nunca, nunca.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor serviu ao Exército? Tem conhecimento com armas?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não servi ao Exército.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Atira, tem algum conhecimento com fuzil?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Não sei nem atirar.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não sabe nem atirar?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nem pegar em revólver eu sei.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sabes quanto custa um fuzil destes, no Paraguai, ou não?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não tenho a mínima idéia.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nem pistola, nem nada? O senhor conhece Wilson Vasconcellos?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Conheço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Conhece?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Conheço Wilson Vasconcellos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De onde?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - De Copacabana.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De Copacabana?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Qual o tipo de relacionamento que o senhor...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Amizade. Amizade comum.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Comum?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Comum.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor sabe se ele tinha algum envolvimento com o tráfico, com drogas?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não tinha nenhum tipo de conhecimento de...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Não, porque eu tinha amizade comum com ele. Eu não convivia com ele, entendeu? Tanto é que, quando eu soube que houve um negócio com ele... e por esse envolvimento que eu tinha com ele, o meu telefone foi pego na agenda dele, eu fui incluído nesse processo também.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor sabia que ele esteve na Europa por várias vezes, o Sr. Wilson, também?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, porque ele tinha a casa de câmbio... Na Europa, eu não sei. Ele ia na Europa...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O Wilson tinha casa de câmbio?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ele tinha casa de câmbio, em Copacabana.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - É? Em Copacabana?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É. Em Copacabana ele tinha casa de câmbio.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Casa de câmbio regular, com inscrição?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É. Oficial, com inscrição, tudo direitinho.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E tinha grande atividade de negócios?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah! Não sei. Não sei, porque não freqüentava.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor também não fez nenhum negócio com esta casa de câmbio que o Wilson tinha?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Não vi, nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele tinha, até ser preso, a casa de câmbio?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Eu acho que já tinha desfeito há uns 2 ou 3 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque foi nesse íterim que eu o conheci.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O conheceu na casa de câmbio?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, na casa de câmbio.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu estou satisfeito, Presidente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O Sr. Oswaldo disse que é amigo do Sr. Nelson, que o Sr. Nelson freqüentava a sua casa. Mas o senhor não sabia o que ele fazia, não é isso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas é lógico.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, pelo menos, daquilo que é legal, o que o senhor sabe? O que ele fazia? Qual era a profissão dele?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ele vendia inseticida. Ele vendia inseticida para gado, para terra. Esses inseticidas proibidos. Ele vendia inseticidas.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o Alessandro, fazia o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O Alessandro era irmão dele, tinha um caminhão.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Olhe só, aqui: *“Do apurado e das circunstâncias das prisões, em flagrante delito...”* — já que vocês vinham sendo acompanhados, vinham sendo filmados. Embora, pelo que o senhor diz, aí, parece que a filmagem foi meio inventada, porque o senhor não assume nem que estava naquele hotel em que a filmagem gravou vocês.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Eu não me hospedei no hotel, não me hospedei em hotel nenhum. Eu nunca me hospedei em hotel com o Nelson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas, mesmo que não tenha se hospedado, o senhor não se encontrou com o Nelson, lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, Sr. Oswaldo, como é que... Acho bom o senhor tentar lembrar.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu estou lembrado. Estou me lembrando.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - É que, às vezes, a gente esquece das coisas.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Não esqueço, não. Não esqueço não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Porque, olhe só: a Polícia tem as fitas. O senhor aparece lá, com o Sr. Nelson, no hotel.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Eu nunca frequentei hotel... Eu nem sei o nome dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual é o nome todo do Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nelson Siton Júnior.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nelson Siton Júnior.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E me diga uma coisa: então, o que é que ele fazia? Além de ter esse caminhão, ele transportava o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Inseticida.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Os inseticidas que o Nelson negociava, comprava...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, ele vendia para as fazendas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Olha aqui: *“Foi apurado que eles tinham uma associação estável”* — o senhor, o Sr. Nelson e o Alessandro.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O quê?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - *“Tinham uma associação estável* — vou continuar lendo aqui — *para a prática do contrabando de armas e munições”*. E eram comparsas de Lilico, na Argentina e no Paraguai. Na atuação criminosa, cabia ao senhor e ao Nelson negociar com os comparsas os artefatos contrabandeados e fazer a entrega do produto dos crimes. O Nelson e o Alessandro guardavam a munição, guardavam o armamento.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tanto é — para a senhora ver que não foi pego armamento nenhum...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não. Foi pego um caminhão...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Foi pego um caminhão com munição e granada. Agora...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, aquilo não é armamento, Sr. Oswaldo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Agora, se eles soubessem que eu tinha associação com eles, por que não me pegou, então, na hora?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, mas eles pegaram...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A Polícia Federal não disse que entraram na minha casa; que a minha filha ia se casa; que eles pegaram o meu dinheiro, e o meu dinheiro não apareceu até hoje, dizendo que era dinheiro de contrabando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E deve estar preso nos autos do processo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Dois carros meus... porque... no dia, eu estava até devendo os 2 carros, e a Polícia os apreendeu. A única coisa que a Polícia achou na minha casa foi o meu dinheiro, que era para o casamento da minha filha, que, na ocasião, eram 23 mil reais, e os meus 2 carros, devendo...



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Esses 23 mil eram de quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A senhora acha que se eu fosse contrabandista de arma, de munição, de alguma coisa, eu estaria com 2 carros velhos, e 2 carros baratos: um Fiat Uno e outro carro barato, e cheio de dívidas...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Esses 23 mil eram do que, Sr. Oswaldo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Do casamento da minha filha.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, mas como é que o senhor os adquiriu?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Das minhas lojas, porque eu tinha uma loja em eu vendia mercadorias do Paraguai, de contrabando.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Então, eu tinha loja, eu vendia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor acabou de dizer que vendia mercadoria do Paraguai, de contrabando. Como é esse esquema, para pegar, assim?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Vai lá no Paraguai, compra, traz dentro do ônibus, e pronto!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem mistério nenhum?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não tem mistério nenhum. Todo o mundo faz isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pode trazer o que quiser?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Menos o senhor, que não precisa. Mas, quem precisa... qualquer ônibus que o senhor pegar da (*ininteligível*), o senhor vai ver, todo o mundo faz isso, e traz a mercadoria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que o senhor fazia em Foz, quando morou lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu trabalhava na Hilton Internacional, dentro do Paraguai, vendendo relógios Orient.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dentro do Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Dentro do Paraguai.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, me explique algumas coisas. O senhor vai ser interessante para me explicar como é que funciona.

Permite, Deputada?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Lá, vende arma na rua, mesmo, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não trabalhava lá? Por quanto tempo trabalhou lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Trabalhei 8 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então? Então, como não sabes, se tu andavas lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas eu nunca vi arma na rua. Eu nunca vi arma na rua. Eu nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu nunca entraste numa loja para ver arma?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu nunca vi. Até porque não me interessa armamento, não me interessa. Eu não gosto de arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem como! Oswaldo, vamos falar franco: foi monitorado o teu encontro com o Nelson; já devem ter sido monitorados o teus telefones; foi monitorado que o Nelson chegou de avião e que tu foste recebê-lo no aeroporto.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não mencionei... Eu não falei aqui para vocês que eu fui recebê-lo no aeroporto?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que foi recebê-lo no aeroporto.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Recebi no aeroporto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E, aí, vocês foram lá para a Favela Vila do João, no Conjunto Esperança...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Fomos para a minha casa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No Complexo da Maré. Eles te seguiram, e tudo...



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Foram para a minha casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sabem direitinho. Inclusive, deram o número e a placa do teu carro: AID 52I7.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É um...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É o Pálio.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É o Pálio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles seguiram e viram tu indo, lá, com o Nelson para lá.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Fui direto para a minha casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De repente, tu estás com o dinheiro que o traficante te deu para pagar as granadas para o Nelson.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu tinhas que dar uma checada se o Alessandro ia chegar com as granadas bem e ia entregar lá, ao traficante. E tu davas o dinheiro para o Nelson. Mas nem tu, nem o Nelson estariam perto das granadas, porque não são débeis mentais.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Olha só...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tinha que ser débil mental para acontecer um negócio desses. Agora, tu, um cara que mora há 8 anos — já a começa daí —, morou 8 anos trabalhando no Paraguai, lá, em Ciudad del Leste, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas eu nunca vi ninguém vender armas na rua, no Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, tu nunca viste ninguém vender arma?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu nunca vi ninguém vender arma no Paraguai, na rua. Eu nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois qualquer um que for agora... Todos os repórteres que foram fazer reportagem lá viram arma dependurada, inclusive, na rua.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah! Então, não está vendendo na rua, está vendendo nas lojas. Não é na rua.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah! É nas lojas, penduradas...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Então, estão vendendo nas lojas, não na rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. Têm os que vendem na rua, também.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu nunca vi. Nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Têm os que vendem na rua.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o esquema para comprar arma nas lojas? Então, vamos pelo que tu sabes.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei, não sei. Não sei, porque eu nunca comprei. Eu nunca comprei arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só granada?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca comprei granada, nem arma. Nunca botei a mão em nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O quê? (*Risos.*) Cinquenta granadas, foi o que tu pegaste lá.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Eu nunca botei a mão em nada. A Polícia não pegou nada comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu botaste a mão no cara que trouxe as granadas, ô meu!

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. A Polícia não botou a mão em nada de mim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu foste receber no aeroporto o cara que trouxe as granadas.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A Polícia não botou a mão em nada meu: nem em granada, nem em munição, nem nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, não tem sentido.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Oswaldo...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Senhora.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quanto tempo o senhor ficou no Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Um período de uns 8 anos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Oito anos. O senhor devia assistir televisão, ouvir comentários, assistir a jornais, ler.. Por esse período que o senhor ficou lá, e que ouvia dizer ou assistia na imprensa, o que é mais fácil comprar no Paraguai: armas ou munição?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei, eu não posso explicar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas são 8 anos lá, e o senhor não...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ué!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que passava na televisão sobre isso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu moro há 20 anos no meio da...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que a televisão divulgava sobre isso, lá? É mais fácil comprar armas ou munição?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Dificilmente assisto à televisão. Eu só vejo esporte. Eu só vejo esporte, e mais nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Oswaldo, deixe-me dizer uma coisa: o senhor está sendo ouvido — e volto a dizer isso, que é importante — nesta CPI, para ver...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu sei, Excelência. Eu sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não! Para ver o grau de honestidade sua, de boa-fé, compreendeu?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu estou sendo honesto com os senhores. Eu estou sendo honesto com os senhores.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No momento em que uma pessoa diz que trabalha há 8 anos ali, no Paraguai, no negócio, e diz que não sabe de coisa nenhuma... o senhor entrava de olhos tapados e saía... devia ser...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Devia entrar alguém dirigindo para o senhor, e o senhor de olho vendado até a sua firma, e o senhor tirava a venda, entrava na firma... porque só pode ser assim.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Deixe-me explicar para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque ficar 8 anos... Nós estamos pedindo uma ajuda de como é que funciona, não tem o menor problema, e o senhor não quer nem dar uma ajuda nesse sentido?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu estou dando ajuda.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor fazia o que, lá, nesses 8 anos?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Vendedor de relógios. Eu era vendedor de relógios. Eu não entrava em casa de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tinha carteira assinada lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Em outros países não tinha carteira assinada.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor tinha negócio próprio, de venda de relógio?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu era funcionário.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E como é que o senhor descobriu que tinha uma vaga lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque o rapaz era meu amigo, há mais de 30 anos, aqui no Rio, abriu a firma lá e me chamou para trabalhar lá.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem era esse seu amigo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O Sr. Ilton Fornari.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele só faz isto, lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Agora, não, porque a firma terminou. Mas só fazia isso. Só isso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que é que ele faz hoje?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Hoje ele não faz mais nada. Ele está... Não faz mais nada.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está o quê?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Está na casa dele, à vontade, é aposentado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, o senhor trabalhou 8 anos lá e depois veio fazer o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Como o quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Depois dos 8 anos trabalhando no Paraguai.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Voltei para o Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E aí o senhor fez o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Abri esta loja que eu tinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esta loja fica onde?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ficava em Coelho Neto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor já fechou essa loja?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Já. Já fechei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fechou quando?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Já fechei há bastante tempo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fechou quando?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Há uns 4 anos, 5 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas o senhor foi preso, quando?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu fui preso em 2003.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, faz 2 anos, no máximo? Então, o que o senhor ia fazer no Paraguai a toda hora, se a loja já estava fechada?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Deixe-me explicar para os senhores: a gente vai sempre... Quem sempre foi ao Paraguai, sempre vai, ou para trazer uma filmadora, trazer um vídeo, trazer alguma coisa. Sempre tem uma encomenda para trazer. Sempre tem encomenda para trazer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, já está mudando o negócio.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não estou mudando, estou falando de uma realidade.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque o senhor caiu numa contradição: o senhor disse que ia buscar mercadoria para a sua loja. Só que a sua loja estava fechada há 3 anos, antes da sua prisão.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, então, como é que o senhor ia buscar mercadoria para a sua loja? Veja, quando a gente tenta fazer uma história, é complicado.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas eu não estou fazendo história, estou falando a realidade do que ocorre. Eu sempre fui ao Paraguai. Eu sempre fui ao Paraguai e sempre trouxe mercadoria do Paraguai, mesmo depois que a minha loja foi vendida. Eu sempre trouxe mercadoria do Paraguai. Senão, como é que eu ia sobreviver?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora é que o senhor está dizendo que sempre trouxe...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. O senhor não me perguntou. O senhor me perguntou, e eu falei que tinha uma loja que eu trazia mercadoria do Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é. Para a loja.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - E eu continuei. Quem vai ao Paraguai, continua trazendo sempre mercadoria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vejam como a história vai caindo: o senhor vai para o Paraguai sem ter a loja.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas muita gente... Eu sempre fui, com loja, sem loja.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tendo loja, eu entendo, porque aí você tem como vender a mercadoria, e tudo mais. Agora, o senhor ir para buscar uma filmadora, não paga nem a passagem.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Paga, paga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não paga nem a passagem.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas, geralmente, não traz uma filmadora; sempre traz mais coisas.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, aí é muito complicado. Agora, paga passagem... O negócio de armamento, o senhor não quer me ajudar mesmo!

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas eu não posso ajudar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor nem quer me ajudar; o senhor não quer dizer nem que viu. Daqui a pouco, o senhor é capaz de dizer que o Paraguai não vende nem arma.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Que vende arma, vende. Agora, que eu tenha visto, eu nunca vi. Porque, quando eu vendia no Paraguai, eu não entrava em lojas de armamentos. Eu entrava em lojas que vendiam material eletrônico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Oswaldo, eu vejo arma até aqui, em *shopping center*, é só passar na frente da vitrine que a gente vê arma. Não tem...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem mistério. Aí, o senhor disse que nunca viu na vida?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca vi, nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Maravilha!

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Estou dizendo para o senhor que eu nunca vi. Sinceridade, é verdade, estou dizendo que eu nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - (*Riso.*) O senhor fica 8 anos trabalhando no Paraguai...

(*Intervenção inaudível.*)

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Oswaldo, o senhor visitou que outros países? O senhor conhece outros países?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não conheço lugar nenhum. Só conheço o Paraguai. Nunca viajei na minha vida. Não tenho nem passaporte.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E os seus amigos, daqueles que o senhor conhece, o Nelson, o irmão dele, quem visitou a Argentina?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei. Porque o Nelson andava muito, vendendo inseticida, entendeu? Porque ele mora em Guaíra, divisa com...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim, mas ele é seu amigo, vivia na sua casa.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Vivia na minha casa. Ele viajava muito.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quantas vezes ele foi para a Argentina?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah! Não sei. Isso, não posso falar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Três vezes, uma vez, quatro vezes?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei. Não posso falar para a senhora, porque eu não sei.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele foi, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei. Não posso informar. Ele nunca me falou que ia para a Argentina.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E quando ele ficava um tempo sem aparecer na sua casa?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Que ele ia muito para Goiás, ele ia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como ?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Geralmente, quando ele vinha para Brasília, para vender inseticida, aparecia na minha casa. Ele fazia baldeação, passava um dia na minha casa, depois ia embora.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Passava um dia inteiro?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Passava um dia inteiro na minha casa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o senhor não sabia que ele estava envolvido em tráfico de armas?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Pelo menos, nunca me falou.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, Sr. Nelson, ele passava o dia na sua casa. O senhor era amigo desse homem.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas uma pessoa é obrigada a falar? Então, eu mato uma pessoa e sou obrigado a falar para o meu amigo que matei uma pessoa?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas a gente sabe, pelo menos, a vida das pessoas.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Pô, mas...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Pelo menos dos amigos da gente.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Pelo menos, que saiba, é isso: ele vendia inseticida.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o irmão do Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tinha um caminhão.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele costumou ir para a Argentina quantas vezes?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor teve algum tipo de relação comercial com o Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nem compra de inseticida, assim?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, porque eu não trabalhava com inseticida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aliás, o senhor não trabalhava com nada, nessa época.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Trabalhava, trabalhava. Sempre trabalhei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Trabalhei. Eu tinha loja, ia sempre ao Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, mas a loja acabou 5 anos atrás. E, aí, o que é que aconteceu?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu continuei. Eu continuei, sou aposentado. Eu não vou ficar esperando a aposentadoria, tinha que fazer alguma coisa. Então, sempre ia ao Paraguai, por 15 dias, 20 dias, às vezes, uma semana. Eu sempre ia ao Paraguai comprar mercadoria para vender.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Armas, nem pensar. Nem de brinquedo, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Nem de brinquedo. Eu não sei nem pegar em revólver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não sabe nem pegar em revólver, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei, não. Eu nunca vi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E nem precisa, era só para vender.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, mas eu nunca vi.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nunca viu um revólver?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Para pegar, não. Para eu pegar, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E quando disseram que o irmão do Nelson estava com granada dentro do caminhão, o que é que o senhor disse?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tanto é, quando disseram... o outro, o Alessandro, ele disse, na Federal, que eu não tinha nada a ver com isso. Ele disse, na Federal. Ele disse na Federal que eu não tinha nada a ver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ele disse quem tinha a ver?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Diz ele... a história que ele contou é que o camarada tinha encomendado para ele, não sei o que lá, pagou tanto a ele "xis"...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E, aí, o Alessandro, tirou tu e o Nelson da parada?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Estava tirando não. Eu fui condenado. Então, não tirou ninguém da parada. Ele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas, aí, como é que fica?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Senhor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu disseste que ele tirou... e, aí, tu foste condenado?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Ele disse, na Federal, não fui eu. Porque eu não tinha nada a ver, nem conhecia...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como é que o senhor sabe que ele falou isso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque ele contou para mim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ele disse que o Nelson sabia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Aí, eu não sei, porque ele não me falou isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque o Nelson é de Guaíra, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Guaíra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é, o caminhão... foi posta a carga em Guaíra, lá.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Guaíra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que era a cidade do Nelson. E, aí, veio... e não é com pouca coisa, hein, Oswaldo? Olha, 50 granadas e 20 mil balas de fuzil, não é pouca coisa, não. Dava para fazer uma festa danada, não? O que o Nelson disse para ti, quando aconteceu a prisão?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Depois que ocorreu a prisão? Não, o Nelson não me falou nada. Quem falou foi o Siton... o Alessandro, que estava trazendo aquela carga, que era para entregar para o rapaz, não sei em que lugar; o lugar que ele falou, não me recordo. Agora, associar o Oswaldo ao Nelson Siton, em termos dessa carga... A Polícia Federal alega que encontrou na minha casa 50 granadas e 20 mil tiros. Pô!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, não. A polícia não disse que encontrou na tua casa, a polícia disse que pegou no caminhão mesmo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Eu li o relatório, e disseram que encontrou na minha casa, que encontrou na minha casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que eu vi aqui...



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - E nunca me pegaram com nada. Engraçado, se eles me seguiam tanto...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque tu não ias botar na tua casa, nunca, isso. Não é nem doido!

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Se eles me seguiam tanto...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que ia traficar botando em casa? Tu ias fazer o esquema...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eles me seguiam tanto e nunca encontraram nada disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se eu te contar a história que parece, a gente olhando? Compreendeu? Só para a gente olhar: botam o Alessandro para correr todos os riscos, compreendeu, para assumir, se for pego — por algum grau de lealdade dele, ele faz isso —, tu e o Nelson. O Nelson faz os contatos com o pessoal na Argentina e no Paraguai, e tu fazes os contatos com o pessoal do morro. Tanto é que tu foste visto várias vezes indo ao morro.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu nunca subi morro, eu nunca subi morro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é, mora no Rio...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Apesar de eu conhecer bastante o morro, eu nunca subi morro.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas conhece. Se o senhor nunca foi lá, como é que o senhor conhece?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A minha mãe mora em Acari. É cercado de morro Acari, que eu conheço. Eu nasci no Acari. Então, eu conheço. Mas eu não subi morro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A verdade é que seguiram vocês, inclusive nas favelas, e tudo mais. Isso já está... E tu foste condenado por causa disso, porque tu ias... Então, o que que era? O contato do Paraguai e da Argentina — as granadas, acho, vinham da Argentina — com o contato do Rio, que eras tu. Vocês dois estavam juntinhos, e a carga chegando no Rio de Janeiro. Quer dizer, o que tu queres que pensem? Só podias ser condenado, mesmo. Aí, tu podes falar que é a Rainha da Inglaterra, porque não vai fazer diferença nenhuma, porque os indícios são todos contra ti. Tu estavas como o dinheiro.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tanto é que eu fui condenado na oitiva.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Tu estavas com o dinheiro em casa...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Dá licença, só um minutinho, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem vai colocar vinte e poucos mil em casa, me diz?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A minha filha vai se casar no dia 17 de abril. Eu não posso ter dinheiro na minha casa?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor foi pego que dia?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que dia era?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Dia 17 de abril a minha filha ia se casar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. Quando tu foste preso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu fui preso no dia 9.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No dia 9. Quem é que vai botar dinheiro dentro de casa, vinte e tantos mil? Tu és doido, é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Talão de cheque, cartão, se usa para isso, meu amigo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, mas eu tinha dinheiro na minha casa para pagar vestido da minha filha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ninguém bota vinte e tantos mil... pode ser...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tem gente que tem muito mais do que 23 mil reais em casa, o senhor sabe disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só por curiosidade: ela se casou?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tem gente que tem muito mais do que 23 mil reais dentro de casa.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu nunca tive, nem nas contas. (*Risos.*) Ela se casou?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Muita gente tem. Muita gente tem, muito mais do que eu tinha na minha casa, 23 mil reais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ela se casou, no dia 16?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Senhor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ela se casou, no dia 16?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não casou, porque foi adiado o casamento, ainda houve esse problema comigo. Mas se casou o ano passado, graças a Deus, e já vem...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, depois do adiamento... foram uns 2 anos de adiamento...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - De quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De adiamento.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - De quê? De casamento?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De casamento.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A minha filha se casou no ano passado, não foi 2 anos. Eu estou 2 anos preso...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Um ano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dois 2 anos, então, 1 ano e pouco levou para se casar.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Problema, hein?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Problema sério.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Já tinha feito os convites, para o dia 16?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Já tinha feito convite, e tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tinha feito todos os convites.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O pessoal entendeu o problema que houve comigo. A *TV Globo* noticiou por 15 dias. Não sei lá quem... o jornal era toda hora que trazia. Todo o mundo viu o que aconteceu.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor há de convir que 50 granadas e 20 mil balas de fuzil não é um negocinho pequeno, não.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas não foi eu quem trouxe, não, Excelência. Não fui eu quem trouxe, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Seu Vavá, é assim que o senhor é conhecido, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Meu apelido é Vavá.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Vavá. O senhor tem contas em quais bancos?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu tenho no Itaú, antigo BANERJ.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Tem talão de cheque?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Agora, a minha conta já foi encerrada.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quando é que foi encerrada?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Acho que uns 2... no período que eu estou preso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Na época, o senhor costumava fazer a feira com cheque, ou o senhor ia ao banco e sacava o dinheiro?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Com dinheiro na mão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que lhe emprestou os vinte e poucos mil?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, ninguém me emprestou. Esse dinheiro, eu tinha acumulado das mercadorias que eu vendia no Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, o senhor tirou da sua conta os vinte e poucos mil?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não tinha na conta. Eu tinha em casa guardado o dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tinha a conta? Vê que não bate as coisas.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Excelência, bate. Tanto bate, Excelência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não bate.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem trabalha com negócio de Paraguai, eu duvido que alguém pegue o dinheiro e bote no banco. Você tem que tirar uma quantia toda semana para trabalhar no Paraguai. Pega dinheiro, 5 mil, 10 mil, 15 mil e vai trabalhar no Paraguai. Então...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu estás com vinte e poucos mil...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Pô! O senhor está admirado de eu ter vinte e poucos mil?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, não estou admirado. Estou admirado que tens em casa.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Justamente por causa do casamento da minha filha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A não ser que fosse para pagar o Nelson.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Para pagar... sobre o quê? Se o senhor fizer as contas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí, tu que me dizes.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Olha, eu não sei. Eu não sei as contas, quanto é 50 granadas nem 20 mil tiros. Se 23 mil reais dá pra pagar isso tudo, então era bala de festim ou granada de festim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Seu Oswaldo, eu não tenho nem idéia, nem sei se dá. Como é que o senhor tem dúvida?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não... Não, pelo que a gente houve falar, a quantidade...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ah, pelo que o senhor ouve falar!

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Pela quantidade, 23 mil reais!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não deve dar, não é?

Então, pelo que o senhor ouviu falar também, lá no Paraguai, era mais fácil comprar arma lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não ouvi falar no Paraguai.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Era mais fácil comprar arma lá?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca ouvi falar no Paraguai, porque eu nunca comprei arma lá, senhora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele nem viu arma lá no Paraguai!

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu nunca vi arma no Paraguai porque eu nunca entrei nas lojas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Hein, Deputado Luiz Couto, ele trabalhou 8 anos na Ciudad del Este, do outro lado de Foz do Iguaçu, e nunca viu arma no Paraguai.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque eu nunca entrei nas lojas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Oswaldo, o senhor acha que o Sr. Nelson e o Sr. Alessandro, eles se livram fácil desse processo? O senhor acha que está difícil para eles?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O Alessandro já está na rua e tudo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas ele está respondendo...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, ele ganhou indulto; a cadeia dele caiu, ele ganhou indulto e foi embora.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, mas aí ele não está livre do processo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A pessoa, quando é indultada, vai embora, acaba o processo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o irmão dele, o Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu e ele ficamos porque nós não ganhamos a apelação. Nós perdemos na apelação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E acharam que o Alessandro era só a mula do negócio e vocês que eram os cabeças.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Parece.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor acha que o Alessandro se livra fácil disso? Está muito difícil pra ele se defender?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem?



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O Nelson.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Se Deus quiser. Eu também espero me ver livre, se Deus quiser, daqui a 1 mês. Já estou vencendo o condicional.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como é que o senhor acha que vai se livrar disso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu estou vencendo o condicional já.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como é que o senhor acha que vai se livrar disso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Se livrar como, a senhora está me perguntando?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Desse processo todo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ué, mas eu já estou vencendo a lei já.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Vencendo a lei, a condicional.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quando é que o senhor termina a sua...?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mês que vem já termina meu prazo condicional.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aí o senhor vai fazer o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Vou entrar com a minha condicional pra ir pra rua.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E, depois, na rua, o senhor vai fazer o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O que eu sempre... Não sei se não vou ter dinheiro pra fazer o que eu sempre fiz.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que o senhor sempre fazia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Era ir pro Paraguai buscar mercadoria pra trabalhar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está sendo sincero nisso. Está sendo sincero. É voltar a buscar a mercadoria do Paraguai, a mercadoria que o botou na cadeia.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não, não. A minha não, senhor. Estou com 60 anos. Não sou mais criança. Então, não... Não volto pra cadeia nunca mais, se Deus quiser.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que o senhor vai fazer pra evitar isso, que o senhor volte pra cadeia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Procurar um trabalho. Alguma coisa eu vou ter que fazer. Procurar um trabalho.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor está arrependido pelo que aconteceu com o senhor?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas é claro. Quem é que não se arrepende de estar preso? Estou preso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor se arrependeu de quê? De ter feito o quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu estou arrependido de eu estar preso e...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas estar preso... O senhor se arrependeu de quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não arrependi de nada porque... Eu tenho certeza, senhora, que eu não...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor está arrependido ou não está?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Arrependido de quê? De estar preso? Eu estou arrependido de estar preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Deputado Luiz Couto tem a palavra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Oswaldo, tudo o que está no processo... o senhor foi condenado, ou seja, foi feito um monitoramento por parte da Polícia Federal, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Sim, senhor.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou seja, gravado, filmado. E é tanto que o Ministério Público fez a denúncia, a pronúncia do senhor, o senhor foi condenado por isso, o senhor recorreu e a Justiça manteve a decisão em cima da acusação de que o senhor estava carregando armas que seriam utilizadas pelo chamado Terceiro Comando.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nega isso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nego.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mesmo com o monitoramento?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nego, nego.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mesmo o senhor sabendo que pode estar dizendo um falso testemunho?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não estou dizendo falso testemunho porque o Terceiro Comando... Eu nunca carreguei nada pra terceiro, nem pra comando... nada, nada, nada. O que eu acho engraçado: a Polícia tinha tanta certeza de que eu estava carregando alguma coisa e nunca me pararam no meio da rua, nunca me pegaram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor sabe que a Polícia não quer apenas pegar a pessoa que está... Ela quer pegar a cadeia toda, o esquema todo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Então.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E essa foi a preocupação: pegar o esquema todo, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A Polícia não pegou nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pegar Nelson, pegar o Alessandro, pegar o Oswaldo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu sei, mas a Polícia Federal não...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pegar gente ligada ao Terceiro Comando.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas a Polícia Federal nunca pegou nada comigo, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor foi encontrado na... foi preso lá no... o senhor estava lá com o senhor Nelson quando foi preso.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu estava na minha casa quando a Polícia Federal chegou.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Oswaldo, mas a Polícia Federal gravava o senhor há alguns dias, o monitorava. O que o senhor acha que...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas ela gravava eu pegando alguma coisa, senhora?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O que que o senhor acha que pode ter levado a essa sua prisão, se o senhor vinha sendo monitorado.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei, porque tudo o que eu estou dizendo aqui pra vocês, foi dito no juiz. O Juiz me perguntou, coloquei tudo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor foi condenado por um outro crime ou não? O senhor teve de responder a algum outro processo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Só esse só.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois diz aqui que o senhor estava sendo investigado em outros inquéritos policiais. Nelson e Oswaldo. O senhor não foi investigado em outro...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Só se foi desse processo lá de Juiz de Fora, que eu acabei de citar pra Excelência lá.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Da mala de dinheiro?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Senhora?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Da mala de dinheiro?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mala de dinheiro?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca tive mala de dinheiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor foi processado. Houve o inquérito, em Juiz de Fora...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Sim, sim, fui processado, paguei tudo direitinho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas por que razão? Qual foi razão? A razão da...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque eu estava junto com o rapaz que fazia negócio de cartão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, "cartãozeiro". Fazia clonagem.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, mas eu não tinha nada a ver.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tanto é que o juiz mandou me soltar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas Polícia Federal fez o monitoramento. Feita essa investigação, diz o seguinte: que o senhor, juntamente com Nelson e o Alessandro, que era quem dirigia caminhão Scania, placa AGC 8549... O senhor alguma vez andou nesse caminhão?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca. Nunca andei de caminhão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca viu esse caminhão?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca andei de caminhão. Eu só vi ele lá no pátio da Federal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse caminhão pertencia a quem?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Alessandro Siton.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quando o senhor foi a Foz do Iguaçu, Nelson recebeu lá também no aeroporto?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está só filmado isso, mas...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Não, senhor, tenho certeza absoluta que quando cheguei no aeroporto, peguei um táxi, e fui direto para a casa de uma amiga minha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor teve alguma vez na Argentina?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na Bolívia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só no Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Paraguai, estive.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E além do Paraguai, o senhor esteve em algum outro local fora do País?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E, além do Rio de Janeiro, o senhor esteve em algum outro Estado?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esteve lá em Minas Gerais, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Minas Gerais? Ah, Juiz de Fora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, Minas Gerais, no caso. E, por onde o senhor passava, o senhor ia de avião, ou ia de ônibus?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Juiz de Fora, fui de carro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas quando o senhor ia para o Paraguai, o senhor ia de quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ia de ônibus.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De ônibus.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Teve uma ocasião que eu fui de avião.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Veja o seguinte, conforme apurado pelos agentes da Polícia Federal, o senhor e Nelson, freqüentemente se encontravam com o gerente do tráfico do Morro da Pedreira. O senhor esteve alguma vez no Morro da Pedreira?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, o que eu acabei de citar para a Excelência aqui é que eu conheço o Morro da Pedreira, mas nunca fui lá em cima.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E com o Bravo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca estive também com o Bravo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor não conhece o Bravo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não conheço o Bravo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não teve nenhum relacionamento?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca tive nenhum relacionamento nenhum, nenhum, nenhum.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, aí, é o seguinte, a Polícia tem todas as informações de que o senhor fornecia mercadorias contrabandeadas. O senhor diz que ia comprar no Paraguai, e o senhor sabe que no Paraguai... O senhor entrava com nota fiscal, ou era fria?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas quem vem do Paraguai não vem com nota fiscal, porque eles não dão nota fiscal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Só quando...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, o senhor estava fazendo contrabando?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Sempre fiz contrabando.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Fez contrabando. E nesse contrabando não pode o senhor ter feito contrabando de armas também?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, em absoluto, em absoluto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E de artefatos de guerra?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Em absoluto, em absoluto. Tanto é que ele é revistado na fronteira quando passa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor conhece um traficante conhecido por Linho?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não senhor. Já ouvi falar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já ouviu falar.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Já ouvi falar, agora, eu conhecer pessoalmente, não. Pessoalmente, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Através de quem o senhor ouviu falar?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É o noticiário, é o que mais fala.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alguém não conversou com o senhor sobre esse Sr. Linho?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Oswaldo, o senhor também é conhecido como Vavá, não é isso?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Meu apelido é Vavá, desde criança.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Veja, até isso a Polícia Federal tinha todas as informações. E diz o seguinte, que o senhor, por meio do traficante de informante, morador no Morro da Pedreira... Ou seja, a Polícia também tem informantes. E muitas vezes, o senhor podia estar lá...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, mas eu nunca estive no Morro da Pedreira. Isso, eu tenho certeza. Se eu tivesse, eu tinha falado aqui pro senhor *“Já estive lá no Morro da Pedreira, sim senhor”*, mas eu nunca estive.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E que o senhor recebeu uma quantia de 70 mil reais. Porque o Nelson já havia feito uma entrega de um carregamento. Em razão disso, foi apurado que Osvaldo recebeu uma quantia de 70 mil reais, pago pro Bravo. O senhor recebeu essa quantia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Em absoluto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olha que o julgamento é como...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Onde é que fica...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Muita coisa que a Polícia bota aí, Excelência, se o juiz for acreditar e vocês forem acreditar, é brincadeira. Eles disseram que eu conheço o Linho, que eu conheço o Bravo, que eu conheço não sei quem lá... Eu não conheço ninguém.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Onde é que fica no Morro da Pedreira?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Fica no Acari.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No Acari. Se o senhor nunca recebeu 70 mil por esse...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E quem é que mora de seu parente no Acari?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A minha mãe morra o Acari. A dona Leontina Ribeiro Azevedo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o senhor nunca passou no Morro da Pedreira?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E veja que...



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, passar a gente passa, porque o morro é da rua.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas eu subir não. Nunca subi no Morro da Pedreira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Veja que diz que essa quantia que o senhor recebeu era apenas a primeira parcela da compra de um armamento. E que...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O que que diz?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aqui, foi uma investigação da Polícia, e, depois, confirmado pela Justiça.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Pô, a Polícia falar, a Justiça. Claro, a Justiça vai acreditar em quem? No Vavá, no Oswaldo Ferreira de Oliveira, ou na Polícia?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor teve todo o direito do contraditório, se defender...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mais do que eu me defendi, Excelência?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Então, e daí? Fui condenado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só que não convenceu a Justiça.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Fui condenado a 6 anos e 8 meses de cadeia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tanto que a Justiça diz que as provas são irrefutáveis.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quantos anos?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Seis anos e 8 meses.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A Justiça diz: provas irrefutáveis. O senhor acha que o juiz também...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Excelência, o senhor sabe como é a nossa Justiça, não adianta...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E como é a Justiça?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Como é que é? É falha, é cheia falhas. Todo mundo está cansado de saber disso, não é só eu não, todo mundo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor para ir ao Paraguai, o senhor trocava real por dólar, ou o senhor comprava na moeda mesmo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Comprava na moeda mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque diz que o senhor recebeu essa quantia de 70, e o senhor logo trocou por moeda estrangeira, por dólares, em uma agência de câmbio. O senhor alguma vez esteve em alguma agência de câmbio, do Rio de Janeiro, fazendo troca de real por dólar?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nessa quantia não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sabe quem é que tinha agência de câmbio?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O amigo dele, Wilson.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, mas nessa época, eu não trocava. O Wilson há muito tempo acabou a agência dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor chegou a trocar?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Na agência, sim, mas há muito tempo acabou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor chegou a trocar quanto?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah, trocava 2 mil, 3 mil por dólar. Agora, 70 mil dólares é muito dinheiro. Aí, eu vou concordar, 70 mil dólares é muito dinheiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, é 70 mil reais.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Setenta mil reais é muito dinheiro também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, não é? Qual foi a quantia maior que o senhor trocou lá, em termos de... com dólar.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah, 3 mil, 4 mil, 5 mil reais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dólares?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, 3 mil, 4 mil, 5 mil reais trocados, convertidos em dólar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Diz o seguinte, que o senhor no dia 26/03 — e está comprovado — embarcou em uma companhia, na Vasp, no Vôo 4261, às 10h, com destino à cidade de Foz do Iguaçu. O senhor confirma essa viagem?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Excelência, é...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dia 26/03/2003.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Vinte e seis...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De 03/2003.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não me recordo. Posso até ter viajado sim, mas não me recordo não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Lá chegando, aproximadamente a uma e meia da tarde, o senhor foi recepcionado no aeroporto... E a Polícia estava lá...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, é a mesma coisa que a Excelência me perguntou aqui, por um Nelson. Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Nelson, que estava lá, já esperando pelo senhor.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não estava não senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor acha que a Polícia, que estava lá, monitorando...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, mas eu não estive com o Nelson. Eu não estive com o Nelson.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E quem foi que o recebeu lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ninguém. Quem me recebeu foi o táxi, que eu fui direto pra casa de uma amiga minha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olha, diz que toda atividade foi monitorada. Ou seja, foi acompanhada pela Polícia, e depois...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Excelência, tudo é monitorado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...depois, a Polícia, quando o Nelson foi preso, era a figura que estava lá, esperando o senhor a uma e meia da tarde.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não estava não senhor. Nesse dia, agora eu estou me recordando, não estava, que eu fui direto, sai direto, peguei o táxi, cheguei no aeroporto, peguei o táxi, fui direto para a casa da minha amiga, e, de lá, fui para o Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não faz muita diferença, porque quando o Oswaldo foi preso na Avenida Brasil, ele disse de pronto...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu nunca fui preso na Avenida Brasil, só fui preso na minha casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não foi o Oswaldo não. Não foi o Oswaldo não. Isso foi um erro meu.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nelson não, foi o irmão do Nelson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi o Alessandro.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Alessandro, quando foi preso na Avenida Brasil, ele disse: *“O Nelson, eu estou fazendo esse carregamento pro Nelson. O Nelson é que sabe onde é que vai entregar, e ele está lá com o Oswaldo”*. Tanto é que...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu não soube disso não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está aí, está aqui.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não soube disso não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor chegou em Foz de Iguaçu, e foi para casa de sua prima?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Amiga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tanto é que o senhor foi preso com o Nelson na sua casa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ficou lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Fiquei lá mais ou menos umas 2, 3 horas; depois, sai, fui direto fazer compras no Paraguai.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E ficou em que hotel?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não fiquei em hotel, fiquei na casa dela.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, só que tem uma prova de que o senhor ficou...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Fiquei na casa dela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... no Hotel Mabu Resort.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, nunca fiquei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor e a outra pessoa que estava lá, que era o Nelson.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Se eu tivesse ficado lá, tinha que ter a entrada minha no hotel lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, mas ele pode ter só se encontrado com o Nelson lá também.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Mas não me encontrei, não senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não faz diferença.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Só um pouquinho. Sr. Oswaldo, isso está gravado.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Senhora?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Isso está gravado.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O quê?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Esse seu encontro lá no hotel. A Polícia Federal gravou, como gravou a sua recepção no aeroporto também.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu queria ver. Se eles gravaram, eu queria ver. Eu queria ver, eles me esperando no aeroporto, eu me hospedando no Hotel Malibu — sei lá, Mabu. Eu queria ver, me hospedando lá.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Oswaldo...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu jurei aqui que eu iria falar a verdade. Então, o que eu estou falando é a verdade. Eu nunca estive no Mabu Hotel. O Nelson nunca me esperou no aeroporto em Foz do Iguaçu. Eu fui direto para a casa da minha amiga; peguei um táxi e fui direto para a casa da minha amiga.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E, nesse dia, segundo a polícia, o senhor ia entregar 50 mil dólares norte-americanos, que Bravo entregou ao senhor, para que o senhor entregasse ao Nelson.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não ia entregar 50 mil; se ele me entregasse 50 mil dólares, eu tinha ido embora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Teria ido embora?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É claro que eu ia me embora — 50 mil dólares é muito dinheiro.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ia embora para onde? Por quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem que vai dar 50 mil dólares na mão de alguém, senhora, sem conhecer?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A pergunta não é essa. Estou perguntando para onde você iria embora.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas eu estou respondendo para a senhora: quem é que vai dar 50 mil dólares para uma pessoa sem conhecer?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas o Nelson várias vezes ia na sua casa. Isso aí...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem é que vai dar 50 mil dólares na mão da pessoa sem conhecer a pessoa?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor que está dizendo que, se ganhasse, o senhor ia embora. Para onde e por quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É claro que eu ia embora. Eu falo a realidade: eu ia embora mesmo. Não sei quem é a pessoa, me dá 50 mil dólares...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A prova é de que o senhor tinha alguma vinculação, e o senhor sabia que ia enfrentar o Terceiro Comando, e o senhor podia ir embora. Mas, depois, o senhor não pararia em lugar nenhum.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nem sei quem é Terceiro Comando, nem quem é Bravo. O senhor que citou isso aí, que disse que está escrito isso aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está na polícia. Está aqui, está no inquérito.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Está na polícia... Tem muita coisa escrita na polícia.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conheceu o Sr. Nelson há muito tempo? Quando o senhor conheceu o Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Conheço o Nelson há uns... Desde a época em que eu estava trabalhando no Paraguai foi quando eu conheci ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele também trabalhava lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ele tinha fazenda lá. O pai dele tinha fazenda lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - No Paraguai.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Nelson também tinha algum negócio na Argentina?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. O pai dele tinha uma fazenda no Paraguai.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas tinha algum negócio na Argentina, o Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Na Argentina? Não sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nunca viu?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nunca vi na Argentina. Nunca fui na Argentina.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor conhecia a fazenda do pai dele no Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Não conhecia, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor conheceu só o Nelson, ou conheceu a família toda — Alessandro, o pai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Conheci o pai. O pai morreu há pouco tempo agora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Conheceu o pai, o Alessandro, e os outros?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Conheci, conheci.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem mais irmão também?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tem mais um.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor conheceu eles no Paraguai aonde, em que local?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ciudad del Este.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Eles foram à sua casa?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Eu não morava no Paraguai. Eu morava em Foz do Iguaçu.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E como é que o senhor conheceu ele?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Conheci por um acaso. Encontrei na loja.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Encontrei e, por um acaso, travou uma amizade. Fui apresentado por um amigo dele, que era...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Jogava lá na casa deles também?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Jogava?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Eu não jogo, não joga.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor se lembra de, no dia 27/02/2003, ter ido várias vezes ao Morro da Pedreira, no Rio de Janeiro?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Já vou repetir mais uma vez: eu nunca subi no Morro da Pedreira, nem em nenhum morro subi na minha vida.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Nelson, segundo o monitoramento feito pela Polícia, o contato de Nelson no Paraguai era para obter armas longas, fuzis M-16 e FAL; e, na Argentina: munições, artefatos explosivos e granadas.

O senhor continua dizendo que nunca trouxe armas nem artefatos explosivos da Argentina para o Sr. Bravo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu, não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. E pode dizer a mesma coisa do Sr. Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Aí eu não sei. Aí é com ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por ele.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O que eu sei é que ele trazia inseticida. Ele tinha nos livros “todinho”. A Polícia Federal apreendeu isso também. Não sei se botaram no laudo, no processo, alguma coisa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor esteve em Salto Guairá, no Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Paraguai?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO – Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É do outro lado de Guaíra.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Paraguai, não. Eu estive do lado brasileiro, na casa do Nelson Siton.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor esteve na casa do Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Com o pai, com a mãe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - São quantos irmãos lá? Só para saber.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - São três.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É o Nelson, Alessandro e tem mais um.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O nome do outro eu não sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É porque tem Guaíra, que é no Paraná, mas, do lado do Paraguai, tem o Salto do Guairá.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Guaíra, no Paraná. Já estive no Paraná, em Guaíra.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A fazenda deles é do lado brasileiro?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A fazenda deles?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, a fazenda deles é no Paraguai.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É no Salto do Guairá, do outro lado?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE - Do outro lado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Que é do Paraguai. Esse caminhão foi localizado nesse local, do Paraguai, contendo carregamento contrabandeado.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei. Aí já é a parte do Alessandro; o Alessandro que é o dono do caminhão. Não sei se ele foi para lá ou não foi. Eu não tenho nada a ver, nem sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E foi a partir daí que houve um monitoramento de toda a ação de vocês, não foi isso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor esteve em Cascavel?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Diversas vezes, em Cascavel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O caminhão ficou escondido alguns dias em Cascavel.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Diversas vezes, estive em Cascavel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E qual é o seu contato com Cascavel? Qual é a vantagem de Cascavel?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque fazia baldeação. Deixa eu explicar para o senhor: quando a gente sabia que a estrada estava ruim, estava com fiscalização da Receita Federal, a gente saltava em Cascavel, saltava em Medianeira, ia saltando para ficar, esperar a fiscalização ir embora, que é caminho para vir para o Rio de Janeiro. Então, eu cansei de fazer isso em Medianeira, Cascavel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí deixa a mercadoria lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Vai para o hotel e fica no hotel esperando acabar a fiscalização.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Todo mundo que está no ônibus vai para o hotel?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem está carregando em excesso, que nem eu carregava, e mais alguns, faz isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O ônibus ficava esperando aí?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. O ônibus ia embora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só descia em Cascavel.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Só descia. Descia em Cascavel porque eu estou sabendo que, na frente, tem fiscalização.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E de avião, nunca levou mercadoria de avião?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só ia de avião e voltava de ônibus?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, mas eu não ia sempre de avião, não. Uma vez ou outra foi de avião; quando eu estava muito cansado eu ia de avião.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Oswaldo, a família do Nelson, eles viviam bem? Eles não tinham necessidade mesmo de traficar armas, essas coisas? Tinham do que viver? Tinha muito gado na fazenda deles?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não sei se tinha gado. Isso eu não sei porque eu nunca freqüentei a fazenda deles. Nunca freqüentei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alguma vez, Sr. Oswaldo, o senhor ouviu ou conheceu uma pessoa conhecida por Lilico?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem ninguém em seu relacionamento conhecido por Lilico?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E alguma vez o senhor foi ao aeroporto Santos Dumont receber o Sr. Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Fui. Já respondi aqui para a Excelência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Falei pra Excelência que fui lá receber ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Diz a informação que, após o encontro, o senhor e o Nelson se dirigiram até a Favela...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu fui para minha casa, porque, nessa época, eu morava no Grajaú.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...do São João.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Eu morava no Grajaú. Eu me lembro que eu fui direto para minha casa.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Lá no Complexo da Maré, o senhor nunca...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... levou o Sr. Nelson para lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor utilizava o veículo, a marca, qual era?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Era um Pálio que eu tinha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Um Pálio. Conduzindo um Pálio de cor azul. Era isso mesmo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Era preto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Preto. Qual era a placa?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não me recordo da placa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - AID 5217?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Isso aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É? Pois é. Então, está aqui: *“Objetivando tratar do financiamento de armas e munições para traficantes daquela favela”*. No caso, Favela Vila do São João, no Conjunto Esperança, no Complexo da Maré. Naquele momento, não houve mais notícias até a apreensão do caminhão com contrabando, que se deu lá na Avenida Brasil. Eu pergunto para o senhor, Sr. Oswaldo: o senhor freqüentava a Vila Isabel?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Morei em Vila Isabel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Morou em Vila Isabel?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Morei em Vila Isabel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A residência do senhor é lá?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Era a residência minha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Onde o senhor foi preso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Onde eu fui preso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, certo. E o senhor estava lá na hora em que a polícia chegou. E o senhor foi preso, que havia um mandato de busca e apreensão.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É. Nem mandado de prisão tinha. Tinha mandado de busca e apreensão.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E aí o que eles encontraram lá com o senhor?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Encontraram meus 2 carros. Eu vou repetir novamente o que eu já falei para a Excelência aqui: meus 2 carros que não foram nem pagos ainda, estou devendo, e 23 mil reais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mais alguma coisa que eles encontraram?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nada, nada, nada, nada. A minha casa não tinha nada, nada, nada; nem mercadoria. Tinha mercadoria que eu trouxe do Paraguai, mas era besteira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Telefone celular, não levaram telefones celulares?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Levaram telefone celular também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quantos?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Levaram o meu, da minha mulher, da minha filha — levaram 3 dos nossos telefones.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E documentos? Quais foram os documentos que levaram?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Levaram a minha identidade, CPF, tudo. Já devolveram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, assim, algum outro documento, além da identidade? Um relatório?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Algum recibo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor, não tinha recibo de nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor continua. O outro veículo que o senhor possuía era ...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Um Renault.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Um Renault.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Um Renault 95 ou 94.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esses 2 veículos foram confiscados?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Foram confiscados.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E estão em domínio da União?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não podem nem ir para os bens da União, porque eu estou devendo. A União não pode nem confiscar eles, porque eles não foram pagos, eu estava devendo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei. Mas a Justiça definiu o perdimento desses para a União. O senhor mesmo vai ter de pagar, mas, esses, pela Justiça...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. A União não pode confiscar os bens, senhor, porque não foi pago, não é meu, não me pertence.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas estava em nome do senhor.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Estava no meu nome, mas não me pertence, porque eu não paguei e a União não pode confiscar o bem, os 2 carros.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Veja, isso aqui quem diz não é mais a polícia; quem diz agora é a Justiça: *“A prisão dos acusados foi em flagrante, autorizando a apreensão de todos os instrumentos do crime, bem como aqueles reputados como produto do ilícito, não sendo necessário qualquer mandado de busca e apreensão”*. E aí: *“Apreensão de milhares de cartuchos de arma de fogo e dezenas de granadas”*. Esse caso aqui foi no caso do Alexandre, que foi encontrado. *“A autoria restou demonstrada, não sendo invalidada porque fincada em depoimentos de policiais federais que levaram a cabo a investigação”*. Mesmo assim, o senhor continua negando tudo, dizendo: *“Eu fui para o Paraguai, mas era para trazer contrabando para vender no Rio de Janeiro”*. É isso mesmo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É isso, sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Oswaldo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor é azarado de amigo, não? O Vilson...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. É Nelson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Vilson diz que...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Vilson?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É Wilson.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Wilson Vasconcellos. O Wilson diz que estava tentando traficar para a Europa, que até nem sabe se conseguiu ou não.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu já sabias desse detalhe também?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não sabia. Senhor, deixa eu explicar para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. Eu já vou te ouvir.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tá ok.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Vilson disse que estava tentando traficar para a Europa. O Nelson, irmão dele, é pego com 50 granadas e 20 mil — não sei se 20 mil, mas milhares de cartuchos, a reportagem fala em 20 mil e talvez não tenha sido uma conta exata assim, mas milhares — cartuchos para fuzil. Sabe o que granada e cartucho para fuzil fazem na mão de traficante?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Claro que eu tenho idéia; claro que eu tenho idéia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso mata polícia, mata gente de bem, mata um monte de gente. E não é pouco, não, cinqüenta granadas. E cada granada dessas — eu vi o laudo —, cada granada, num raio de 5 metros, destrói tudo aí. Quer dizer, não é um negócio pequeno, não. Um raio de 5 metros é um negócio grande. Então, é de um poder de fogo violentíssimo. esse era teu amigo também, compreendeu?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, mas... O senhor não acabou ainda não, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o próprio Alessandro, inclusive, é teu amigo também.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, o Alessandro, eu não tinha muita amizade com o Alessandro, não. A amizade era mais com o irmão dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A maior amizade era...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Era com o irmão dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas era amigo também. Tu foste até na casa e tudo mais.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Amigo, mas não era amigo que nem o outro era meu amigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O outro era mais ainda.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mais meu amigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O outro era mais. E, no entanto, com todas as provas, por que tu foste condenado? Porque tu falas uma coisa e as provas dizem outra.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Excelência, o que eu falei para o juiz, eu estou repetindo aqui para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E vê que não deu certo com o juiz, não vai dar certo aqui também. Vai dar errado também.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, mas é a realidade. Foi o fato que aconteceu comigo. Agora, o senhor disse o negócio do Wilson, que o Wilson ia traficar na Europa. Eu tenho diversos amigos. Agora, o que eles fazem é problema deles. Eu não quero saber o que eles fazem. Como também o que eu faço fica restringido a mim. Eu vou chegar para o meu amigo e vou falar "*eu matei 10 agora.*" Pô!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Wilson fechou a casa de câmbio, por quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem idéia?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não tenho idéia não, senhor. Não tenho a mínima idéia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu sabes como era o nome da casa de câmbio?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não me recordo não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não se recorda?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não me recordo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu vou pedir depois à Polícia Federal que peça para o Wilson o nome da casa de câmbio da qual ele era dono, por favor.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nessa ida do senhor para o Paraguai, alguma vez, a Polícia prendeu o senhor por contrabando?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como é que o senhor conseguia isso com tanta facilidade? Entrar...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É como eu acabei de explicar aqui, agora. Geralmente, quando a gente vai de ônibus, um ônibus avisa o outro quando tem fiscalização.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, é assim, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Então, eu saltava. Eu não tinha pressa. Eu queria é chegar com a minha mercadoria aqui. Então, eu soltava ficava 2 dias, 3 dias no hotel. Depois eu pegava outro ônibus e vinha embora com tranquilidade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca, nunca...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, perdi. Já perdi mercadoria. Já perdi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, onde? Na viagem ou...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Na Receita Federal, na rua.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas no Rio de Janeiro.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Perdi em Medianeira onde tem o negócio da Receita Federal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor tem advogado, não tem?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor. Estou sem advogado. Já estou condenado, não tenho advogado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem. Mas teve advogado?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tive advogado. Tive.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem é que fez o pagamento do advogado. Quem pagava as contas do advogado?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem pagou foi o Nelson Siton, porque eu não tinha um tostão, como até hoje eu não tenho. Então, o advogado cobrou um preço que ele tinha dinheiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi o Nelson e esse outro...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o Ricardo Dantas? Tu conheces o Ricardo Dantas Valente?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Conhece não? Foi preso na mesma operação lá contigo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah, nessa operação agora, nessa última agora?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Pô, de 21 ou 22 que foram presos eu conheço só 4 pessoas ali. Conheço o Wilson, conheço o Valtinho, conheço o...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Valtinho é o Nelson?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não tem nada a ver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É outro, é outro.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É outra pessoa. É que eu estou nesse processo agora que me colocaram por causa do meu telefone que tinha junto com o Wilson, na agenda dele, o meu telefone.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu conheces o Wilson, o Valtinho. Quem mais que tu conheces desses 20 e poucos?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O... Agora, não me recordo o nome dele. Me vem a memória, mas não me recordo do nome deles não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não conhece o nome aí. O Ricardo mesmo tu nunca viste, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O Ricardo, nunca. Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, tu conhecias... O Wilson morava no Botafogo, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ele morava, não; ele mora em Botafogo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A casa de câmbio dele era onde?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Em Copacabana, na Princesa Isabel.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Funcionou até que ano mais ou menos?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah, não me recordo, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso não tem problema. Isso é só pedir lá para o negócio e a gente sabe, não é? Aqui tem o nome do pessoal. Valter Rodrigues de Oliveira. Esse deve ser o Valtinho, não é isso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O Valtinho, é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vilson Vasconcellos, tu conhecias também.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vilson Vasconcellos.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, esse eu não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Wilson, Wilson.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah, o Wilson, o Wilson. O senhor está falando Vilson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É porque é com "W". O Waltair Julião Tostes, conhecias?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Carlos Alberto Fernandes Victorio.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Luiz Arouca Marques.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Marco de Almeida Dalate?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Willians Santos da Silva.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Reinaldo José de Almeida.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Orizonina Siqueira Rodrigues.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Rachid Masmoud.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essa daqui deve conhecer.
Teresa Maria Sá Lisboa.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é a Teresa? Não é a Teresa que tu dissestes que encontravas e tal?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu disse isso aqui para o senhor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Nem sei quem é Teresa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Rodrigo de Sá Lobo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, também não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vagner Gomes Calandrini.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Esse eu conheço, Vagner.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É? De onde é esse Vagner?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu conheço de Copacabana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Copacabana também. Ô, Copacabana danada essa!

João Zarif Tannus?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - John White Júnior?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Leonardo dos Santos Aquino?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - João Marcos de Souza Costa?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Oroedes Albuquerque?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Marcelo Albuquerque?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o nigeriano...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu nem disse o nome ainda! Como é que não conhece?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O senhor falou "nigeriano", e não conheço nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas de repente...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não conheço nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Charles?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não conhece, não? Que é que esse... É o Vagner que tu conheces, é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, o Vagner e o Gino. Gino, não é? Não tem um nome aí, o nome Gino? Agora me lembrei, o Gino eu também conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E conhece de onde?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - De Copacabana, porque ele tem uma casa de... Aliás, eu estou devendo até dinheiro a ele ainda, porque eu comprei um cordão com ele e não acabei de pagar. Vim preso e não paguei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele tinha casa de quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - De ourives.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De ourives?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ele lidava com ouro. Ele lidava com ouro, aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que esse pessoal foi todo preso? O que o pessoal falava?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Aí eu não sei explicar ao senhor. Aí eu não sei explicar. Isso aí... quem manteve contato telefônico com Wilson foram todos relacionados pela Polícia Federal aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Todos os que tinham contato com Wilson?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Com Wilson por telefone. Por telefone.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então Wilson é que coordenava o negócio de...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não sei se ele coordenava alguma coisa. Eu não sei explicar ao senhor. É que eu não andava com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele disse que andava volta e meia contigo. Estavam sempre juntos, em rodinha e tudo.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele está mentindo, então?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Se ele falou que anda em rodinha comigo, não, comigo não andava. A gente andava junto em Copacabana, sim, porque em Copacabana, ali na Ronald de Carvalho, tem uma praça. Então, todos os aposentados, já coroas, ficam jogando baralho o dia inteiro ali. Jogando buraco, canastra. Ficam jogando ali, na praça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é, e tu ficavas ali também, junto com eles.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ficava ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ali é que se conheciam, ali.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ali se conheciam as pessoas todas, ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E dá grana esse negócio de compra e venda, assim, do Paraguai?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Se supervender dá dinheiro, 100%.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dá 100%?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Dá 100%. Dá dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E junto com essas mercadorias de vocês — porque volta e meia eu vejo, nas apreensões — tem droga, tem arma, tem munição?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. No meu, nunca. Nunca! Nunca trouxe nada, nada, nada de munição ou droga. Ainda mais droga. Eu detesto esse negócio de tóxico! Detesto tóxico!



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que tu sabes se o ônibus não está trazendo, o teu ônibus?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Trazendo para quem? Para outros?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah, não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, porque geralmente no grupo em que a gente viajava a gente já sabia quem era e quem não era. No grupo a gente já sabia, já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que tu sabias se o cara era traficante de arma ou não era?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. Quem trazia... Porque geralmente viajo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O cara se apresenta para o grupo: olhem, eu sou traficante de arma?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Viajam 10 camaradas um ano, 6 meses, 5 meses. Então a gente já se conhece, já. A gente já sabe que fulano não mexe com isso, não mexe com aquilo. Então, a gente viaja tranquilo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas no ônibus são 40 lugares.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas não vão 40 lugares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, são 10.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, vão mais de 10, mas não vão 40. E geralmente o grupo é quase todo conhecido. Geralmente eu saía daqui às quartas-feiras. Então, era aquele grupo certo, já sabia, já. E mesmo assim, se fosse pego, na hora em que a Polícia Federal pára, que a Receita pára e revista, vai achar alguma coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, toda vez que tu fostes a Foz tu voltastes de ônibus?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Todas elas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De sacoleiro?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Todas elas.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Toda vez?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Toda vez.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nunca voltastes num ônibus de linha, nem em avião de linha?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, eu voltava de ônibus de linha, da Pluma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Da Pluma?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Da Pluma. Eu vinha na Pluma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De avião tu nunca voltastes de Foz?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não, eu nunca vim de avião, não. Eu vim uma vez só, porque eu trouxe pouca mercadoria. Eu vim uma vez.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Veio de avião?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Joguei com a sorte na bolinha; caiu verde, vim embora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas tem bolinha onde, de avião?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Lá no aeroporto, na hora em que eu estava passando na Receita Federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Lá em Foz?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Em Foz do Iguaçu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí tu jogastes com a sorte na bolinha?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Joguei com a sorte e passei. Passei com 2 filmadoras e 1 vídeo. Até me recordo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E só no negócio da bolinha, aí? Oswaldo, tu tens que melhorar a história, Oswaldo, porque não convenceu.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, a história é essa. O senhor pode ter certeza...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não convenceu o Judiciário, e duvido que tenha convencido algum membro desta CPI aqui.



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah, sim, senhor. Concordo com cada um quanto àquele problema. Agora, o que ocorreu eu relatei aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vai morrer dizendo isso, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas é claro. Eu vou dizer o quê? Está tudo... O que eu disse para o juiz eu disse aqui para o senhor. A mesma coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o contato com aqueles 2 traficantes tu não vais assumir nunca, não é? Porque tu não és louco.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, porque eu nunca estive com eles, não é? Como é que eu posso afirmar um negócio...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está solto esse cara, esse traficante com que dizem que tu fazias contato?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem? Não sei quem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esse que disseram que tu fazias contato. Ele está solto ou está preso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei, não sei explicar ao senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Era interessante ver, não é? Porque de repente o cara está preso e estavam dizendo que tu estavas fazendo contato com ele no morro.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, pode ocorrer isso também, mas não acredito que esteja preso, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não acreditas que esteja preso, não?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É porque no meio carcerário a gente sabe notícia todo dia de quem está preso e quem não está preso, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu não acreditas muito que ele esteja preso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não acredito, porque no meio carcerário a notícia corre rápido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E esse tal de Bravo?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Esse morreu. Esse foi notícia no jornal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esse morreu? E o Linho?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Linho é o chefe do Terceiro Comando?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei, não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E nem vai dizer, não é doido. Não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, se eu soubesse eu falava. Se eu soubesse eu falava. Apesar de eu estar preso, é o Terceiro Comando. Se eu soubesse eu falava, não é nada demais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De onde tu estás preso é o Terceiro Comando que cuida?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É o Terceiro Comando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É? Ele toma conta lá? Como é esse negócio de tomar conta?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não toma conta, não. Cada um vive a sua vida, só que tem de ter a facção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas tu dizes que lá é o Terceiro Comando.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É o Terceiro Comando, é a cadeia do Terceiro Comando. Todos os que se encontram lá são do Terceiro Comando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu, sabendo de alguma coisa do Terceiro Comando, contas para nós aqui?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, deixe eu explicar por que é que eu fui parar lá. Eu fui parar lá porque sou neutro, não tenho facção nenhuma, não tenho ADA, não tenho... Eu não sou do Comando, não sou de nada. Então quem é neutro, a pessoa que é neutra se dirige para esse setor. Como sou neutro me dirigi para esse setor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah, era a GW Turismo que era de Wilson, não é?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei, não me recordo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Era na Princesa Isabel?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - GW Turismo, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Wilson já mexia com negócio de troca de dólar há algum tempo?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Quem?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Wilson, não é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, Wilson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Coincidência, não é? Tu eras... O pessoal disse que tu eras do Terceiro... vinculado ao pessoal do Terceiro Comando, e coincidentemente tu estás numa cadeia que é do Terceiro Comando.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, é o que eu acabei de explicar aqui ao senhor. Eu sou neutro. A pessoa, quando é neutra...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O negócio é organizado, não é? Estou aqui percebendo...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - A pessoa, quando é neutra, ela se dirige para o Terceiro Comando por ser uma facção mais.. que aceita quem é neutro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quando é neutro não vai para comando nenhum, rapaz.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Se for para o Comando Vermelho, morre; se for para o ADA, morre. Então, como não quero morrer, fui para o Terceiro Comando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu morres por quê? Por que é do Terceiro Comando?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu sou neutro. Eu não tenho facção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Veja como é a organização. Estou impressionado com isso, Oswaldo, estou impressionado, porque a acusação é de que tu fornecias arma para o Terceiro Comando, e o Terceiro Comando te botou num lugar onde tu tens a proteção do Terceiro Comando. Quer dizer...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não tenho proteção, o senhor se engana, ninguém tem proteção lá. Ninguém protege ninguém.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Veja como foi interessante. Essa parte aqui foi muito interessante. Veja a que nível nós chegamos de ser comandados por facções criminosas.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas quem não sabe disso? Todo presídio tem essa facção. O senhor vai ao Bangu, o senhor vê. Bangu I é comandado pelo Comando Vermelho, Bangu III é comandado pelo Comando Vermelho, Bangu IV é comandado pelo Comando Vermelho. Todos eles são. O Brasil inteiro sabe disso, que tem facção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Diz aí, diz aí que comando comanda aqui?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não vou dizer nada porque não quero morrer, Excelência. Está tudo certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, mas tu acabaste de dizer...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Todos eles são comandados. A Polícia sabe, todo o mundo, o Brasil inteiro sabe quem comanda os presídios. Então, eu vou para um em que eu possa não morrer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em Bangu I é o Comando Vermelho, é?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não sei. Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem algum presídio que não comanda nenhum comando desse?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Todos eles são comandados, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Todos eles têm o comando de um negócio desses?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Todos eles são comandados. A Polícia sabe disso. A Polícia, a VEC, todo o mundo sabe disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A Secretaria de Justiça tudo sabe?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Tudo sabe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sistema penitenciário, tudo?



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Todos sabem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E como é que fazem, por exemplo, para... O cara é protegido, o cara é do Comando Vermelho, aí eles botam na facção do Comando Vermelho? É isso?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não. É isso. Não, deixe-me explicar....

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É isso ou não é? Tu dizes: "é isso", "não", "é isso", "não", aí eu não sei.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Eu não tenho facção nenhuma. Eu sou neutro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu não estou falando no seu caso.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Deixe-me explicar. Vou chegar aonde o senhor quer. Eu sou neutro, eu não tenho facção nenhuma. Então, o que ocorre? Eu não posso ir para o Comando Vermelho porque corro risco de vida; eu não posso ir para o ADA porque corro risco de vida; então, o que me resta? Resto o Terceiro Comando, que é o mais leve. Mas eu não sou do Terceiro Comando. Eu sou neutro, mas eu tenho que ir parar onde...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor disse que não pode ir para esses outros presídios porque o senhor corre risco de vida.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - De vida.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por quê?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Porque eles não aceitam quem é neutro. Eles não aceitam neutro. A pessoa que não é nada eles não aceitam.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor podia ficar lá e...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não. Não fico, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...eles aliciarem o senhor para ser do Comando Vermelho.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, não fico, não, senhor. Eu fico num lugar onde eu não faça parte de nada. Eu sou neutro, eu não faço parte de nada.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, o senhor falou o seguinte... o senhor disse: *“Todos os que estão no presídio onde eu estou são do Terceiro Comando”*.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - É, do Terceiro Comando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Viu esse negócio, como é interessante?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Todos?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu acho que a declaração mais importante que ele deu hoje foi essa, de tudo que foi falado.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas todo o mundo sabe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Que o Terceiro Comando, que a acusação...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Até a Polícia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só um pouquinho, depois tu falas. A acusação é de que ele fornecia arma para o Terceiro Comando, e coincidentemente ele está num presídio comandado pelo Terceiro Comando. Quer dizer, esses comandos, eles comandam fora e comandam dentro. Isso é uma coisa totalmente inadmissível! Eles não poderiam comandar coisa nenhuma, a verdade é essa! Fica ridículo, quer dizer, isso que ele disse agora, se ele foi para um presídio do Comando Vermelho, ou... Quais são os outros? Comando Vermelho, Terceiro Comando? Quais são os outros?

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - O senhor sabe, Excelência. Todo o mundo está cansado de saber os comandos que dividem o Rio de Janeiro, as facções criminosas. Todo o mundo está cansado de saber, todo o mundo sabe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, mas que inclusive determina o local onde o cara vai cumprir a pena, isso é de lascar! É um negócio que deixa...

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas ou a pessoa vai ou morre.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É por isso que uma pessoa que vai para um lugar desses... Quer dizer, ele trabalhava para o Terceiro Comando, vai cumprir pena no Terceiro Comando, aí tem que vir aqui...



O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Mas eu nunca trabalhei para o Terceiro Comando. Eu nunca disse isso para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, eu estou dizendo que a acusação é essa. Não estou dizendo que o senhor disse.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Ah, a acusação. A acusação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A acusação é essa. Aí vem aqui e vai ter que voltar para o presídio do Terceiro Comando. Como é que ele vai denunciar qualquer coisa? Quer dizer, é complicado. O sistema tem que mudar, ou então esses comandos vão continuar persistindo. Quer dizer, ou se muda o sistema nesse sentido, ou então não adianta. Ou então nós vamos ter...

Essa foi a denúncia mais grave que tinha aqui.

Algum Deputado quer fazer alguma outra pergunta à testemunha?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele disse que se fosse para um outro presídio ele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Seria morto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...seria morto. Eu pergunto se ele sofreu alguma ameaça alguma vez.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Não, nunca. Nunca fui ameaçado, graças a Deus, de nada, nada, nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, a partir dessa declaração, eu não preciso nem conversar mais com ele. De mim, desta Presidência, a testemunha está dispensada, a não ser que os Deputados queiram alguma coisa.

Então, está dispensada a testemunha. Muito obrigado.

O SR. OSWALDO FERREIRA DE OLIVEIRA - Obrigado e boa tarde para todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É impressionante! Vamos convocar o último depoente de hoje. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - *(Falha de gravação.)* ...sentado à mesa o Sr. Ricardo Dantas, como oitiva de testemunha. E eu solicito que o senhor preste juramento, se assim desejar e quiser, conforme o art. 203 do Código Penal. Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto ao depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim



descrito no Código Penal: fazer afirmação falsa, ou negar, ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete, em processo judicial, policial ou administrativo, ou em juízo arbitral.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Eu faço sob a minha palavra de honra a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Sr. Ricardo Dantas, esta Comissão está investigando o tráfico de armas no Brasil. Do ponto de vista do Regimento, o senhor tem 20 minutos para poder dizer sobre a situação em que o senhor se encontra, e historiar tudo que o levou a estar convocado nesta CPI na condição de testemunha. Por 20 minutos o senhor tem o microfone à sua disposição.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Em relação ao tráfico de armas? Eu nunca mexi com armas. Não conheço, não tenho nenhuma ligação com armas. Vim aqui pensando até que iria falar sobre o meu processo, onde estou envolvido em tráfico internacional de drogas, e não de armas. Não conheço nada sobre armas. Mas estou disposto a responder as perguntas que me forem feitas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Se o senhor quiser, o senhor pode falar também sobre essa situação em que o senhor se encontra, que é a questão do tráfico de armas. Nós ouviríamos o senhor também.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - De armas nunca...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Não, desculpe, de drogas.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Sobre o meu processo, não é, senhor?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Exatamente.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - O que está acontecendo de irregularidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - E as circunstâncias que o levaram a estar detido e preso neste momento. O senhor fique à vontade para contar o que ocorreu, e o processo em que o senhor está sendo...

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Perfeito. Bom, eu fui preso dia 14 de outubro, na minha residência em São Conrado. Fui preso dia 14 de outubro. Às 6 da manhã invadiram minha casa em São Conrado, a casa em que eu moro, que é uma casa alugada, e é uma casa que também funciona como meu comercial. É uma casa



de eventos, de festas, onde faço casamentos, 15 anos e eventos desse tipo de porte. Depois vim a saber que estava sendo preso por tráfico de drogas, associação ao tráfico, e internacional: o 12, o 14 e o 18. E comecei a ver o que é que ia acontecer. Já começaram me levando para a Polícia Federal, e meu advogado chegou às 11h da manhã à Polícia Federal, ficou até às 5 da tarde na Polícia Federal, pedindo para que eu fosse ouvido, com interrogatório, e eu não fui ouvido. Às 5 da tarde ele saiu, e me levaram para uma sala de interrogatório, onde tinha até um outro policial filmando todo o interrogatório, só que ele ligava e desligava a filmadora, e durante quase 2 horas eu fui agredido, espancado por um agente policial ao qual eu pedi ao juiz depois, em depoimento, pedi que fizesse uma acareação para que eu apontasse o policial que me agrediu, e ele, o juiz negou, falou: *“Não, se você quiser abrir inquérito contra os policiais, você vai à Corregedoria e faz isso”*, ao advogado que perguntou. Então, eu fui agredido durante quase duas horas com socos na cara, algemado, e, sentado na cadeira, ele me batia pelas costas. E o delegado, para que não presenciasse — e alguns fatos ele presenciou —, ele toda hora saía da sala e voltava. Foi até quando meu advogado, no interrogatório, ao delegado, perguntou a ele: por que o senhor saía toda hora da sala? Porque todos os interrogados, a maior parte apanhou na Polícia Federal; só que eu tenho 2 laudos de que fui agredido, e esses laudos não se encontram há 7 meses no processo. O advogado já pediu, tem o protocolo do laudo, onde consta hematoma no meu rosto, escoriação, e o laudo não aparece, e o juiz não faz nada para que apareçam realmente essas agressões. Então, eu queria... eu queria... eu vim aqui pensando que fosse alguma coisa em relação ao meu caso, a esse caso de tráfico em que eu estou envolvido, e não armas. Mas, já que estou aqui, eu tenho de aproveitar para ver que se possa fazer alguma justiça em relação a isso. Eu fui preso por escuta telefônica, e o Sr. Ricardo Molina, eu pedi a ele, e ele periciou as fitas, os CDs, e não encontrou a minha voz, à qual existem conotações com droga. Eu pedi ao juiz também: o senhor pode fazer uma perícia de voz para constatar que essa voz não é minha? Ele negou também a perícia de voz. Então, o que eu estou achando é que está havendo realmente uma perseguição, que ele está querendo me condenar de qualquer jeito, que com certeza vai me dar mais de 20 anos de cadeia, e eu não estou tendo... Tudo que meu advogado pede ele nega, ele indefere. Nós estamos agora com 11 *habeas corpus* no Rio de Janeiro e em Brasília, porque tudo



que ele nega a gente tenta entrar com *habeas corpus* para ver se consegue, através de outros meios, a verdade. Então, no que tenho a falar, sobre armas eu não posso ajudar em nada, mas sobre isso que eu estou passando, é isso. E há o fato de o delegado toda hora sair da sala e voltar. Ele já voltava dizendo: “*Você já está pronto para falar?*” E não só comigo; com os outros presos foi a mesma situação, tanto que todos relataram, nesse caso todos relataram que foram agredidos, que tiveram as famílias ameaçadas: “*Se você não acusar o fulano eu vou prender sua mãe, vou prender seu filho*”, e eu acho que isso é uma arbitrariedade. Então, eu estou no lugar certo para falar isso, para poder tentar aqui... Se vocês aqui não puderem ajudar, eu não sei quem é que poderia ajudar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor é empresário de que ramo?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Eu tinha restaurante e essa casa de eventos, de festas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E, antes de o senhor ser um empresário, o senhor trabalhou em quê?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Eu fiz comunicação na faculdade PUC e tive um restaurante em Ipanema, tive uma casa noturna em Búzios, sempre ligado a casa noturna, a restaurante.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor é acusado de tráfico internacional de drogas.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Exatamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o seu...

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - E acusado de financiar...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Financiador.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Agora, eu não posso ser um financiador se eu tenho meu nome sujo em SPC e SERASA, e eu pedi ao juiz que fizesse uma diligência para levantar os meus bens; eu não tenho nenhum bem. Eu não tenho um apartamento, eu não tenho nada. Estou sendo despejado...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por que o senhor tem seu nome sujo?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Porque eu não tenho dinheiro, não tenho condições. Eu vivo relativamente... Vivia — não é? — até ser preso, mais ou menos. Então, a casa em que faço meus serviços de festa é uma casa alugada de onde eu estou sendo despejado há 2 anos. Há 2 anos já tem uma ação de despejo.



Eu fui preso há 7 meses. Se eu fosse financiador de drogas, eu teria algum bem. Eu não tenho um apartamento. O juiz não quis fazer diligência; então, eu e meu advogado nos prontificamos. Eu levei SPC, SERASA. O apartamento onde eu vivo, que é de quarto e sala no Humaitá, eu levei para ele o documento dizendo que o apartamento não é meu e estou sendo despejado também, que mês passado chegou um ação de despejo por falta de pagamento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Então, eu não posso ser um financiador, porque eu não tenho a mínima condição.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse, no depoimento, que o senhor foi torturado e espancando por um policial

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - E falei isso para o juiz. Exatamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor poderia caracterizar o policial?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Com certeza.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como é que ele era?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Eu pedi a acareação até para poder...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas como é que era o policial?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Louro, novo, com cabelo cacheado. E não só eu como outros...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alto? Como é que era? Magro?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, estatura média, 1 metro e 75.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tinha algum sinal que o senhor identificou?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, mas ele estava na sala de interrogatório, e só tinham 3.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, se o senhor identificou algum sinal nesse policial, alguma coisa que o caracterizasse?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, não dava, porque, senhor, ele ficava por trás de mim, e eu algemado. E ele: "*Senta aqui*". Aí me fazia uma pergunta. Eu dizia: "*Não, não conheço, não sei*", e levava um soco de mão fechada na cara.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que não estava sabendo por que foi convocado aqui para tratar da questão de tráfico de armas, só que o



senhor foi acusado de ser financiador, e o dinheiro que era conseguido com o tráfico...

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - De armas?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...de drogas era feito lavagem, de drogas, era para comprar armas de fogo na Argentina.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Eu? Deus me livre! Nunca mexi com arma. Nunca tive nada de envolvimento com arma. Não sei nem o que é um...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhece o Sr. Wilson Vasconcellos?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não conheço, e por sinal, no meu processo, na denúncia, tem uma ligação minha com ele. E ele mesmo disse: "*Esse Ricardo que ligou para mim não é você. É o tal do Ricardo fulano*" — outro nome de Ricardo. Tem 4 ligações de pessoas distintas que eles dizem que são minhas, e não sou eu. Não conheço o Sr. Wilson, não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, dizem que esse Wilson Vasconcellos... da qual também... segundo a informação, o senhor faria parte dessa quadrilha internacional.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Que essas armas eram vendidas no Complexo da Maré e no Morro do Turano.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca entrei numa favela. Nunca entrei numa favela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca entrou numa favela?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca. É o meu nível. Graças a Deus, eu sou formado, e tenho a minha faculdade e tudo. Eu nunca me envolvi com gente de favela. O meu nível... Eu trabalho com essa escola de samba no Rio de Janeiro e faço eventos para Escola de Samba e tudo. E sempre fui ligado a artistas, a pessoas de bom nível. Nunca me envolvi...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhece o Sr. Leonardo dos Santos Aquino?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, senhor. Está preso lá na Água Santa, onde eu estou preso, no Rio de Janeiro. Nunca havia visto esse rapaz até o



dia em que chegou à Polícia Federal, e eu olhei assim e falei... conhecia 2 ou 3 pessoas...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alguma vinculação do senhor com máquina caça-níquel? O senhor teve algum negócio?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca. Nunca tive nada disso. Nunca tive nada de caça-níquel. Nunca mexi...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Com esse Leonardo...?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nem com ninguém. Nunca tive máquina de caça-níquel.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor era mesmo diretor da Escola de Samba Grande Rio?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - É, diretor de eventos, entendeu?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas como? Explique: o que é que o senhor fazia nessa Grande Rio?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - É, nós, para... Junto ao carnaval... O carnaval é em março; então, eu fazia eventos em dezembro, janeiro e fevereiro no clube Monte Líbano, na Zonal Sul do Rio de Janeiro, e eventos de grande vulto, de 5, 6, 7 mil pessoas, e eu era um dos organizadores e divulgadores da escola de samba na Zona Sul. Então, meu papel sempre foi de divulgação da escola de samba, de organizador de eventos, sempre; por isso é que tinha restaurante, tinha casa noturna e tudo, porque sempre fui ligado e muito bem influenciado, enturmado na Zona Sul.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No momento da sua prisão, o senhor estava em casa, não é?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Dormindo com a minha esposa, grávida de 8 meses.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Acordei, abri a porta para os policiais normalmente...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E levaram algum objeto, algum documento, celular?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não tinha nada. Não tinha nada na minha casa. Olharam a minha casa inteira. Eu estava na casa em que eu faço as



festas, que também é uma casa normal. Estava eu, meu filho, minha esposa grávida, os 2 filhinhos da minha esposa, que ela tem 2 filhinhos do primeiro casamento, de 10 anos de idade. Da minha casa não levaram nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor já esteve no Paraguai, já?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca fui ao Paraguai.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Argentina?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Fui à Argentina.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Argentina? O que o senhor foi fazer na Argentina?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, eu não fui à Argentina, eu passei pela Argentina. Eu Fui a Porto Iguaçu, o cassino Porto Iguaçu, em Foz do Iguaçu. Fui agora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, foi lá em atividade de eventos ou com alguma...?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, fui num dia e voltei 2 dias depois, ou no dia seguinte. Fui ao cassino, como fui ao Uruguai, como às vezes vou a Punta del Este com amigos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já esteve na Europa?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Já, já estive na Europa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Onde o senhor esteve?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Estive em Portugal, em 2000. Estive... Estive só em Portugal e... Holanda, 7 meses atrás.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Holanda? Espanha também?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Espanha devo ter ido, mas não me lembro quando foi, se foi antes ou depois...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor foi em atividade de férias, ou fazer o quê, lá?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Eu viajava. Quando viajava... Às vezes eu viajava com o dono da escola de samba, que é uma pessoa que eu sempre acompanhava aos lugares.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E na Colômbia o senhor esteve alguma vez?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca estive na Colômbia.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque é o seguinte: a acusação é de que essa quadrilha levava cocaína e ela era distribuída em Portugal, Espanha e Holanda.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca fui. Nas vezes em que fui a Portugal e à Espanha, nunca tive envolvimento com nada de droga. Nunca fui à Colômbia. Nunca fui a... Não tinha o que fazer na Colômbia. O que tem na Colômbia para eu fazer?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhece Sônia White e John White Júnior?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca ouvi falar, senhor. Nunca ouvi falar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca ouviu falar? E... esse John White Júnior é filho do norte-americano John Michael White.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Esse rapaz esteve preso comigo quando eu fui preso. Ele foi preso também. E ali fiquei conhecendo — ele, mas o pai e a mãe eu nunca vi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse John, o senhor não sabia que ele usava aviões da Força Aérea Brasileira para traficar cocaína, para ir...?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não. Isso eu vi na televisão quando aconteceu o fato. Isso eu vi na televisão, mas nem sabia quem era. Depois vim a conhecer o filho dele, que foi preso no mesmo dia em que eu fui preso. Naquele dia eu também fui preso. Mas o pai...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Então, o senhor continua negando que tenha qualquer envolvimento com tráfico de drogas e tráfico de armas?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Com certeza. Com certeza. E não conheço nenhuma dessas pessoas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas foi feito todo um trabalho de monitoramento. E por que é que o senhor entrou nesse esquema?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Eu tinha... O único... O monitoramento de telefone, eu tive... Até um dos policiais, que foi a testemunha de acusação no meu caso, ele relatou ao Juiz que teve meu telefone grampeado durante 4 meses, e que durante 4 meses eu não tive uma conversa que tivesse conotação a droga ou ligação ao tráfico. Esse é um policial que se chama Samuel,



que tem 21 anos de polícia. Ele falou para o Juiz, na acusação: *“Eu escutei esse Ricardo durante 4 meses, e nenhuma conversa ele teve com droga, com conotação a droga”,* entendeu? Tanto teve uma conversa que não é minha que o meu advogado pediu a esse outro cidadão, o analista que monitorou, se ele poderia colocar para que a Juíza escutasse ali no computador, e ele foi lá, ficou meia hora e falou: *“Não, eu não achei essa gravação aqui, porque não fui eu que fiz. Quem fez foi um policial aposentado.”* Entendeu? Então, quer dizer, ali tem gravações, nessas que o senhor está dizendo que eu tive... gravações que não são minhas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor tem computador lá no seu... lá no evento, não? Trabalhava com isso aí?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não sei nem mexer com computador, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Fazia toda a organização sem ter uma estrutura?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, não preciso de computação para fazer um evento, uma festa. Não preciso de computação. É mais um trabalho de divulgação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor... pelo seguinte: essas investigações, a prisão do senhor e de outros, foi resultado de um monitoramento, de investigações que foram feitas durante... começaram em dezembro de 2002. Foi um processo longo, ou seja, até se fazer a prisão de um outro envolvido no Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, e a partir daí é que o senhor teria sido também preso, juntamente com outras pessoas. O senhor tinha alguma vinculação com o Aeroporto Internacional?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Tinha um rapaz que já trabalhou no aeroporto. Ele me conseguia passagens GC; é por isso até que eu conhecia viajar mais barato quando eu queria. A GC é uma passagem que a pessoa consegue para tripulante. Para tripulante ela custa 5% do valor. Uma passagem de mil dólares você compra a 80 dólares. Então, eu tive algumas ligações com essa pessoa, que se chama Albuquerque, e que, quando eu ligava, eu falava com ele: *“Consegue para mim uma passagem para tal lugar, para isso e para aquilo”,* e ele conseguia. *“É para duas pessoas”,* e até mesmo dava o nome das pessoas. Entendeu? *“Olhe, eu quero uma passagem para fulano e beltrano”.*



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor alguma vez foi diretor da SATA, no aeroporto?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca. Nunca trabalhei em aeroporto, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nunca foi responsável por liberar malas e pacotes?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Senhor, eu só ia ao aeroporto quando viajava. Nunca trabalhei em aeroporto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca trabalhou no aeroporto?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca trabalhei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só um pouquinho. Esse Albuquerque era Oroedes Albuquerque ou Marcelo Albuquerque?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Oroedes e Marcelo. Pai e filho. Quando eu não falava com um, falava com outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles faziam o que no aeroporto?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Atualmente... Eles trabalharam em companhias aéreas e conseguiam, como eu conseguia algumas vezes com ele, passagem GC, que custava 10% do valor da passagem, e aí é que eu conseguia às vezes viajar para que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas eles eram donos de casa de turismo?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não. Eles são motoristas de uma *van* de carregar pessoas da região dos Lagos para o Rio de Janeiro. São motoristas de... Mas trabalharam anos atrás e tinham conhecimentos no aeroporto, onde conseguiam as passagens mais em conta. Era a função deles. Era um trabalho que eu consegui deles, e a minha ligação com eles é essa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhece... O senhor disse que não conhece Wilson Vasconcellos.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Wilson Vasconcellos eu não conheço não, senhor. Quer dizer, conheci agora, na prisão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhece Waltair Julião Tostes?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, senhor. Não conheço.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Walter Rodrigues de Oliveira?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, senhor. Não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Carlos Alberto Fernandes Victorio?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, senhor... Carlos Alberto eu conheço. Esse Carlos Alberto eu conheço assim: ele freqüentava a casa de festas que eu tenho em São Conrado. É normal. Até tem na gravação... na denúncia minha uma gravação em que eu falo com ele, porque ele uma vez foi à casa de festas e amassou o carro. O manobrista, o *valet parking* — porque eu tinha lá na minha casa, 7 ou 8 *valet parkings*...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então o senhor conhece Carlos Alberto Fernandes Victorio?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixe ele terminar de dizer o que ele estava falando.

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - E ele uma vez saiu da festa e pediu o carro, e o manobrista trouxe o carro dele amassado, na lateral do carro, e eu me prontifiquei... Eu falei: “*Não, o manobrista já ganha pouco, deixe que eu mesmo assumo essa responsabilidade. Traz o carro na segunda-feira, eu levo para a oficina e assim que estiver pronto eu lhe devolvo.*” Tanto que a conversa que eu tenho na denúncia é sobre isso, e eles já diziam que “*não, o carro consertado é droga que você vai mandar, o carro que você vai consertar é droga que você está fazendo*”, sempre deturpando essa... A minha ligação com ele era isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quantos trabalhadores, mais ou menos, o senhor empregava lá no seu... nessa...?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - No meu evento, na minha casa? Eu tinha 15 a 20 seguranças, eu tinha *valet parking*, eu tinha garçons, eu tinha...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Manobristas, o senhor tem quantos manobristas?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Eu não tenho nenhum. Eu contratava uma empresa que me prestava esse serviço, tanto que a empresa de segurança também era a mesma de *valet parking*. Eu contratava para esse tipo de serviço, tanto que depois até pedi que se afastasse o *valet parking*, o manobrista. Eu falei: não quero mais manobrista porque está me dando prejuízo.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E tinha algum desses aqui que era dono de alguma dessas empresas?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, não. Ninguém. É tudo empresário de empresa de segurança, são pessoas não muito... que não têm muito dinheiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhecia ou conhece o Sr. Luiz Arouca Marques?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca. Nunca, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Marco de Almeida Dalate?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Willians Santos da Silva?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Reinaldo José de Almeida?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Orizonina Siqueira Rodrigues?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca vi, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Rachid Masmoud?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Também não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tereza Maria Sá Lisboa Lobo?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Também não. Também não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E Rodrigo de Sá Lobo?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Também não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vagner Gomes Calandrini?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, senhor... Ah, esse Vagner eu conhecia, é um rapaz de Copacabana, mas eu não o via há 4 ou 5 anos. Fui ver...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas conhecia?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Não, conhecia de vista e tal, de "oi, como vai?" Esse rapaz por sinal apareceu na Polícia Federal também, e eu falei: "O que você está fazendo aqui, amigo?" "Não sei." "Você também?" "Eu não sei o que estou fazendo aqui." Eu conhecia assim; não que tivesse nenhuma ligação com ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E João Zarif Tannus?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca ouvi falar, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - João Marcos de Souza Costa?



O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Também não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse Oroedes o senhor conhecia?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Oroedes Albuquerque e Marcelo Albuquerque, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Teve alguma vinculação, alguma relação, algum envolvimento com o nigeriano?

O SR. RICARDO DANTAS VALENTE - Nunca, senhor. Não conheço nem nunca conheci nenhum nigeriano, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não. Pergunto ao Deputado Neucimar Fraga se gostaria de fazer alguma pergunta. Posteriormente, só? Eu gostaria... Foi feita uma solicitação pelo Deputado Colbert Martins, que está ali fora e antes de sair me fez essa solicitação, no sentido de que nós pudéssemos fazer uma sessão reservada com o depoente. Então, eu gostaria de transformar a sessão em reservada, antes colocando a proposta em discussão. *(Pausa.)* Não havendo quem queira discutir, em votação. Aqueles que aprovam permaneçam como se acham. *(Pausa.)* Aprovado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aproveitemos e votemos os requerimentos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Já votamos todos. No intervalo entre um e outro nós votamos inclusive o seu. Então, a partir deste momento, solicito que seja transformada em reservada esta sessão.

(Transforma-se a audiência pública em reunião reservada.)